

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA

LEANDRO JOSÉ DO PRADO

**A IMAGEM DA RÁDIO UNIVERSITÁRIA DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE GOIÁS NA ÓTICA DOS OUVINTES DA  
EMISSORA**

Goiânia  
2008

LEANDRO JOSÉ DO PRADO

**A IMAGEM DA RÁDIO UNIVERSITÁRIA DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE GOIÁS NA ÓTICA DOS OUVINTES DA  
EMISSORA**

Monografia apresentada à Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a conclusão do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

**Área de concentração:** Rádio

**Orientador:** Prof. Edson Luiz Spenthof.

Goiânia  
2008

**LEANDRO JOSÉ DO PRADO**

**A IMAGEM DA RÁDIO UNIVERSITÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
GOIÁS NA ÓTICA DOS OUVINTES DA EMISSORA**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

Monografia apresentada à Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Goiás.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

Banca Examinadora

Prof.<sup>a</sup> Angelita Lima

---

Orientador

Prof. Edson Luiz Spenthof

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, que me guiou com fé e resignação nos caminhos da vida, iluminando-me com sabedoria e saúde durante todo o tempo. Em seguida, agradeço à minha família. Pois, não fosse o carinho e amor da minha mãe Vânia Lúcia, da minha avó Maria Selva e dos meus irmãos Eduardo e Fernando Prado, eu não estaria aqui hoje. Eu também não poderia deixar de homenagear a mulher da minha vida, que sempre me apoiou e acreditou em mim, mesmo quando as minhas forças pareciam se desfalecer e os meus lábios não cessavam de reclamar. Ana Paula, muito obrigado por tudo. Além de todos os meus amigos que fortaleceram a minha alma, os meus pensamentos e o meu coração.

Agradeço ao professor Doutor Edson Spenthof, que com todo esmero possível me conduziu a este momento sublime. Obrigado, professor Edson, por compartilhar comigo uma parte do seu conhecimento, por meio da sua surpreendente sabedoria, do seu didatismo, e pela sua transparência e ética que fazem de você uma referência na área da Comunicação Social.

Muito obrigado aos estudantes, jornalistas, apresentadores, funcionários e estagiários da emissora pela colaboração. Da mesma forma, agradeço ao Diretor da Rádio, Roberto Nunes. Finalmente, muito obrigado aos ouvintes da emissora, pois esta monografia jamais se concretizaria sem a boa vontade e os laços afetivos que eles têm com a Rádio Universitária da UFG.

## SUMÁRIO

	<b>RESUMO</b> .....	06
<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	07
<b>2</b>	<b>O VEÍCULO RADIO</b> .....	10
2.1	SURGE O RÁDIO.....	10
2.2	O RÁDIO NO BRASIL.....	13
2.3	A FISIONOMIA DO RÁDIO.....	17
<b>3</b>	<b>A RÁDIO UNIVERSITÁRIA DA UFG</b> .....	32
3.1	BREVE HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS GERAIS.....	32
3.2	O CARÁTER PÚBLICO DA RÁDIO UNIVERSITÁRIA.....	39
<b>4</b>	<b>ANÁLISE EMPÍRICA</b> .....	48
4.1	METODOLOGIA.....	48
4.2	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	52
4.3	INTERPRETAÇÃO DA PESQUISA EMPÍRICA.....	71
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	82
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	86
	<b>APÊNDICES</b> .....	90
	APÊNDICE A – Ouvinte 01.....	91
	APÊNDICE B – Ouvinte 02.....	101
	APÊNDICE C – Ouvinte 03.....	112
	APÊNDICE D – Ouvinte 04.....	122
	APÊNDICE E – Ouvinte 05.....	135
	APÊNDICE F – Ouvinte 06.....	141

## RESUMO

As investigações que resultaram nesta monografia objetivam saber que imagem os ouvintes da Rádio Universitária da Universidade Federal de Goiás têm da emissora. Esta busca ser uma proposta inédita nos Trabalhos de Conclusão de Curso da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da UFG, visto que estes estudos vêm preencher um vácuo nas pesquisas acadêmicas e na emissora radiofônica da UFG. Nos 46 anos de existência da Rádio Universitária, muitos profissionais, jornalistas, apresentadores e estudantes passaram pelas suas salas de redação e pelos seus microfones. Mas, durante esse “fazer comunicação”, nenhum deles sabia ao certo para quem estavam produzindo. Muitos, provavelmente, têm a impressão de que os conteúdos veiculados na Rádio se restringem à família e aos amigos dos estudantes e apresentadores da emissora. Para romper com estas impressões, surgiu a idéia de trazer à luz o público da Rádio. Esse é o objetivo principal desta pesquisa. Por meio de entrevistas individuais e qualitativas, buscou-se elucidar os interesses, as motivações, o imaginário dos ouvintes da Rádio Universitária. A complexidade da vida cotidiana de um pequeno universo de radiouvintes está presente aqui nesta monografia.

## 1 INTRODUÇÃO

A Comunicação Social tem reunido, ao longo dos tempos, uma diversidade de perspectivas conceituais. São inúmeras e diversas as buscas pela delimitação do seu objeto de estudo. Nesse sentido, as opções metodológicas que visam refletir algumas particularidades dos processos de comunicação também se ampliam e, muitas vezes, entrecruzam-se com outras tantas disciplinas científicas ligadas às demais áreas das ciências Humanas e Sociais.

No Brasil, mais particularmente, observa-se uma grande quantidade de estudos sobre jornalismo, televisão, assessorias de comunicação e pesquisas de recepção das telenovelas, entre outros. Recentemente, no que diz respeito aos estudos de recepção, os saltos teóricos obtidos no Brasil e nos países latino-americanos tem sido bem expressivos. Assim, Mauro Wilton de Sousa (1995) entende que “a concepção dos atores sociais, que antes se baseava na lógica sistêmica, foi rompida para admitir a possibilidade de lógicas específicas, trazendo novas articulações na compreensão da sociedade atual e da comunicação.”

Deste modo, o receptor passa a ser entendido como um sujeito atuante, ativo. Ele passa a ocupar os espaços de negociação, de busca e produção incessante de significação e sentido na vida cotidiana, frente aos espaços de subjetividade das chamadas “mídias de massa”. Os velhos preceitos funcionalistas e o paradigma crítico radical da Escola de Frankfurt, que partem do pressuposto que todo sujeito-espectador é “imbecilizado” e massificado diante dos dispositivos de comunicação, perderam parte da sua fundamentação científica. Esta idéia do “homem-massa” passou a ocupar, no máximo, o espaço do senso comum.

Diante de outra perspectiva, os meios de comunicação, segundo Sousa (1995), são vistos não apenas como um veículo que impõe as suas vontades a um público passivo, mas como “expressão de uma instância pública que indaga e também reconhece os espaços de construção de valores”. Assim, o emissor e receptor se situam dentro dos processos de comunicação não tanto com relação ao canal ou meio, mas com relação às necessidades e problemas. Fazem parte de um mesmo processo comunicacional que se desenvolve em uma dinâmica de negociação de sentido entre produtor e receptor.

Busca-se aqui direcionar os estudos de comunicação para esta linha teórica e metodológica por acreditar que é um campo fértil para exploração. Objetiva-se tentar resgatar a vida cotidiana, a iniciativa e a criatividade dos sujeitos-receptores da Rádio Universitária da Universidade Federal de Goiás como espaço de produção de sentido. A escolha dos ouvintes da Rádio como objeto de estudo se dá devido à escassez desse tipo de trabalho. A imagem que os ouvintes da Rádio têm da emissora, que tem como princípio a natureza pública da comunicação. Além do que, os trabalhos teóricos sobre rádio são pouco explorados pelos estudantes da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da UFG.

Há também o intuito de contribuir para que os apresentadores, jornalistas, estudantes e funcionários, que trabalham na Rádio Universitária, conheçam o seu público, as necessidades, os interesses e a visão que eles têm em relação à emissora. Para quem são voltadas as transmissões da Universitária, quem são esses sujeitos e qual é o sentido que eles dão a Rádio, qual a imagem da emissora na ótica deles na ótica deles? O que faz essas pessoas procurarem a Rádio Universitária em meio à “era da informação” e da convergência tecnológica? Porque o veículo rádio seduz e desperta o fascínio nos indivíduos, desde quando surgiu até os dias de hoje, o que faz dele um poderoso instrumento de comunicação e mobilização social? Com isso, objetiva-se desenvolver alguns instrumentos de reflexão que sejam possivelmente consistentes com o caráter público, educativo e cultural da Rádio Universitária, além das características e especificidades do veículo rádio.

Esta monografia está dividida em três partes. O primeiro momento contextualiza o surgimento do rádio no mundo e no Brasil, a maneira como ele se consolidou na sociedade e se tornou parte integrante da vida das pessoas. As circunstâncias que fazem do rádio um meio de comunicação voltado para a transmissão de conteúdos de informação, cultura e entretenimento, com forte capacidade de interpelação dos indivíduos. Aqui também é abordado o referencial teórico sobre as características e especificidades do veículo, a sua potencialidade de propagação e recepção. Evidencia-se aqui as possibilidades e perspectivas que os teóricos têm da estrutura radiofônica.

A segunda parte está baseada em uma reflexão sobre a Rádio Universitária da UFG como um veículo público, que busca desenvolver uma programação voltada para a formação cultural, educativa e cidadã dos seus ouvintes. Nesse momento, é

mostrado como a Rádio deve se voltar para uma programação diversificada e democrática que seja capaz de atender e dar espaços para as diferentes vozes e demandas sociais, produzindo conteúdos cujo principal objetivo é o interesse público. Com isso, também é relevante buscar critérios teóricos para entender o universo da comunicação pública, que tem sido vista como um conceito ainda em construção e que abrange diferentes significados, interpretações, implicações e potenciais de adoção. Mas que no contexto democrático atual, a comunicação pública emerge como um fator estratégico de negociação entre os diferentes grupos da sociedade e o Estado, e de fortalecimento da identidade, dos valores culturais dos indivíduos e da cidadania.

A contribuição investigativa desta monografia é apresentada na última parte, que se dedica a relatar a pesquisa de campo. Ela foi desenvolvida a partir do método qualitativo, com a realização de entrevistas semi-estruturadas e em profundidade. Busca-se aqui, por meio do trabalho empírico, entender que imagem os ouvintes da Rádio Universitária da UFG, dentro do número de entrevistados definido pela pesquisa, têm da emissora. Nesse momento, procura-se saber quais os interesses, as demandas dos ouvintes entrevistados da Rádio Universitária da UFG e resgatar as suas vidas cotidianas como um espaço de produção de sentido. Objetiva-se descobrir até que ponto o discurso deles coincide ou não com as idéias apresentadas nos capítulos anteriores, principalmente aquele que define a Rádio Universitária da UFG como um veículo de caráter público.

## 2 O VEÍCULO RÁDIO

### 2.1 SURGE O RÁDIO

A contextualização histórica do rádio é importante para evidenciar o poder de mobilização desse meio de comunicação, a maneira como ele se consolidou na sociedade e se tornou parte integrante da vida das pessoas. Estas questões podem ser necessárias para se entender a relação que os ouvintes da Rádio Universitária têm com o veículo rádio. Busca-se, neste capítulo, evidenciar o surgimento da radiodifusão sonora, as características e condições que fizeram do rádio um meio de comunicação voltado para a transmissão de conteúdos de informação, cultura e entretenimento, e com forte capacidade de interpelação dos indivíduos.

O desenvolvimento da radiodifusão sonora, emissão de sinais por meio de ondas eletromagnéticas, concretizou-se devido à possibilidade histórica de uma tecnologia que permite o movimento e o deslocamento destes avanços técnicos para a sua utilização como um meio de comunicação massivo. Assim, segundo Ferraretto (2001), pensar as origens do rádio é percorrer duas linhas de reflexão distintas, mas complementares.

Esta duplicidade é possível porque os princípios físicos e os equipamentos usados no rádio assemelham-se aos da radiotelefonia, mudando apenas os objetivos de transmissão. No telefone, tem-se uma comunicação bidirecional e privada entre duas pessoas. O rádio pressupõe um fluxo unidirecional e público no qual se envia uma mesma mensagem para centenas ou milhares de pontos de recepção. Esta diferença, hoje óbvia, representa um marco na história da comunicação humana. (FERRARETTO, 2001: 79)

A primeira transmissão de som sem fio, a radiotelefonia, foi realizada por Reginald Fessenden e Ernest Alexanderson em 1906. Mas foi David Sarnoff, dez anos depois, nos Estados Unidos, quem teve a idéia direcionar essa tecnologia para torná-la um meio de comunicação massivo, voltado para transmissão unidirecional de música, informação e entretenimento. Após algumas experimentações com sucesso, refletidas na venda de aparelhos receptores, no dia 2 de novembro de 1920, nasce oficialmente a primeira empresa de radiodifusão sonora, a estadunidense KDKA. Tem início uma série de produções, transmissões de

conteúdos constantes e um promissor espaço para circulação de capital. (FERRARETTO, 2001)

Dessa forma, não é adequado identificar o invento da comunicação sem fio com o surgimento do rádio como meio de comunicação de massa. Não foi o invento de uma técnica que marcou sua criação, mas o invento de um determinado uso social para uma constelação de técnicas (a eletricidade, o áudio, a telefonia, a transmissão por ondas, etc.) que se cristalizaram numa nova instituição. (MEDITSCH, 2005: 33)

Segundo Ferraretto (2001), o período do surgimento e expansão da indústria radiofônica está relacionado ao término da Primeira Guerra Mundial. Acabado o conflito, as empresas de diversos ramos, com capacidade de produção superior às demandas de consumo, viram-se obrigadas a redirecionar a produção para outros mercados. Foi nesse contexto que a radiodifusão se tornou um campo economicamente viável, o que ocasionou nos EUA uma verdadeira “explosão” do setor.

Em outubro de 1921 foram registradas 12 novas emissoras; em novembro, mais 9; em dezembro, outras 9. Em janeiro de 1922, 26 novas emissoras entravam no ar. Ao final do ano de 1924, os Estados Unidos já contavam com 530 emissoras de rádio em funcionamento! [...] Na década de 1930, o rádio já trazia o mundo para dentro da casa. (CALABRE, 2004: 9)

As empresas estadunidenses de equipamentos e aparelhos de rádio, na mesma época, começaram o processo de expansão para o restante do mundo. Contudo, o crescimento do setor na Europa e nos demais países se deu de forma mais comedida. Entre estes, pode-se incluir o Brasil, onde em 1923 foi fundada a primeira emissora de rádio, no Rio de Janeiro, por Roquete Pinto e Henrique Morize. (CALABRE, 2004)

Ferraretto (2001) também aponta uma importante distinção entre o modelo de radiodifusão europeu e estadunidense. Este foi caracterizado, desde a sua origem, pelo monopólio das empresas e do capital. Já o modelo europeu de radiodifusão, iniciado pela *British Broadcasting Corporation* (BBC), estatizada pelo governo britânico em 1926, é de origem pública. A BBC foi criada em 18 de outubro de 1922 pela *British Marconi*, juntamente com outros grupos empresariais ingleses. Antes de se tornar uma emissora pública, ela era chamada de *British Broadcasting Company*.

O modelo de radiodifusão que dominou a Europa até os anos de 1970 tinha como princípio o serviço público, independente dos interesses mercadológicos e dos

governos, baseando-se em um estatuto especial de concessão que lhe garantia o monopólio e cujos recursos financeiros eram provenientes dos usuários. No Brasil a influência e o modelo das rádios estadunidenses sempre foram preponderantes. (FERRARETTO, 2001)

Na segunda metade da década de 1930, o rádio, considerado a grande novidade na área tecnológica da comunicação, passou a ter suas características e especificidades exploradas. Como aponta Haussen (1998), alguns países passaram a utilizar o veículo como um importante instrumento político e ideológico. Para Barbero (1997: 267), até os anos de 1950, o rádio era o veículo mais eficaz para mobilização e transmissão de valores de classes e raças; para a integração musical, nacional e na mistificação de ídolos, além da sua capacidade de mediar os processos de articulação entre a tradição e a modernidade, conectando culturas, valores e comportamentos com as exigências das cidades, ou seja, realizando a mediação entre “o mundo expressivo simbólico” e a “racionalidade tecno-instrumental da cidade”.

No século que termina, os exemplos de mobilização pelo rádio são inúmeros. Desde as grandes manipulações do período da Segunda Guerra Mundial, passando por movimentos revolucionários das décadas posteriores, como os da Argélia, de Cuba e da Nicarágua, até por movimentos religiosos. Sem esquecer as mobilizações esportivas e as políticas, como a da “Rede da Legalidade”, quando na década de 60 Leonel Brizola, então governador do Rio Grande do Sul, mobilizou a opinião pública, através do rádio, para garantir a posse de João Goulart como presidente da República. A lição é a de que o sucesso destas mobilizações depende não só da capacidade técnica da utilização do veículo mas, principalmente, das predisposições dos ouvintes, sejam elas psicológicas, sociais, culturais, econômicas ou políticas. (HAUSSEN, 1998: 86)

Nesse sentido, é preciso considerar os diversos tipos de mediações, a pluralidade cultural existente em uma sociedade, os diferentes modos de apropriação e de leituras simbólicas a partir da constituição dos sujeitos nas suas temporalidades e “mestiçagens”, aquilo que Barbero (1997) define como matrizes culturais. Assim, a partir dessa lógica, pode-se entender que o receptor não somente decodifica o que está na mensagem, mas também se coloca como um produtor dessa dinâmica dos processos de produção de significações.

Para Haussen (1998: 87), no que diz respeito à capacidade de mobilização, o rádio continuará a ter o seu espaço na sociedade contemporânea. Isso “significa que, enquanto ele falar a linguagem mais próxima, mais afetiva e mais direta aos

‘corações e mentes’, é uma possibilidade que continuará existindo. Não esquecendo que hoje ele já se encontra na Internet.”

## 2.2 O RÁDIO NO BRASIL

Na sociedade brasileira, o rádio cumpriu um papel estratégico, tanto na vida privada como na vida pública. Foi, em 1922, no Rio de Janeiro, então capital do país, durante as comemorações do Centenário da Independência Brasileira, que o rádio, a mais recente novidade tecnológica de comunicação da época, apresentou-se à sociedade brasileira. Esse período marcou a primeira transmissão radiofônica no Brasil. No ano seguinte, surge a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a primeira emissora radiofônica do país. Apesar de terem se desenvolvido em diversas regiões do país, naquele momento, as emissoras de rádio paulistas e cariocas se destacaram no cenário nacional.

Inicialmente, os intelectuais que lançaram o rádio no Brasil viam no veículo a possibilidade de “elevar o nível cultural do país”. A primeira fase do rádio brasileiro foi marcada, segundo Calabre (2004), por um amadorismo dos comunicadores, que se refletia nas dificuldades financeiras de manter o bom funcionamento das emissoras, na escassez de aparelhos receptores, que eram caros e tinham que ser importados, e na carência de ouvintes. Prevalcia, nesse momento, uma sensação de descrédito quanto à eficácia do rádio como instrumento comunicativo capaz de estimular o consumo e atrair novos clientes.

Esse rádio da década de 1920, com uma programação intelectualizada e de preços altos, terminava sendo ouvido pelo mesmo grupo que o produzia, ou seja, era um veículo de comunicação ligado às camadas altas da população. Os primeiros aparelhos de rádios eram chamados rádios de galena, de escuta individual, feito através de um fone de ouvido. [...] A qualidade de recepção era ruim, pois o sistema de recepção era de baixa potência e de difícil captação. Esse quadro foi sendo modificado ainda na década de 1920, quando começaram a chegar ao Brasil os rádios com auto-falantes, já montados, prontos para o funcionamento. A possibilidade da escuta coletiva por toda a família ou por todas as pessoas presentes nos recintos onde estivessem os aparelhos de rádio aumentou o interesse pelo veículo e deu início ao processo de popularização do mesmo. (CALABRE, 2004: 22)

O começo da década de 1930 marca o processo de profissionalização e popularização do rádio no Brasil. Nesse período, as empresas radiofônicas passam a ter um caráter essencialmente comercial, buscando adaptar suas programações às demandas da sociedade e ao gosto popular. A instalação das multinacionais estrangeiras no território brasileiro, principalmente as dos Estados Unidos, contribuiu para o desenvolvimento das empresas de rádio.

As inovações tecnológicas eram incorporadas ao mercado brasileiro, possibilitando o aumento do consumo de aparelhos receptores. Mas, juntamente com os equipamentos cada vez mais sofisticados, começaram a ser produzidos receptores mais simples, que eram baratos e se tornaram acessíveis a um número maior de pessoas. Estas transformações também atingiram a programação e os conteúdos veiculados.

A introdução de mensagens comerciais transfigura imediatamente o rádio: o que era “erudito”, “educativo”, cultural passa a transformar-se em popular, voltado ao lazer e à diversão. O comércio e a indústria forçam os programadores a mudar de linha: para atingir o público, os “reclames” não podiam interromper concertos, mas passaram a pontilhar entre execuções de música popular, horários humorísticos e outras atrações que foram surgindo e passaram a dominar a programação (ORTRIWANO, 1985: 15)

Na medida em que as empresas se profissionalizavam e o campo radiofônico ganhava maior visibilidade com a presença de anunciantes, foi necessário também criar uma regulamentação específica para o setor de radiodifusão sonora e da transmissão de propagandas comerciais. (CALABRE, 2004).

Segundo Calabre (2004), o rádio, símbolo da modernidade daquela época, invadia os lares, interferia na vida privada, no cotidiano das pessoas, passava a ocupar um lugar nobre nas salas das residências.

A curiosidade e o desejo das camadas populares de possuírem aparelhos de rádio cresciam, e, quando as famílias ainda não podiam ter seus próprios rádios, lançavam mão de uma prática que se tornou corriqueira: a de ser um “rádio-ouvinte”. Era comum que as famílias que tinham aparelhos de rádio os partilhassem com os vizinhos, permitindo que acompanhassem parte da programação. Alguns estabelecimentos comerciais também mantinham aparelhos de rádio ligados como forma de atrair a freguesia. (CALABRE, 2004: 25)

À medida que o rádio se popularizava, passava a sofrer diversas críticas das elites intelectuais que pensavam o rádio como um instrumento para fins educativos e divulgador da produção cultural erudita. A maior parte das objeções estava

relacionada à programação das emissoras populares. Segundo Calabre (2004), os estilos de programas que se destacaram no rádio brasileiro, na década de 1920 até 1960, foram as radionovelas, os programas de auditório, os de humor e de variedade, além das cantoras eleitas “rainhas do rádio”.

Cabe lembrar que estas críticas realizadas pela elite intelectual brasileira não se restringem ao Brasil. Elas foram influenciadas por um conjunto de reflexões que deram origem à “teoria crítica” no século XX e ao conceito de Indústria Cultural. Temer & Nery (2004: 83) comentam que “a escola do pensamento crítico questiona as conseqüências do desenvolvimento dos novos meios de comunicação e transmissão de cultura. Segundo Temer & Nery (2004: 86), os intelectuais dessa corrente analisam que “a produção de bens culturais está inserida em um processo industrial, em um movimento global, que transforma cultura em mercadoria” e determinam “estereótipos e produtos de baixa qualidade”, para satisfazer o gosto do público.

Segundo Ferraretto (2001), no período que compreende 1940 a 1950, considerado “os anos dourados” do rádio, o veículo adquire audiência massiva e se torna a primeira expressão das indústrias culturais no Brasil. Símbolo dessa época “auge” do rádio brasileiro, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, criada em 2 de setembro de 1936, aparece reconhecidamente como a emissora de maior penetração em todo Brasil, com elevados índices de audiência e de arrecadação financeira, tornando-se uma espécie de modelo a ser seguido pelas demais.

Em meados dos anos de 1950, a Nacional tinha uma infra-estrutura impressionante; eram seis grandes estúdios: um exclusivo para radioteatro, um para jornalismo, um palco-estúdio, um para pequenos conjuntos musicais, uma para grandes orquestras e um auditório com 496 lugares. A equipe da emissora era formada por 10 maestros, 124 músicos, 33 locutores, 55 radioatores, 39 radioatrizes, 52 cantores, 44 cantoras, 18 produtores, 13 repórteres, 24 redatores, quatro secretários de redação e, aproximadamente, 240 funcionários administrativos. (FERRARETTO, 2001).

Ainda no final da década de 1950, a partir do surgimento da televisão no cenário nacional, “a era de ouro do rádio” começa a dar lugar a um processo de reformulação da programação irradiada. Passando a dividir as atenções e verbas publicitárias com a televisão, o rádio passa por um corte de verbas e redução do número de funcionários. Na mesma medida, o modelo de rádio hegemônico nas

décadas de 1940 e 1950, gradativamente, transfere-se para televisão: “as radionovelas, os programas humorísticos, os programas de calouros e o *Repórter Esso*”. Dessa maneira, as emissoras radiofônicas passaram a adotar um modelo de rádios locais, com notícias e prestação de serviços à população, músicas gravadas e esportes. Aquelas emissoras que tentavam se posicionar alheias aos processos de reestruturação, como é caso da Rádio Nacional, não foram capazes de resistir às mudanças históricas e entraram em decadência.

Segundo Ferraretto (2001), o período de 1970 a 1983 marca o processo de reestruturação das rádios no Brasil. Nesse momento, é introduzida no sistema radiofônico brasileiro a frequência modulada, FM, e surgem também as redes de emissoras via satélite. A partir disso, o cenário de rádio no Brasil entra num processo de segmentação, que vai se intensificar a partir dos anos de 1980 e continua tendo visibilidade nos dias de hoje. Nessa nova realidade, o rádio vai se recompondo, não com a mesma expressividade que marcou “os anos dourados”, mas no sentido de se reposicionar no mercado.

A idéia de segmentação não se constitui totalmente em um produto do mercado radiofônico da segunda metade da década de 70 e dos anos 80. A busca por um público diferenciado dentro da totalidade da audiência já existia há bastante tempo. [...] Na verdade, no final da década de 70, com a consolidação comercial da frequência modulada, começa um processo crescente de divisão entre as emissoras musicais que exploravam a qualidade do som FM e as rádios AM cuja programação girava em torno do jornalismo, do esporte e do serviço. [...] Como as duas faixas começavam a ser indistintamente ouvidas, o que era usual em uma poderia ser aplicado, com alterações, à outra. (FERRARETTO, 2001: 169)

Segundo Ortriwano (1985: 29) a especialização das emissoras é uma tendência que apenas se intensificou a partir da implantação e desenvolvimento das rádios FM, visto que, de certa maneira, sempre existiu nos processos de radiodifusão sonora, “uma vez que é impossível cobrir todos os campos de atividade”. Para ela, “a especialização acabou ocorrendo pela necessidade de atender ao mercado, onde existem diversas faixas sócio-econômicas que precisam ser exploradas adequadamente”.

Nesse sentido, Ortriwano (1985) aponta dois tipos de segmentação: as emissoras que se especializaram de uma forma geral e homogênea, oferecendo uma programação para uma faixa determinada de público, dando opção, também, aos anunciantes cujos produtos se enquadraram com aquele perfil de ouvinte; e as

rádios que dividem os diversos horários da sua programação para diferentes perfis de ouvintes, visando a atingir o maior público possível e oferecer opções para todo tipo de anunciante.

No contexto atual, marcado pelas convergências tecnológicas, tendência que representa a “era da informação”, o rádio ainda ocupa seu espaço, sustentado pela presença dos diferentes atores sociais que buscam seus modos próprios de visibilidade e existência pública, além da fragmentação dos públicos, com o qual, segundo Barbero (2002), trabalham os meios.

Ferraretto (2001), ao analisar alguns formatos existentes, traduz a sua multiplicidade e também a de emissoras e os seus usos: comerciais, universitárias, comunitárias, religiosas, culturais, educativas, com frequência AM ou FM, além de um movimento que se encaminhou para a regionalização das rádios, que tendem a formar redes nacionais de transmissão.

Pelo breve histórico do desenvolvimento do rádio no Brasil, podemos verificar que o processo segue paralelo ao do próprio desenvolvimento do país. O rádio de caráter nacional, com a programação de uma única emissora atingindo diretamente todo o território, deixou de ter razão de existir, voltando-se mais para os aspectos regionais, ligado à comunidade em que atua. A rigor, podemos considerar que nunca o rádio brasileiro chegou a ter características realmente nacionais, com exceção de umas poucas emissoras, como a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Hoje em dia, a interligação se faz através de emissoras regionais “num intercâmbio de informações que se processa no ar, em sistema de integração instantânea” [...] (ORTRIWANO, 1985: 28)

Segundo Barbero (1997: 316), pode-se dizer que a importância das emissoras locais perpassa à presença de necessidades da região, pela postura que estas emissoras desenvolvem de evidenciar e interpelar os sujeitos para a participação coletiva em ações de apoio às demandas populares e às questões relacionadas ao convívio nas próprias cidades.

### 2.3 A FISIONOMIA DO RÁDIO

A partir do levantamento histórico sobre o rádio e o seu desenvolvimento no cenário brasileiro, nota-se que esse panorama servirá de base para os objetivos propostos nesta monografia. Nesse sentido, cabe agora desenhar uma reflexão

sobre algumas particularidades do veículo, das suas potencialidades de propagação e recepção, que dão forma à estrutura radiofônica

Entre os meios de comunicação de massa, o rádio é, possivelmente, o mais popular e o de maior alcance público, não só no Brasil, mas em todo o mundo. Ele consegue levar seus conteúdos para as mais vastas regiões, inclusive aquelas que dificilmente têm acesso a outros meios, seja por questões geográficas, econômicas ou culturais. Com o surgimento da televisão, a partir da década de 1950, ela também passou a desempenhar essa função. A chegada da televisão, para a qual migraram muitos profissionais, formatos de programas e fontes de financiamento, fez com que muitos imaginassem que o rádio se tornaria obsoleto e entraria em extinção.

Contudo, a especificidade desse veículo de radiodifusão sonora, as suas transformações, motivadas por fatores tecnológicos e sociais, fizeram com que o rádio não só continuasse existindo, mas também concorrendo, e muitas vezes se sobressaindo, em relação à televisão.

Meditich (1999) afirma que o rádio representa hoje “o meio de informação preferencial para os setores letrados da população”. O autor aponta que esses setores mais letrados, talvez, percebam a televisão como um meio de informação generalizante demais.

Há casos também em que ambos convivem juntos, como na hora de uma partida de futebol, em que alguns torcedores preferem assistir pela televisão ouvindo a locução pelo rádio. (ORTRIWANO, 1985). Dessa maneira, percebe-se que:

[...] passadas mais de três décadas, em 1993, havia 11.338 emissoras de rádio e 576 milhões de receptores em uso nos Estados Unidos, movimentando 7,2 bilhões de dólares em verbas publicitárias – doze vezes mais do que em 1957. De acordo com dados da *Radio Advertising Bureau*, 99% dos lares norte-americanos possuem receptores (média de 5,6 receptores por lar), assim como 95% dos automóveis. Sessenta e um % [sic] dos adultos possuem, ainda, um receptor no local de trabalho. 77% [sic] das pessoas maiores de 12 anos ouvem rádio diariamente, e 96 por cento pelo menos semanalmente. O tempo médio de audição diária é de três horas e vinte minutos e a audiência total do rádio só é inferior à da tevê durante o período entre seis da tarde e meia-noite. (MEDITSCH, 2005: 36)

Essa tendência pode ser evidenciada no Brasil a partir das considerações de Mágda Cunha (1999) que aponta o rádio como o mais expressivo dos meios de comunicação de massa no país.

Entre os meios de Comunicação Massiva, o Rádio é o mais amplo na sociedade brasileira, atingindo a maior cobertura, penetração e alcance, tanto em termos geográficos, como de público, conforme relata Lopes (1998). Trabalho apresentado pelo diretor da Rádio Gaúcha, Armindo Antônio Ranzolin, ao Seminário Internacional de Radiojornalismo realizado em São Paulo, em junho de 1996, confirma o relato da autora. Existem no Brasil 38,3 milhões de domicílios. Desse total, 34 milhões com Rádio e 32,6 milhões com Televisão. Ao mesmo tempo, o país tem 20,9 milhões de veículos automotores, entre os quais 12,54 milhões com Rádio [...], segundo pesquisa do Detran, em agosto de 96. (CUNHA, 1999: 144-145)

Antes de tudo, cabe lembrar que, segundo Meditsch (1999: 111) o rádio foi a primeira manifestação da era eletrônica na comunicação de massa. Ele aponta que a melhor maneira de explicá-lo é descartando a idéia de hegemonias, de “era do rádio”, que pertenceria ao passado, ou de uma “era da imagem” que pertenceria ao futuro. O autor parte do entendimento de que nem o som nem a imagem estabeleceram novas eras, mas sim a tecnologia eletrônica em suas diversas modalidades. Meditsch (1999) afirma que o rádio pode ser considerado o primeiro “artefato eletrônico” a compor o espaço doméstico.

De acordo com Beltrão (1968: 112 apud ORTRIWANO, 1985: 78) o *status* alcançado pelo rádio se dá por causa de suas características particulares, essencialmente no que diz respeito a dois fatores que se integram: um de natureza “físico-psicológica” e outro de natureza tecnológica. Ortriwano (1985: 78-81) destaca oito especificidades do rádio: a) linguagem oral, b) penetração ou alcance, c) mobilidade, d) baixo custo, e) imediatismo, f) instantaneidade, g) sensorialidade e h) autonomia.

Dessa forma, o rádio é, para Ortriwano (1985), um veículo estritamente ligado à fala, à oralidade, já que para receber a mensagem é necessário apenas ouvir. Portanto, o rádio consegue estender seu conteúdo para os diversos públicos, estratos sociais e, ainda, incluir a parte analfabeta da população, que não conseguiria ter acesso aos meios impressos, ao conteúdo escrito da Internet e, em relação à televisão, perde algumas informações importantes presentes em forma de caracteres, que podem escapar da apreensão dos que não sabem ler.

Meditsch (1999: 111) define o discurso do rádio como produto intelectual eletrônico, que se distingue tanto da oralidade do falante comum quanto da escrita. Dessa forma, ele aponta alguns elementos que justificam a especificidade da linguagem radiofônica.

Primeiramente, com as transformações históricas do veículo que, com a difusão do uso do telefone e da gravação magnética, mudou a natureza da fala no rádio. Com essas inovações, a fala que antes era amarrada a um texto, o “falado-escrito”, passou a ter uma variedade de “vozes e discursos”, assumindo um aspecto mais natural, o “falado-falado”. (MEDITSCH, 1999)

Meditsch (1999: 114), no entanto, descarta uma equiparação da fala no rádio com a da fala natural. Para ele, a aparente naturalidade da fala no rádio é fruto de um processo de oralidade mais deliberado e autoconsciente. “A espontaneidade da fala ao microfone do rádio distingue-se, assim, por ser espontaneidade planejada”. Segundo Meditsch (1999), esse processo resulta da combinação de três elementos de produção da fala, presente em uma sociedade letrada: “a recitação (de um texto memorizado), a leitura em voz alta (de texto ou de números não memorizados) e a fala de improviso ou instantânea”, que seria a produção e enunciação de um texto sob a exigência de ação imediata.

A diferença entre espontaneidade produzida na fala natural e a espontaneidade autoconsciente produzida no rádio deixa clara a distância que existe entre o enunciado radiofônico e uma possível “naturalidade”. A noção de naturalidade, porém, é empregada na literatura técnica como antítese em relação à fala de base exclusivamente escrita que caracterizou o período histórico do locutor impessoal. Na falta de instrumentos teóricos mais adequados, a noção de naturalidade serve também para dar conta de uma fala que se tornou mais complexa e passou a admitir maior variação ao considerar a existência de um segundo nível de significação representado pelos componentes *analógicos* da fala. (MEDITSCH, 1999: 118)

Os componentes analógicos da fala, presentes na singularidade da comunicação radiofônica, estão relacionados aos elementos de uma linguagem sonora, uma comunicação não-verbal inconsciente presente na fala por meio das inflexões de voz, seqüências, ritmos e cadência de palavras. (MEDITSCH, 1999). Nesse sentido, pode-se destacar também outro elemento, o subtexto, que, assim como a “espontaneidade planejada” da fala, caracteriza a linguagem do rádio. No rádio, segundo Meditsch (1999: 120), o subtexto se expressa exclusivamente pelo “uso da voz”, que substitui a “mímica visual”. “A curva melódica, o ritmo e as ênfases tônicas utilizadas repetidamente constituem códigos que permitem aos ouvintes situar imediatamente o texto da fala.” Porém, a especificidade da linguagem do rádio, em relação ao subtexto, não esta somente na junção ao texto falado, mas

também pela sua enunciação em tempo real, “o caráter *vivo* da radiodifusão”. (MEDITSCH, 1999)

A linguagem do rádio, uma vez morta, uma vez considerada linguagem *dada*, não se distingue em nada da linguagem fonográfica. O que a distingue é não existir na realidade como *dada*, existe apenas dando-se no discurso. Seja transmitindo em direto, seja transmitindo em diferido um produto fonográfico que assim atualiza, ou ainda combinando esses dois elementos, como normalmente o faz, o rádio transmite sempre no presente individual de seu ouvinte e no presente social em que está inserido, ou seja, num contexto temporal compartilhado entre emissor e receptor: o tempo real. (MEDITSCH, 1999: 124)

Além da sensação de simultaneidade temporal entre enunciação-recepção, Meditsch (1999: 121-125) aponta outros elementos que se interagem para criar um “senso de existência em tempo real”, o “caráter vivo do rádio”: a) a interpretação do locutor em meio a um texto escrito, memorizado ou planejado antecipadamente para ser enunciado no rádio, “espontaneidade planejada”; b) o improvisado sem planejamento prévio que conduzirá a própria “elaboração do conteúdo” em “simultaneidade com a enunciação”; c) a “transmissão direta” que seria a expressão da simultaneidade do acontecimento, da produção do relato, da enunciação e da recepção, reunidas em um só tempo.

Outra característica importante da comunicação radiofônica, segundo Ortriwano (1985), é o fato de o ser humano ter a capacidade de captar e reter a mensagem falada e sonora ao mesmo tempo em que executa outras atividades que não se limita em apenas escutar. Então, a atividade de “ouvir” não exclui a capacidade das pessoas de desempenhar outras tarefas, como ler, dirigir, trabalhar – ao contrário de outros meios, que necessitam de uma atenção mais direcionada por parte do receptor. Nesse sentido, o rádio consegue desenvolver um papel de “pano de fundo” em qualquer ambiente, podendo despertar maior atenção quando o assunto é de interesse mais específico do ouvinte.

O rádio também envolve o ouvinte por meio das palavras e dos recursos sonoros, criando um “diálogo mental” com o emissor e despertando a imaginação e emoção, permitindo que as mensagens tenham apelos individuais, sensações diversas, de acordo com as expectativas de cada um. Nesse sentido, a mensagem oral facilita uma relação mais “intimista”, como se estivesse falando para cada ouvinte em particular. Essa característica evidenciada por Ortriwano (1985) sobre o rádio é aquilo que Barbero (1997:293-295) chama de “retórica do direto”, que se

caracteriza por uma “proximidade construída”, sensação de imediatez, familiarização de tudo, presença de um discurso transparente, simples, claro e econômico dos meios de comunicação eletrônicos como o rádio e a televisão, e a “simulação de um diálogo” com o público.

Meditich (1999) coloca “a presença de um espectador desconhecido” como mais um dos ingredientes que caracterizam a comunicação do rádio. Segundo ele, a intencionalidade de audiência da fala radiofônica é que justifica a situação comunicativa. Nesse sentido, o discurso radiofônico existe e segue padrões convencionais com intuito de ser compartilhado com um terceiro, no caso o ouvinte. Para Meditsch (1999) o rádio é capaz de criar imagens que não são dadas pelo meio, mas que provém da própria capacidade mental, seletiva, que constitui o receptor, alimentando a imaginação do ouvinte.

São imagens muito mais ricas – podem comportar três dimensões, e também incluir sensações táteis, olfativas, auditivas – e também muito mais econômicas: muitas vezes são dispensadas sem prejuízo para comunicação. Ao se ouvir um noticiário, por exemplo, ninguém fica imaginando o rosto do locutor ou o estúdio de onde fala, porque não constitui importância para a mensagem. Como destacou Arnheim, já em 1936, a seletividade e a versatilidade proporcionadas pela sua condição invisível garante a eficiência do discurso do rádio. (MEDITSCH, 1999: 126-127)

A questão tecnológica também influencia nas características do rádio, por ser um meio que exige menor complexidade tecnológica que os outros veículos, pelo fato de a produção radiofônica sair mais barato que as demais. Os aparelhos receptores também são financeiramente mais acessíveis à maior parte da população.

O ouvinte – assim como o telespectador e o leitor – geralmente não se dá conta de que o usufruto das mensagens dos meios de comunicação de massa exige um pagamento permanente para sua manutenção. Esse pagamento está diluído no preço que o consumidor paga pelos produtos e/ou nos impostos. É desta verba que os veículos sobrevivem, mesmo os impressos, uma vez que o faturamento resultante da venda dos exemplares não é suficiente para mantê-los. E mais: o preço que o cidadão paga para receber as mensagens não está vinculado ao consumo que ele faça dessas mensagens, mas, sim, ao consumo que ele faça dos produtos que fazem publicidade nos veículos. Da mesma forma que os impostos – envolvendo aí uma série de outros benefícios necessários à manutenção das condições de vida na sociedade – também não variam em função da utilização maior ou menor dos meios de comunicação. Por outro lado, a produção radiofônica é mais barata do que a televisiva, justamente por ser menos complexa. Se levarmos em consideração o

grande número de pessoas que recebe a mensagem radiofônica, esse custo de produção se dilui, tornando o rádio o meio de mais baixo custo de produção em relação ao público atingido. (Ortriwano, 1985: 79).

Outra vantagem é que no rádio, as mensagens, ao contrário dos veículos impressos, podem ser elaboradas no mesmo momento da emissão e se elimina o processo de distribuição. Para quem está apto a ouvir a mensagem, basta que ligue o aparelho receptor. Os fatos são transmitidos imediatamente e a mensagem é instantânea.

Por ser menos complexo que os aparatos da televisão, o rádio pode estar presente com mais facilidade no local dos acontecimentos e transmitir as informações mais rapidamente. Por meio das unidades móveis de transmissão e do próprio aparelho de telefone celular, as emissoras radiofônicas conseguem se “descolar” com mais agilidade, podendo transmitir de qualquer lugar dentro do seu raio de ação. Essa facilidade de deslocamento também se estende para o receptor:

[...] o ouvinte de rádio está livre de fios e tomadas e não precisa ficar em casa, ao lado do aparelho. O rádio hoje está em todo lugar: na sala, na cozinha, no banheiro, no quarto, no escritório, nas fábricas, no automóvel, eliminando também o hiato de audiência durante o tempo de locomoção de um lugar para outro. Seu tamanho diminuto torna-o facilmente transportável, permitindo, inclusive, recepção individualizada nos lugares públicos. (ORTRIWANO, 1985: 79)

Contudo, como aponta Meditsch (1999), Pode-se dizer que a identidade do rádio na era eletrônica não se localiza na forma como é difundido, mas sim na “especificidade de seu discurso sonoro”, “invisível”, enunciado por diversos componentes em tempo real, em uma composição sonora invisível de palavras, músicas, ruídos e silêncio.

Partindo do princípio de que o rádio é um veículo de comunicação e expressão e não se limita em somente difundir informação, e considerando a especificidade da linguagem radiofônica, Balsebre (2005: 337) desenvolve um sistema semiótico do rádio para chegar a uma teoria sobre a expressividade do meio. O sistema semiótico de Balsebre é formado por: a) uma linguagem radiofônica genuína, que é composta por palavras, músicas, efeitos sonoros e o silêncio; b) uma tecnologia, que são os recursos técnicos e expressivos da reprodução sonora; c) a presença dos ouvintes, a partir de um conjunto de fatores que caracterizam os processos de percepção sonora e “imaginativo-visual” destes.

Segundo Balsebre, a palavra radiofônica é indispensável na composição da linguagem do rádio, que é artificial e cujas palavras são imaginadas, mesmo quando buscam ser interpretadas de maneira natural durante a locução. Nesse sentido, a palavra radiofônica é a integração entre o texto escrito e a improvisação verbal.

O texto escrito é um texto sonoro, por isso é necessário integrar na redação todos os recursos expressivos que conotam a referida impressão de realidade acústica, dando a mesma sensação de naturalidade e espontaneidade do discurso improvisado. A arte de improvisação verbal pode ser sistematizada em três regras: Não falar do que não se conhece, não afastar-se do tema e aprender a liberar-se fisicamente. Também é necessária uma especial sensibilidade para o uso da pausa: o silêncio. (BALSEBRE, 2005: 330)

O silêncio, que surge em meio às seqüências de expressão das palavras, denota um “elemento distanciador” capaz de proporcionar uma reflexão e contribuir para que o ouvinte adote uma “atitude ativa” na interpretação da mensagem. Mas Balsebre ressalta que uma permanência prolongada do silêncio pode originar uma interrupção da comunicação.

É interessante apontar o tratamento sonoro que Balsebre dá às palavras, de inteligibilidade e presença espacial. Assim, as cores das palavras se definem pelo som (a inter-relação entre timbre, tom e intensidade) e pelas “relações espaciais” que estas produzem. Para Balsebre, a fala do locutor ao microfone é percebida pelo ouvinte como algo “real” e “presente”, proporcionando uma relação de empatia e identificação. Ao mesmo tempo, a ausência da imagem física do locutor pode trazer uma sensação de distância para a sua “voz amiga”. Para Balsebre, o fato de a voz ser mais grave ou mais aguda pode determinar a interação desta com os horários de audiência e a sensação de proximidade ou não, “relação espacial”, do ouvinte sintonizado.

As vozes mais graves dão a sensação de presença ou proximidade, enquanto as mais agudas e mais claras, provocam a sensação psicológica de distância. As vozes mais graves são mais indicadas para programas noturnos por trazerem um contato psicológico mais estreito num horário em que o ouvinte está mais tranqüilo. Já uma voz aguda que denota mais clareza e inteligibilidade, embora menos presença, será mais adequada para programas diurnos, mais alegres e excitantes num momento em que a audiência está mais dispersa e em movimento. Estas relações espaciais sugeridas pela cor da voz constituem um repertório de relações significativas no processo de codificação imaginativo-visual da palavra radiofônica. (BALSEBRE, 2005: 331)

Ao trabalhar as relações significativas da palavra radiofônica, os processos de criação sonora da palavra, Balsebre também aponta a melodia como elemento que dá continuidade à composição sonora. Este é um recurso que poderá interferir na perda de interesse por parte do ouvinte, pois, se o locutor não desenvolver essa característica na fala, ele produzirá uma “mono-tonia”. Existe também a harmonia, que é a justaposição de vozes em uma seqüência, fazendo com que o ouvinte construa uma impressão de realidade. Balsebre apresenta por último o ritmo da palavra radiofônica capaz de trazer contemplação e ordem na fala.

A função da harmonia com a superposição de diferentes fontes sonoras é uma função denotativa de “relevo acústico”, necessária para conotar credibilidade e verossimilhança na restituição da realidade multiperspectivista. E é a sucessão de planos sonoros mais ou menos distantes que nos dão a ilusão de um espaço onde se localizam os objetos. Já o ritmo da palavra radiofônica contribui para o ouvinte dar ordem e proporção às seqüências sonoras, além de proporcionar um prazer estético, podendo ser dividido em três formatos: o ritmo das pausas, o ritmo da melodia e o ritmo da harmonia. O criador de imagens sonoras deve recuperar o efeito “mágico” da palavra, que reside na sua estrutura musical. (BALSEBRE, 2005: 332)

Dessa forma, pode-se dizer que Balsebre também atribui uma importância comunicativa à música tanto quanto para as palavras. Para ele, a música seria para o rádio o que a imagem é para a televisão. Nesse sentido, o autor aponta duas funções básicas da música para o veículo radiofônico: expressiva e descritiva. Ela é expressiva quando tende a criar um “clima emocional” e uma “atmosfera” sonora. Ela será descritiva quando “o movimento espacial que denota a música descreve uma paisagem, a cena de ação de um relato. Assim, Balsebre associa a música a uma determinada imagem ou a uma relação afetiva despertada no ouvinte.

Balsebre também descreve os efeitos sonoros do rádio como função expressiva e referencial, que pode representar uma “atmosfera” (de mistério, alegria, tristeza) ou um “ambiente” (de uma fábrica, de uma casa). E a partir dessa possibilidade tecnológica de interferir na expressão da mensagem ele aponta a montagem radiofônica como capaz de alterar as dimensões espaciais e temporais, contribuindo para a criatividade, intenção comunicativa e expressiva do emissor. “É nesse conjunto harmônico dos distintos sistemas expressivos da linguagem radiofônica que se constrói a especificidade significativa do meio”.

Angel Faus Belau (apud ORTRIWANO, 1985: 81) analisa as características da mensagem radiofônica em quatro aspectos: em relação aos meios, em que a

mensagem é instantânea, imediata; aos componentes da mensagem, os sinais que compõem o som; ao ouvido, no sentido de que para receber a mensagem é preciso ter a capacidade física de ouvir e, por último, em relação ao receptor da mensagem, ampliação do campo auditivo conseguido tecnologicamente, o que trouxe autonomia para o campo da recepção. Belau, nesse sentido, observa que:

[...] a eficácia da mensagem radiofônica depende da clareza, compreensibilidade e adequação à emissão, além dos fatores de audibilidade, nos quais inclui circunstâncias de recepção da mensagem – residência, automóvel etc – e os tipos de audição radiofônica: ambiental, companhia, atenção concentrada e seleção intencional (BELAU APUD ORTRIWANO, 1985: 82).

Abraham Moles (apud ORTRIWANO, 1985: 82) classifica quatro tipos de audiência radiofônica: a) ambiental, que é quando o ouvinte deseja que o rádio sirva como um “pano de fundo”, por meio dos sons das músicas e palavras; b) companhia, quando o ouvinte desenvolve uma atenção secundária por se envolver com outros tipos de atividades além da capacidade de “ouvir”; c) atenção concentrada é aquela que, mesmo exercendo outros tipos de atividades paralelas, o ouvinte se concentra na mensagem que lhe interessa; d) seleção intencional seria a escolha de um programa concreto, específico por parte do ouvinte.

Ao comentar sobre os processos de percepção sonora e imaginativo-visual do ouvinte, Balsebre (2005: 336) esclarece que junto ao ato de “perceber” no rádio, também existe o de imaginar. Nesse sentido, a imaginação é despertada no ouvinte a partir de “sensações auditivas” e do “conhecimento da realidade referencial”. Assim, para Balsebre, a imaginação no rádio seria a produção de imagens criadas a partir das palavras, dos sons, da linguagem radiofônica.

Ele aponta a memória e a atenção como sendo os elementos determinantes para a associação de idéias, que é resultante dos estímulos da emissão que se insere nos processos de comunicação. A partir daí, o conhecimento e a familiaridade com a linguagem radiofônica, os códigos de operações supostamente conhecidos pelo receptor, que estão inseridos na sua “matriz cultural”, é que possibilitam no ouvinte um efeito de empatia e identificação com as mensagens radiofônicas.

Podemos questionar como uma maioria de ouvintes imagina o mesmo ou o semelhante a partir de um mesmo estímulo auditivo e afirmar que a maioria imagina segundo o que recorda. A cultura audiovisual do século XX homogeneizou e universalizou um arquivo de repertório de imagens-memórias comuns aos vários sujeitos de um mesmo contexto cultural. Por

isso, mediante a associação de idéias, a produção imaginativa dos sujeitos recorre a modelos, arquétipos ou estereótipos visuais idênticos ou semelhantes. E, algumas vezes, uma mensagem com excessiva originalidade pode causar estranheza (BALSEBRE, 2005: 336)

Cunha (1998) apresenta uma série de possibilidades, que se unem, para tentar entender as condicionantes dos indivíduos diante dos processos de emissão radiofônicas e como estes, para uma mesma situação, respondem, interpretam e agem de maneiras distintas. Assim, Cunha (1998) apresenta que as influências que contribuem para a percepção dos ouvintes estariam relacionadas às condições psicológicas dos sujeitos expostos ao estímulo. Além disso, é preciso levar em consideração o próprio contexto histórico e a imposição deste à vida de cada um. Cunha (1998) aponta outros fatores que, somados a estes, devem se considerados como as “propriedades do discurso, as propriedades daquele que o pronuncia e as propriedades da instituição que o autoriza a pronunciá-lo”.

A justificativa de suas afirmações está presente na análise que Cunha (1998) faz de *A Guerra dos Mundos*, 60 anos depois. O romance de ficção científica, escrito por H. G. Wells, foi adaptado para o programa radiofônico *Mercury Theater* por Orson Welles, na noite de domingo do dia 30 de outubro de 1938 – o tradicional dia das Bruxas nos EUA. O romance, transmitido para seis milhões de ouvintes naquele dia, tratava de uma invasão de marcianos na Terra. Do total de ouvintes, dois milhões acreditaram tratar-se de uma emissão de informação e interpretaram a invasão como verdadeira, um milhão deles entraram em pânico. As pessoas saíam de suas casas desesperadas para fugir, algumas buscavam se despedir de familiares e amigos, ou tentavam alertá-los do perigo iminente. Alguns buscavam outras informações nas redações de periódicos, em outras emissoras de rádio, junto aos vizinhos. O pânico provocou acidentes em série, diversos prejuízos, tentativas de suicídios.

Para Cunha (1998) o acontecimento criado por Orson Welles permitiu testar em dimensão real as condições de “sugestibilidade”, do contágio recíproco do pânico e mais uma demonstração da capacidade de mobilização do rádio. “No plano das representações sociais, as cenas de emoção, que se traduziram em atos irrefletidos, não foram as últimas a consolidar a idéia da onipotência da nova técnica de comunicação pelas ondas hertzianas”. Mas é importante considerar que esse episódio de *A Guerra dos Mundos* não ocorreria nos dias de hoje. Foi um fato em

que, como se verá mais adiante, o contexto político, econômico e dos indivíduos da época influenciou na percepção dos ouvintes. (CUNHA, 1998: 168). Também porque o ouvinte já domina mais claramente os diversos formatos dos programas radiofônicos, o que lhe permite distinguir informação e ficção.

Por condições psicológicas, Cunha (1998) considera todas aquelas ligadas às referências mentais que cada um acumula e que são relevantes para interpretação. Nesse sentido, os indivíduos podem relacionar um determinado estímulo radiofônico a uma ou várias referências que consideram importantes. As condições psicológicas podem criar nas pessoas um estado mental, uma tendência ou não de tomar um estímulo como legítimo, que Cunha (1998) classifica como sugestibilidade.

Quanto menos estruturado é seu contexto mental, menos capaz ele será de compreender o estímulo e maior será sua ansiedade. Mais desesperada também será sua necessidade de interpretação, quanto mais disposto ele estiver a aceitar a primeira conclusão a que tenha chegado (CUNHA, 1998: 171)

Nesse sentido, para Cunha (1998), alguns possuem atitudes mentais que justificam a crença naquilo que estão ouvindo. Essa condição de apreensão, interpretação e filtragem das emissões, com base nas referências de cada indivíduo, também é influenciada, segundo a autora, pelo nível educacional dos sujeitos. Aquele que, ao receber algum tipo de informação, já tem adquirido conteúdos precedentes, ligados àquela situação, tem maior facilidade de entender, aceitar ou rejeitar o estímulo. A partir das condições psicológicas, Cunha (1998) explica como grande parte dos ouvintes de *A Guerra dos Mundos* tomou aquela encenação como algo real.

Desta forma, o estímulo lhes resultava tão compreensível que imediatamente o aceitavam como certo. Muitos indivíduos religiosos acreditavam nos desígnios de Deus sobre os destinos do homem, crendo, ao mesmo tempo, numa invasão do planeta e destruição de seus habitantes em conseqüência de uma força maior. Certos ouvintes foram tão influenciados pela recente ameaça de guerra, que aceitavam a possibilidade de um ataque iminente de potências estrangeiras ou de uma invasão, fosse dos japoneses, de Hitler ou de marcianos (CUNHA, 1998: 171)

Outro importante aspecto que se pode notar é que, somado às referências particulares dos sujeitos, o contexto histórico dos indivíduos atua nos processos de percepção. Nesse sentido o público na época de 1938 vivenciava um período conturbado por crises econômicas e crescimento no número de desempregados,

ascensão dos governos fascistas e a ameaça da II Grande Guerra. Aliado ao contexto político e econômico desse período está a presença do rádio, que nessa época tinha grande credibilidade diante da população e era visto como a grande novidade na área tecnológica da comunicação.

Sem dúvida, o contexto em que a população americana estava inserida na época pode levar às principais conclusões sobre a situação de pânico e, antes de mais nada, de credibilidade dada à transmissão emitida pelo Rádio. Além disso, diferentes grupos de pessoas receberam a emissão radiofônica de maneira particular. Cada um deles teve esta recepção de acordo com suas próprias referências, apresentando, conseqüentemente, diferentes motivos para interpretar a “invasão marciana” a sua maneira. [...] Entre os fatos que compunham o contexto aparece a inquietação econômica do momento e a conseqüente insegurança experimentada por muitos ouvintes. A depressão havia durado aproximadamente 10 anos e muitos americanos encontravam-se desempregados. A invasão para eles, segundo CANTRIL (1985), encaixava perfeitamente com a seqüência de misteriosos acontecimentos daquela década (CUNHA, 1998: 172)

Outro elemento apontado por Cunha (1998), que deve ser levado em consideração, é o da legitimação dada pelos próprios grupos para que o emissor se transforme em seu porta-voz. Trata-se dos “atos de autoridade” ou atos “autorizados”. Nesse sentido, segundo Cunha (1998), para que qualquer forma de argumentação, discurso ou palavra possa conseguir algum tipo de cumplicidade ou “eficácia simbólica” diante do ouvinte é preciso que este reconheça e legitime aquele que fala. Ou seja, o poder das palavras é apenas o poder concedido ao porta-voz. Partindo deste princípio, Cunha (1998) afirma que, nas décadas de 1920 e 1930, o Rádio era o veículo com demasiada autoridade para “falar” em nome dos seus “ouvintes”. Por meio dele se transmitia informações imediatas, em tempo real, nas quais os ouvintes deveriam acreditar, naquele contexto. Tratava-se de questões importantes que poderiam determinar o destino da sociedade e que eram, naquele momento, delegadas ao veículo radiofônico transmitir.

Ao explicar os efeitos de A Guerra dos Mundos nos ouvintes do programa, Meditsch (1998), coloca, além do imediatismo entre transmissão e recepção e da fusão psicológica dos contextos, as especificidades do rádio, principalmente no que diz respeito à maneira como a mensagem é recebida pelo público. Nesse sentido, ele explica que todo programa radiofônico requer constantemente a reiteração das principais informações, pois a audição de rádio é marcada por um “*zoom auditivo*”, que seria uma relação entre o ouvir intencionado e o escutar sem atenção alguns estímulos sonoros, selecionando os estímulos mais interessantes. Assim, concorrem

com os estímulos que saem do rádio diversos outros do ambiente em que o ouvinte, disperso a cada momento, encontra-se com estímulos auditivos, visuais, olfativos, táteis. Da mesma forma que Meditsch, Barbero (1997) trata os gêneros do discurso como estratégias de comunicabilidade, de interação. Para os dois autores, os gêneros não são apenas uma condição dos processos de emissão, mas também estão presentes nas diferentes leituras dos diversos tipos de linguagem e produtos: informativo, entretenimento, educativo, ficcional, serviços, publicitário etc.

De nada adiantou Orson Welles explicar, no final da estória, que tudo não passava de uma brincadeira pelo tradicional Dia das Bruxas: o estrago estava feito. A tênue fronteira entre dois gêneros do discurso radiofônico, o jornalismo e a ficção, já havia sido arrombada. Comprovou-se, então, o que teóricos da linguagem, como BAKHTIN e BARTHES procuram demonstrar há décadas: os gêneros do discurso não pertencem unicamente aos emissores, são também propriedades do público, forjados por cada cultura num diálogo social ininterrupto que se perde nas raízes do tempo. O desrespeito a esta construção coletiva leva à incomunicação ou à convulsão. (MEDITSCH, 1998: 34-35)

Outra questão sobre o produto radiofônico também seria a tendência mercadológica das emissoras e os aspecto contraditório desse fato com o tipo de relacionamento que o ouvinte tem com o rádio. Nesse sentido, Meditsch comenta que:

A maneira particular como o rádio chega a cada um de seus ouvintes o obriga a “trabalhar constante e rotineiramente para negar sua condição de mercadoria, substituindo-a pela impressão de uma experiência pessoal”. [...] Como sustentam estes autores, a percepção por parte do ouvinte de que uma programação lhe está sendo “vendida” como um produto qualquer, para lhe satisfazer determinadas necessidades, bloqueia o maior potencial de comunicação que possui o rádio: o ouvinte vai provavelmente ficar menos inclinado a se relacionar com esse produto num nível pessoal, não se permitirá um maior envolvimento em seu discurso, deixará de acompanhá-lo com sua mente no nível necessário para criar imagens e emoções. Em síntese, essa programação deixará de ser vivenciada como experiência: “A emissora iria cessar de atingir a humanidade do ouvinte e assumiria a função imaginada para a mídia num cenário de big brother, não tendo nenhum objetivo além de manter os consumidores alegremente consumindo. (MEDITSCH, 2005: 93)

Nesse caso, é pertinente tentar entender de que forma se dá o relacionamento dos ouvintes da Rádio Universitária da UFG, que tende a desenvolver uma programação livre das amarras comerciais e governamentais. Em que aspectos ela consegue se identificar com a vivência e experiência dos seus ouvintes, estimulando, ou não, nestes, uma gama de imagens e sensações, sendo

capaz de “atingir a humanidade” de cada um deles. Que imagem eles constroem da Rádio Universitária da UFG a partir das condições psicológicas, dos contextos históricos, das heterogeneidades dos seus ouvintes, da especificidade do rádio e da especificidade emissora.

Essas questões ganham relevância na medida em que, de uma forma geral, Meditsch comenta que elas são pouco conhecidas pelos profissionais e pelas emissoras, fazendo com que os comunicadores, no que diz respeito às decisões essenciais relacionadas à programação e à produção de informações, atuem na base somente de suposições sobre o público. Dessa maneira, será pertinente, no primeiro momento, tentar descrever, brevemente, a história da Rádio Universitária da UFG e dos seus gêneros radiofônicos.

### 3 A RÁDIO UNIVERSITÁRIA DA UFG

#### 3.1 BREVE HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS GERAIS

Falar sobre Rádio Universitária é entender que as universidades públicas do país têm em mãos um importante instrumento comunicativo de massa. No Brasil, das 52 universidades federais, 18 possuem emissoras de rádios AM ou FM. Uma delas possui duas emissoras, totalizando 19 rádios públicas. Destas, cinco são AM e as demais FM. A Universidade Federal de Pernambuco possui as duas: AM e FM. (DEUS, 2003). Dessa forma, a contextualização histórica da Rádio Universitária da Universidade Federal de Goiânia, que surgiu há 46 anos, é importante para explicar o caráter público da emissora e a possibilidade de existirem ouvintes que a escutam desde sua criação.

Segundo Deus (2003), a legislação brasileira que trata de radiodifusão não faz menção às rádios universitárias e o papel que elas devem desempenhar. Pela legislação atual, as rádios das universidades, públicas ou privadas, são vistas como emissoras educativas. A falta de definição normativa sobre o que deve ser uma rádio universitária, de acordo com Deus (2003), faz com que ela perca todo o seu diferencial na produção de conhecimento e transmissão de conteúdos.

Esta falta de amparo legal pode ser uma das causas que fazem estas rádios permanecerem isoladas, cada uma formatando uma programação que entende ser a melhor, mas sem uma definição conjunta nem mesmo dentro da própria universidade a que estão vinculadas. As rádios universitárias estão reproduzindo o que fazem as rádios comerciais e não estão produzindo conhecimentos novos. Com isso em nada contribuem para a formação de novos profissionais do jornalismo e para a transformação da universidade e da sociedade. (DEUS, 2003: 309)

A Rádio Universitária da Universidade Federal de Goiás é uma das mais antigas do país. Ela nasceu da Resolução nº 14/62, no ano de 1962. A concessão da emissora, segundo Silva (1996), é considerada a primeira no país para radiodifusão educativa. Para conseguir sua concessão, a Rádio Universitária contou com a colaboração do goiano Alfredo Nasser, que era Ministro da Justiça na época.

A Rádio Universitária da UFG, também conhecida como Rádio Universitária de Goiânia, é relativamente antiga. Foi criada no ano de 1962, pela Reitoria

da Universidade Federal de Goiás, por intermédio da Resolução Nº 14/62. Sua concessão foi outorgada pela União em 16 de setembro de 1965 mediante o Decreto 86.876, que a autorizou a funcionar com potência de 1 Kw e na frequência de 1.400 Khz (AM) . (SPENTHOF, 2005 : 1-2 )

A instalação em prédio próprio da emissora só ocorreu no dia 14 de setembro de 1965, na Alameda Botafogo. O projeto e instalação da Rádio Universitária de Goiânia estiveram sob a responsabilidade de Ivo Pinto Melo, que se tornou o primeiro diretor da emissora, designado pelo Reitor Colemar Natal e Silva. A inauguração dos transmissores da Rádio Universitária da UFG contou com a presença do senador por Goiás, na época, e ex-presidente da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira, e também do então governador Mauro Borges. (SILVA, 1996)

A Rádio Universitária foi criada inicialmente para cumprir uma missão especial que o Reitor Colemar Natal e Silva tinha em mente, que era promover a educação e economizar nos gastos dos recursos da UFG. O Reitor da UFG desejava criar uma imprensa universitária inovadora e moderna. A rádio que estava nascendo deveria levar educação ao povo, “visando o seu aprimoramento no que tange a noções de política social, higiene, puericultura, ciências, alfabetização primária e despertar aptidão vocacional.” A emissora da UFG deveria também divulgar eventos culturais e educacionais que, antes da sua criação, eram publicados na imprensa privada, o que onerava os recursos financeiros da Universidade. Além disso, a referida imprensa seria o elemento de ligação da Universidade ao povo; “voz autorizada de reivindicações populares no setor profissional e técnico, participação de associações culturais e sindicatos de classes.” (SILVA, 1992:102 - 103).

A partir dos anos de 1972, a Rádio Universitária da UFG também se firma como um espaço laboratorial dos estudantes de Comunicação. Silva (1996: 221) diz que, nesse momento, a emissora intensifica a sua relação com a comunidade, “fazendo da Universidade um canal aberto para a população goianiense”. A Rádio passa a valorizar ainda mais as atividades jornalísticas, as manifestações culturais locais e a música regional e nacional.

Embora esse não tenha sido o motivo primeiro e principal para a criação da Rádio Universitária pela administração superior da Universidade, já que em 1962 o curso de jornalismo sequer existia, desde 1972, ela passou a ser espaço também para a realização de atividades laboratoriais por parte dos estudantes de Comunicação. Essa característica foi essencial para o reconhecimento dos cursos de Jornalismo (1979) e Radialismo (1987). A

história da ocupação da emissora para a realização de atividades laboratoriais é marcada por idas e vindas, mas, sem dúvida, por um grande êxito pedagógico [...]. (SPENTHOF, 2005: 3).

No dia 28 de abril de 1978, o prédio onde funcionava a Rádio, localizado na Alameda Botafogo, foi destruído por um incêndio que queimou todos os arquivos históricos da emissora. As causas do incêndio jamais foram esclarecidas. Após um ano dessa tragédia, que consumiu a sua antiga sede, a emissora não saiu do ar graças a um estúdio improvisado junto aos transmissores. Uma nova sede, situada no Lago das Rosas, no setor Oeste, foi inaugurada em abril de 1979. A inauguração contou com a presença do ministro de Educação da época, Eduardo Portela. Atualmente, a Rádio Universitária ainda se encontra no Lago das Rosas.

A Universitária está desde abril último funcionando no prédio até então ocupado pela Secretaria de Ação Urbana, da Prefeitura de Goiânia, no Lago das Rosas. Ali, estão alojados os setores de administração, produção e radiojornalismo – o estúdio ainda permanece nos transmissores em caráter provisório. Em agosto, ele se transferirá para a nova sede. Com a mudança de sede, a Rádio Universitária traçava alguns planos para melhor aproveitar o local. Um dos planos era a sonorização de todo o complexo Lago das Rosas/ Horto Florestal através da própria Rádio Universitária, com o objetivo de conjugar esse complexo com o Centro Integrado de Cultura que lá será implantado. (Cinco de Março, 1979).

Hoje, a Rádio Universitária tem um fluxo de 18 horas de programação diária, de jornalismo e de cultura e entretenimento produzido por jornalistas, radialistas, estudantes, operadores de áudio, técnicos em eletrônica, parceiros e colaboradores.

Entre os programas de destaque da Universitária estão os de cunho jornalístico, música erudita, Jazz e MPB. Além de programas culturais e informativos, a emissora leva ao ar campanhas de direitos humanos, direitos da criança, direitos do consumidor, AIDS e outros. Campanhas como “SOS Universidade” e “A Universidade produz” tiveram papel importante na divulgação da função da Universidade como entidade de ensino superior e gratuito, além de informar a população sobre os serviços prestados pela UFG à comunidade. (SILVA, 1996: 222).

São transmitidos pela Rádio Universitária da UFG cerca de 30 programas, alguns deles repetidos durante as transmissões. Eles são definidos pela grade de programação da emissora da seguinte maneira:

Diariamente, as atividades desenvolvidas pela equipe de profissionais e estudantes pautam as mais diferentes áreas e assuntos de interesse público, como: saúde, educação, direitos humanos, esporte, artes, cultura e política. A programação musical destaca a Música Popular Brasileira em

seus mais variados gêneros – choro, seresta, pop, rock, instrumental, samba, etc. O Sertanejo-Raiz ganha destaque com nomes tradicionais do gênero e apresentações, ao vivo, de novos valores; e, ainda o Erudito, nacional e internacional, com cinco horas diárias na grade. (RÁDIO UNIVERSITÁRIA DA UFG disponível em: <http://www.radio.ufg.br>)

Assim, os programas que atualmente compõem a grade de programação da emissora são os seguintes:

*Rede Rádio MEC:* ocupa um espaço na programação da Rádio Universitária destinado a preencher as lacunas na programação local da emissora, de segunda à sexta, das 22h às 6h, sábado das 6h às 9h e a partir das 19h, domingo das 6h às 9h, das 12h até as 15h 05 min. e a partir das 20h.

*Programas especiais:* são programas gravados pelo Sesc-Senac, transmitidos na emissora às segundas, terças, quartas e quintas-feiras, às 7h. Eles têm uma duração de meia-hora, nas terças e quintas, e de 35 minutos nas segundas e quartas-feiras.

*Filosofia no Ar:* programa produzido e apresentado pelo professor Gonzalo Armijos Palácus, toda segunda, quarta e sexta-feira, das 7h15 às 7h30. Segundo a grade de programação da emissora, o programa consiste em refletir filosoficamente sobre temas da atualidade, do cotidiano.

*Conexão Rádio França Internacional:* é um “informativo com as principais notícias do mundo via satélite de Paris”, transmitido de segunda à sexta-feira, das 7h30 até 8h, em cadeia com a Rádio França Internacional.

*Brasileiríssimas:* apresentado de segunda à sexta-feira, das 8h às 11h30. Consiste no “melhor da MPB, notícias e quadros temáticos. A sua equipe é formada por Fernando Leite, Sergio Pato, Geni Gomes na programação musical e Cida Dias, Maria Olina e Josete Bringel nos boletins informativos. No Brasileiríssimas também existem alguns quadros ou blocos, como *Intercampus*, que tem como apresentadora Ana Flávia. O *intercampus*, que dura cinco minutos, apresenta temas relacionados à UFG. Outro quadro do Brasileiríssimas é o *Mundo Universitário*, um bloco que é apresentado por Augusta Araújo. Ele tem 15 minutos de duração e se define como “tudo aquilo que acontece nas universidades e no universo científico”.

*Voz da Mulher:* é um programa de gênero da Rede Mulheres de Rádio - GO, que tem como produção a Rede de Mulheres em Comunicação, parceiro que compõe a grade de programas da Rádio Universitária.

*Sala de Concertos:* o programa é produzido por Fernanda Furtado (colaboradora) de segunda à sexta-feira, do meio-dia até 14 horas, e sábado das 12h até 13 horas. Tem como característica a transmissão de músicas clássicas e eruditas.

*Música Para Todos:* o programa entra ao ar de segunda à sexta, das 14h15 às 16h30. Ele é produzido por Sergio Pato e Fernando Leite e considerado um programa de um estilo musical popular variado.

*Matiné:* é um programa musical e informativo sobre produção cinematográfica. Ele é produzido e apresentado por Rodrigo de Oliveira, das 16h30 às 17 horas.

*Panorama:* programa realizado por estudantes de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UFG que vai ao ar de segunda à sexta-feira, das 17h às 18h. Este se propõe a ser uma rádio-revista cultural com diversas informações, curiosidades, entrevistas, flashes e músicas relacionadas ao universo cultural nacional e internacional.

*Jornal das Seis:* programa também realizado por estudantes de Jornalismo da UFG, de segunda à sexta-feira, às 18h. A sua duração é de meia hora. O programa tem como gênero o informativo, buscando fazer um resumo dos principais fatos do dia.

*Fanático Esporte Clube:* é um informativo dos acontecimentos esportivos. O programa também é produzido e apresentado pelos estudantes de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UFG e vai ao ar de segunda à sexta-feira, das 18h às 19h.

*A Voz do Brasil:* informativo oficial e obrigatório do Governo Federal, do Congresso, do Judiciário e do Tribunal de Contas da União. Ele vai ao ar de segunda à sexta-feira, das 19h às 20 horas.

*Escola Brasil:* programa de educação à distância de produção do MEC-RED e ONGs, veiculado na Rádio Universitária sempre de segunda à sexta-feira das 20h às 20h30.

*Café Brasil:* também é uma espécie de revista cultural, apresentado pelo jornalista Luciano Pires, sempre na segunda-feira, das 20h30 às 21h.

*Poesia no Ar:* programa apresentado por Geraldo Pereira (parceiro) toda segunda-feira, das 21h às 22h, e consiste em promover e dar espaço para produção literária local e nacional.

*Conexão Goiás:* programa transmitido todas às terças-feiras, das 20h30 às 21h, produzido e apresentado por Sergio Pato. Conexão Goiás tem como característica promover a produção musical goiana.

*Beatlemania:* um programa especial sobre a história, curiosidades e músicas dos Beatles, produzido e apresentado por João Sobreira toda terça, das 21h às 22h.

*Doutores da Bola:* Programa sobre futebol e transmissão esportiva dos jogos e campeonatos de futebol, veiculado às quartas-feiras, das 20h30 às 22h, aos sábados, das 16h às 18h, e aos domingos, das 15h às 18h30. O programa é produzido e apresentado pelos estudantes de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UFG.

*Momento Bossa:* trata das histórias e sucessos musicais que marcaram esse gênero musical, produzido por Franciscneide Cunha e vai ao ar na Rádio às quintas-feiras, das 20h Às 21h

*Flauta e Bandolim:* é um programa realizado pelo Clube de Choro de Goiânia e se define como “o choro em todas as suas tendências e variações”, transmitido pela emissora todas às quintas-feiras, das 21h às 22h.

*Remember:* programa produzido por Geni Gomes, todas às sextas-feiras, das 20h às 21h. Tem como enfoque a apresentação de músicas de sucessos internacionais que marcaram época.

*Universitária em Seresta:* programa produzido e apresentado por João Sobreira, todas às sextas-feiras, das 21h às 22h, O Universitária em Seresta tem como característica a presença da ‘poesia’ e da ‘canção seresteira’.

*Liberdade de Expressão:* definido como um programa de “música, poesia e informação”. Transmitido pela emissora todos os sábados das 9h às 9h30. O Liberdade de Expressão é produzido e apresentado por Ênio de Brito e Eri Ferreira (parceiros).

*Fábulas Radiofônicas:* é um programa produzido por parceiros que conta “histórias e estórias do sertão brasileiro” de “maneira bem descontraída”, ele vai ao ar todo sábado, das 9h30 às 10h, e é realizado por Pedro Luzs.

*Embarque Cultural:* revista sobre as atividades das Casas de Cultura de Goiânia/ Secretaria Municipal de Cultura, produzido por Márcia Ferreira (parceira), veiculado na emissora aos sábados, das 10h às 11h.

*Meu Sertão:* o programa é produzido em parceria com o Centro de Tradições e Cultura de Goiânia (CTCG). Meu sertão é apresentado por Farid Abreu. Tem como

característica a música sertaneja raiz e a apresentação de duplas sertanejas cantando ao vivo. Vai ao ar todo domingo, das 9h às 10h.

*Viva a Vida:* é um programa definido pela grade da emissora como um informativo sobre dicas de saúde, produzido pela Pastoral da Criança (parceiros), transmitido pela Rádio Universitária da UFG aos domingos, das 11h até 11h30.

*Matéria-Prima:* programa produzido por estudantes do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Goiás todos os sábados, da 13h às 16h. Define-se como uma rádio-revista semanal, com entrevistas, reportagens, flashes, programação musical, agenda de cultura e eventos diversos, análise críticas dos fatos ocorridos na semana etc.

*Quadro a Quadro:* programa produzido pela faculdade FASAM (parceiros), todos os sábados, das 18h às 19h. O programa tem também a forma de uma revista cultural e informativa.

*Programa Loaded E Zine:* programa produzido por parceiros e se propõe a dar espaço para o rock independente, veiculado na Rádio Universitária todos os domingos, das 19h às 20h.

O quadro funcional da Rádio Universitária, atualmente, é composto por 28 funcionários: seis no departamento de Jornalismo, cinco no de produção, cinco no administrativo, três no departamento de projetos, seis no departamento técnico e três na Fundação RTVE. A emissora possui quatro estúdios: um de transmissão, dois de gravação e edição e um de transmissão de programas de auditório. A emissora tem também um auditório com 125 lugares.

Estudar as características da Rádio Universitária da UFG é evidenciar a capacidade da emissora e de sua estrutura, enquanto um veículo de grande potencial comunicativo, que está inserido no meio radiofônico goianiense. Pode-se dizer que a Rádio Universitária da UFG é um veículo público de comunicação que existe há 46 anos. A Rádio busca intensificar nos seus ouvintes, ao longo da sua história, valores que ela se propõe a promover, oferecendo à população uma programação plural, ética e comprometida com as questões de Cidadania, Democracia, transformação social, incentivo a produção artística e cultural (regional e nacional). Por isso, é importante buscar saber como é a relação dos ouvintes com a Rádio Universitária de Goiânia e a maneira como eles vêem a emissora.

### 3.1 O CARÁTER PÚBLICO DA RÁDIO UNIVERSITÁRIA

A Rádio Universitária é considerada uma emissora de caráter público, que busca desenvolver uma programação voltada para formação cultural, educativa e cidadã dos seus ouvintes. Para Deus (2003) as rádios universitárias se caracterizam a partir de duas perspectivas. A primeira como um importante espaço laboratorial para os estudantes de Comunicação, estimulando a produção prática, teórica e contribuindo para a formação deles, além de promover a divulgação do conhecimento e da democratização dos meios de comunicação. Baseado no seu caráter público, essas emissoras, diferentemente das rádios comerciais, permitem desenvolver atividades que levam em consideração o reconhecimento da pluralidade cultural por meio de espaços destinados para os diferentes grupos existentes na sociedade.

Nesse sentido, Para Herrera Huérfano (2001, APUD DEUS, 2003 : 310), a função social de uma rádio universitária é oferecer uma produção que cubra a maior parte dos setores da população. Isso não significa somente que deve atingir o maior número de ouvintes, mas oferecer uma programação que corresponda aos interesses de diferentes setores da população. Essa programação não deve ser voltada para as necessidades particulares de um pequeno segmento de ouvintes privilegiados, para os funcionários da emissora ou até dos produtores e apresentadores que possam fazer os seus programas baseado em suas próprias preferências e imaginação. Nesse sentido, Deus (2003) comenta que as emissoras públicas devem se voltar para uma programação diversificada e democrática, que seja capaz de atender e dar espaços para as diferentes vozes e demandas sociais, produzindo conteúdos cujo principal objetivo é o interesse público. As rádios universitárias, desse modo, devem tomar a forma de um instrumento de expressão, apropriação e atuação da própria sociedade.

As rádios universitárias, na relação com seus públicos, funcionam como veículos do saber científico, cultural, político, filosófico e musical produzido dentro da Universidade. Fazer rádio através de uma emissora pública em AM ou FM significa envolver a sociedade ativamente, buscando entender suas necessidades e transformando o rádio em um meio de discussão e difusão. “Significa dizer que se deve falar a mesma língua colocando os meios [...] em condições de serem utilizados pela sociedade. Estes meios devem se constituir em canal de expressão da sociedade porque pertencem às universidades públicas.” (DEUS, 2003: 313)

Emissoras com esse perfil não devem ter como objetivo essencial a audiência ou a procura por anunciantes, mas sim a informação de qualidade direcionada para os seus ouvintes e visando reforçar os valores democráticos e de cidadania. Esse é o mesmo princípio segundo o qual a Rádio Universitária da UFG se define.

A Missão da Rádio Universitária é "oferecer ao público uma programação plural, ética e comprometida com a universidade pública, a cidadania, a transformação social e a democracia". Diariamente, as atividades desenvolvidas pela equipe de profissionais e estudantes pautam as mais diferentes áreas e assuntos de interesse público, como: saúde, educação, direitos humanos, esporte, artes, cultura e política [...] A Rádio Universitária da UFG é a única emissora educativa do Estado de Goiás, onde a cultura é tratada como manchete. A emissora já recebeu diversas premiações e menções honrosas do Estado, da Assembléia Legislativa, do Município e de Organizações Não-Governamentais. Conta com o apoio da classe intelectual, dos artistas consagrados e populares, e, principalmente, do ouvinte, que tem voz ativa na programação, através de e-mails, cartas, telefonemas e visitas à emissora. (RÁDIO UNIVERSITÁRIA DA UFG disponível em: <http://www.radio.ufg.br>)

A característica de veículo público está ligada, portanto, à sua situação jurídica – meio de comunicação pertencente do Estado, por meio da Universidade Federal de Goiás. Mas também à natureza do seu serviço, da Comunicação que realiza. Nesse sentido, é preciso definir um percurso para situar a Rádio Universitária, como um veículo público, e buscar saber até que pontos essas características são possíveis de se alcançar na realidade.

Contudo, antes de definir o significado de comunicação pública, cabe, brevemente, entender a idéia do que é público nos dias atuais. A origem da vida pública está associada ao surgimento do espaço público representado pelas *polis* gregas, em contraposição ao espaço privado das *oikos*, ou, para os romanos, *domus*. Os homens livres reuniam-se na ágora para deliberar sobre questões de interesse coletivo. Naquele momento, os homens compareciam ao espaço público para realizar negócios particulares, mas, também, para se reunir em assembleia, discutir e decidir sobre assuntos que afetavam a todos, como, por exemplo, questões de guerra ou comércio. A vida privada era, portanto, vivenciada nas *oikos*, o espaço das propriedades, dos escravos e da família. (MARTINS, 2003)

Os processos históricos que marcaram a humanidade fizeram com que diversas mudanças ocorressem no sentido e dimensão das *polis*:

Ao longo dos séculos houve, portanto, não só um redimensionamento das polis em diversos espaços públicos, como foram criados espaços próprios para o cotejo das idéias, ou seja, a esfera pública, caracterizada inicialmente pela sala de visita, pelos cafés, pelos teatros e, por fim, pelo surgimento de uma imprensa, que passou a abrigar tanto a “publicidade crítica “ (a tribuna das idéias) quanto a publicidade dos patrocinadores: a esfera pública passa a servir aos interesses da sociedade civil burguesa, já que esta se transforma na principal fonte mantenedora das publicações (por meio das vendas, publicações e anúncios). É como se as idéias, para circular no espaço público, tivessem de pagar um certo pedágio, seja o pagamento de um exemplar de um jornal, seja o pagamento de um ingresso de teatro. O que passa, porém, a caracterizar sobremaneira a esfera pública é a polêmica, por um lado, e, por outro, a difusão de informações e reclames acerca de produtos de mercado. (MARTINS, 2003: 35)

Atualmente, segundo Martins (2003), a esfera pública ampliou-se até para a Internet, que se transformou em um espaço público, ciberespaço, utilizado tanto para circulação de idéias quanto para anúncios mercadológicos e todo tipo de funcionalidade como, por exemplo, as ofertas de entretenimento.

Nesse sentido, Barbero (1995) percebe, na atualidade, uma transformação da experiência e das relações sociais que, ao estudar a mediação das novas fragmentações sociais e culturais, os modos de *“juntar-se das pessoas”*, podem ser representados a partir da reorganização dos espaços públicos e privados. Dessa maneira, para Barbero (1995), não se pode pensar em uma oposição total na relação entre o público e o privado, mas numa rearticulação de ambas as esferas.

O privado não é mais como antes. Nem o público é o mesmo que era. As velhas cidades feitas para que as pessoas se encontrassem, o velho modelo de cidade espanhola ou portuguesa, com belos becos e praças onde as pessoas se reuniam, são modelos que não funcionam mais na atual concepção dos urbanistas e planejadores. O ator principal é o tráfego e, portanto, a linha reta. Toda praça e curva são obstáculos à circulação. Há que refazer essas cidades em função do tráfego, o que significa uma transformação radical [...] de que isso não significa o desaparecimento da esfera pública, mas uma mudança de seu significado ( BARBERO, 1995 : 47)

Barbero (1997), ao mudar o eixo teórico de estudo dos meios de comunicação para o de estudo dos processos de mediação, desloca o seu interesse para o espaço social de produção de sentido dos indivíduos, para o contexto de formação cultural dos sujeitos. Da mesma forma, Leal (1995:119), pensando epistemologicamente as pesquisas de recepção, caracteriza o espaço social como algo diferenciado e que “institui sociabilidades e modalidades diferenciadas de recepção”. Nesse ponto, pode-se destacar o bairro, que Barbero (1997) trata como

espaço mediador entre o universo privado da casa e o mundo público da cidade. O bairro é visto como um campo de *fermentação* social e cultural, e o *locus* em que se constitui uma nova identidade do popular.

Recosturando solidariedades de origem nacional ou de trabalho, o bairro inicia e entretece novas redes que têm como campos sociais a quadra, o café, o clube, a sociedade de fomento e o comitê político. [...] Acha-se em sua base uma cultura política que já não é a dos trabalhadores, aquela visão de mundo frontalmente questionadora dos anarquistas e dos socialistas, e sim outra mais reformista, que via a sociedade como algo que poderia ser aperfeiçoado, uma sociedade que, sem ser radicalmente diferente da existente, poderia chegar a ser mais bem organizada, mais justa. (BARBERO, 1997: 269)

Para Brandão (2007), “a nova configuração do Estado democrático que vem se formando nos últimos anos é que dissolveu a dicotomia entre público X privado”. Nesse sentido, Brandão (2007: 30) aponta o surgimento de um terceiro setor que “entrou como uma cunha entre dois pólos desta dicotomia, formando recentes denominações que tentam explicar estas transformações, como os conceitos de ‘nova esfera pública’ ou de ‘privado porém público’ ”. Nesse novo cenário que configura a sociedade civil contemporânea é que irá se configurar a idéia de comunicação pública.

Desse modo, para Miotto (2004) o termo público significa tudo aquilo que é mostrado e pode ser visto ou ouvido por todos. É aquilo que está relacionado à pluralidade dos sujeitos e a interação social destes entre si. Miotto aponta que:

Na esfera pública, revela-se o que não está aparente. Além de revelar o agente que fala e age, as palavras referem-se a alguma realidade mundana e objetiva, algo que interessa e está entre as pessoas e as relaciona como uma teia. Por isso, a revelação da identidade através do discurso e o estabelecimento de um novo início por meio da ação incidem sobre uma teia já existente. Como a ação atua sobre seres que também são capazes de agir, a reação é sempre uma nova ação com poder próprio de atingir os outros (MIOTTO 2004:108).

O espaço público, de acordo com Miotto (2004), está no âmbito da palavra e da ação, fundamental em um mundo onde existem assuntos que requerem um debate público e não uma única verdade. Nesse sentido, a relação entre ação e discurso está no fato de que na ação os sujeitos se revelam e esta, por sua vez, é revelada por meio das palavras. Desta maneira, os homens passam a existir, eles mostram quem são e se apresentam ao mundo – o que só é possível na esfera pública. Neto (2002: 196) aponta que todo sujeito reúne as possibilidades de

produzir e receber discursos por meio da linguagem, da mobilização e apropriação do campo simbólico.

Se pararmos e observarmos o que se passa na literatura, no teatro, no cinema e na música hoje em dia, isso fica claro. Se antes tínhamos escritores que escreviam tentando resgatar a linguagem do submundo da violência, dos morros, do tráfico..., hoje são os próprios favelados ou presos que se põe a escrever suas histórias; se antes era necessário que uma patricinha da Zona Sul carioca subisse os morros cariocas e trouxesse de lá o funk, para que o asfalto passasse a ouvir esse ritmo, agora são os próprios funkeiros do morro que descem para o asfalto e cantam e dançam e falam; não é mais necessário atores profissionais encenando a vida, sofrimentos, alegrias, dúvidas da favela, pois os próprios adolescentes e crianças favelados são capazes de encenarem, de apresentarem a si próprios, de mostrar seus dramas, sua dança, seu gingado nos teatros da cidade, com qualidade cênica e movimentação de palco dignos de companhias de teatro profissionais. (NERCOLINI, 2002: 8).

Segundo Monteiro (2007), as questões públicas são componentes que circulam no espaço público ou, como ela também define, na arena pública e, por isso, fazem parte da agenda de discussões da sociedade. São questões que englobam temas como Política, Economia, Segurança Pública, Saúde, Meio Ambiente, questões agrárias, Direito das minorias, entre outros.

“Arena pública é aqui entendida como espaços de confrontação simbólica onde os problemas públicos são formulados e amplificados, segundo regras pré-definidas. As arenas são caracterizadas por uma lógica própria de seleção dos problemas, por recursos próprios, por referências simbólicas, e por uma gramática específica” (MONTEIRO, 2007: 42)

A comunicação pública, de acordo com Monteiro (2007), está diretamente ligada às questões públicas, devido a sua natureza e singularidade. Assim como a autora, Brandão (2003), Matos (2003), Bezzon (2004), Peruzzo (2004), Duarte (2007), entre outros autores, apontam uma tendência de se discutir a comunicação pública – um conceito ainda em fase de construção - a fim de que se criem condições para que os diferentes atores sociais sejam reconhecidos, representados e, ao mesmo tempo, tornem-se também protagonistas dos processos de comunicação.

Para Brandão (2007), a comunicação pública, por se tratar de um conceito ainda em construção, é um termo que vem sendo usado com diversos significados, às vezes conflitantes, dependendo do autor ou contexto em que é utilizado. Dessa forma, Brandão (2007) aponta que a comunicação pública pode ser relacionada com os conhecimentos e técnicas da área organizacional, com a comunicação científica,

entendida como comunicação do Estado ou governamental, identificada como comunicação política, associada às estratégias de comunicação da sociedade civil organizada.

Contudo, o conceito adotado nesta monografia é aquele que Brandão traduz como “informação para a construção da cidadania”. Este, cujo sentido caracteriza, segundo Zémor (1995, apud Brandão, 2007:14), a comunicação pública a partir da legitimidade do interesse geral. Para Zémor, as finalidades da comunicação pública são as de:

(a) informar (levar ao conhecimento, prestar conta e valorizar); (b) ouvir as demandas, as expectativas, as interrogações e o debate público; (c) de contribuir para assegurar a relação social (sentimento de pertencer ao coletivo, tomada de consciência do cidadão enquanto ator); (d) e de acompanhar as mudanças, tanto as comportamentais quanto as da organização social [...] diz respeito à troca e à partilha de informações de utilidade pública, assim como à manutenção do liame social cuja responsabilidade é incumbência das instituições públicas. ( ZÉMOR, 1995, apud BRANDÃO, 2007:14)

Nesse sentido, Monteiro (2007) analisa a comunicação pública como uma modalidade do processo comunicacional, cujos princípios são semelhantes aos de qualquer ato de comunicação. Da mesma forma, Brandão (2003:19) a define “como um processo de comunicação que se instaura na esfera pública entre Estado, o Governo e a sociedade e que se propõe ser um espaço privilegiado de negociação entre os interesses das diversas instâncias de poder constitutivas da vida pública no país”.

A idéia de comunicação pública, segundo Duarte (2007: 61), está relacionada à busca para melhorar a vida das pessoas por meio da comunicação. Ela deve assumir um “espírito público” e enfatizar o interesse coletivo em detrimento dos interesses mercadológicos, políticos, particulares etc. Para conseguir isto, de acordo com o autor, a comunicação deve ser feita “a partir do ponto de vista do cidadão em sua plenitude e não apenas em suas faces de consumidor, eleitor, usuário”. Dessa forma, percebe-se que a prática comunicativa é essencialmente pública a partir do momento em que o cidadão está na centralidade do processo de comunicação.

O conceito unificador que faz convergir o interesse daqueles que desejam mídias públicas fortes, uma mídia privada mais pluralista e democrática, a informação e a interação com o cidadão em bases apropriadas, uma divulgação mais próxima do interesse do Estado e da sociedade do que do governo parece ser o de interesse público, expressão, assim como

*comunicação pública*, difícil de definir consensualmente. Talvez seja mais fácil, neste caso, encaminhar uma definição pelo oposto – ou o que não é “comunicação pública”: não trata de comunicação sobre interesses particulares, privados, de mercado, pessoais, corporativos, institucionais, comerciais, promocionais ou de “um público” (DUARTE, 2007: 60-61).

A fim de tentar delimitar uma singularidade suficiente, que difere a comunicação pública das outras práticas de comunicação, Monteiro (2007) se volta para a natureza da mensagem, que caracteriza a comunicação pública e a relação desta com a sociedade. Na visão da autora, a comunicação pública é portadora do “interesse coletivo”, resultante de um “compromisso de interesses” entre indivíduos e os grupos pertencentes à sociedade. O “interesse público” deve vir à frente do “interesse particular” que compõe as informações, possibilidade esta que pode ocorrer a partir do debate público ou de estruturas que propiciem estas relações.

Na verdade, o que se percebe é que os valores que caracterizam a comunicação pública não se diferenciam das demais práticas comunicativas, especialmente da atividade jornalística. Como aponta Martins (2003: 34), há certa tautologia na expressão comunicação pública, pois todo processo de Comunicação Social é, por natureza, público.

Para Matos (2007: 52), “o conceito de comunicação pública é indissociável dos agentes envolvidos no processo de comunicação”. A existência deste exige a participação da sociedade e seus grupos. Nesse sentido, segundo Monteiro (2007: 41), a comunicação pública agregada aos meios de comunicação deve favorecer o debate e a troca de idéias, ouvir as demandas da sociedade, ter comprometimento com as questões sociais, ser instrumento de construção da cidadania e ser acessível a qualquer pessoa. O receptor, nesse caso, será ao mesmo tempo “cliente, consumidor, contribuinte, eleitor, voluntário, em suma: cidadão”.

Fort (2005), seguindo a mesma perspectiva que Barbero (2002), comenta sobre os conteúdos e qualidades de uma televisão pública, que deve ser capaz de conjugar qualidade técnica, competência comunicativa na “interpelação e construção de públicos” e apresentar uma estética própria a partir a experimentação de suas linguagens e expressividade. Concepções estas que também podem se estender para a Rádio Universitária da UFG, por se tratar de uma emissora pública de radiodifusão.

A televisão que propõe transmitir cultura busca uma identidade institucional com base em proposta peculiar de programação com referência visual

expressiva, articulação de gêneros e configuração de abordagens temáticas. Para Barbero, a televisão pública será cultural quando for um cenário social de produção e apropriação de significados, de construção de imaginários, memórias e identidades sociais, na qual o educativo seja dimensão fundamental. O que está em jogo é a ampliação das possibilidades culturais e comunicativas. Essa é a exigência para qualquer política de democratização. Qualidade na televisão, portanto, prevê inserção social, bem como manutenção dos direitos do cidadão ao acesso à informação e ao entretenimento (FORT, 2005: 87)

Ainda nessa perspectiva, o que vem a ser público para Barbero (2002) deve se fundir com a “cultura do comum”, sem negar a heterogeneidade, o espaço de visibilidade para os cidadãos e os seus grupos de interesses e a interação comunicativa. Seria o *locus* onde as diversidades sociais, as diferenças e os conflitos (as ações e os discursos em plural) estariam em um fluxo constante e mutante de negociação e ao mesmo tempo de reconhecimento da diversidade.

Os dispositivos de comunicação pública devem possibilitar e ser um espaço, e também produzir, a partir desse viés público, sempre interpelando as pessoas para o exercício efetivo de cidadania. Os diversos aspectos da cidadania passam, em especial, pela representação e reconhecimento das diferenças, pelo direito de se comunicar (informar e ser informado; ter e fornecer espaço de visibilidade) na construção de uma autonomia dos sujeitos, das diferenças e principalmente das minorias, que são os mais privados desse direito cidadão. Nesse sentido, o caráter público seria um lugar de encontro para todos os públicos. Reforçando o intercâmbio de conhecimentos e ao mesmo tempo sedimentando o caráter político, cultural e de identidade dos atores sociais. (BARBERO: 2002)

Assim, é possível entender que os aspectos que caracterizam a comunicação pública são permeados pelos interesses coletivos e valores da cidadania. A comunicação pública se propõe a ser um espaço democrático, capaz de dialogar, informar, educar, esclarecer, conscientizar os públicos, sem excluir as suas diferenças, suas matrizes culturais. Percebe-se que o conceito é amplo e, de certa forma, tautológico, pois todo processo de comunicação é essencialmente público.

A comunicação pública, da forma que foi apresentada nesta monografia, é algo que também faz, ou que deveria fazer na prática, parte de toda a Comunicação Social, seja aquela de caráter jornalístico, cultural, educativo, comercial, de entretenimento etc. Ela, quando agregada aos meios de comunicação, deve interpelar o seu público a partir da perspectiva do cidadão, deve apresentar uma estética própria, com uma programação diversificada e democrática, que seja capaz

de atender e dar espaços para as diferentes vozes e demandas sociais. Nesse sentido, uma característica das emissoras universitárias públicas é o reconhecimento da pluralidade cultural por meio de espaços destinados aos diferentes públicos.

Com base nas características que evidenciam a comunicação pública, é interessante saber se os ouvintes da Rádio Universitária da UFG vêem a emissora como um veículo público ou não, e quais as categorias que eles utilizam para defini-la dessa forma. Portanto, mais do que definir a Rádio Universitária como veículo público, este trabalho pretende identificar ou não essa característica a partir do ouvinte, procurando, ao final, verificar se há coincidência entre a sua visão e os conceitos até agora expostos.

## 4 ANÁLISE EMPÍRICA

### 4.1 METODOLOGIA

Objetiva-se, com a pesquisa empírica, descobrir até que ponto o discurso dos ouvintes da Rádio Universitária coincide ou não com a idéia que, como foi tratado nos capítulos anteriores, define a Rádio Universitária da UFG como um veículo de caráter público. Busca-se aqui, por meio da pesquisa qualitativa, entender que imagem os ouvintes da Rádio Universitária da UFG, dentro do número de entrevistados limitados pela pesquisa, têm da emissora.

A pesquisa qualitativa, segundo Bauer, Gaskell & Allum (2002:23), “lida com interpretações das realidades sociais” e tem como um dos principais recursos metodológicos a entrevista em profundidade. Ela é vista como uma estratégia autônoma de pesquisa. Segundo Bauer, Gaskell & Allum (2002: 24), a grande contribuição do método qualitativo é que ela “deslocou a atenção da análise em direção a questões referentes à qualidade e à coleta de dados”

Dessa maneira, a abordagem qualitativa, de acordo com Fort (2005), “procura entendimento e explicação do comportamento humano a partir da perspectiva dos participantes dos fenômenos”. Para a autora, o sujeito é considerado como parte integrante do processo de conhecimento. Dessa forma, “a subjetividade atua como base do método da pesquisa qualitativa e é, também, a base da sua validade”.

De acordo com Fort (2005), no que se refere à análise qualitativa dos dados e na apresentação dos resultados, é preciso que as generalizações sejam relativizadas, desconsideradas, o que, mesmo assim, não reduz a legitimidade dessa abordagem metodológica.

A pesquisa qualitativa como aquela que busca uma compreensão particular daquilo que estuda. Portanto, não há preocupação com generalizações, princípios e leis. Aos questionamentos de como o pesquisador descobre a qualidade a ser estudada, os autores apontam à intuição e à habilidade do pesquisador. O objetivo da pesquisa qualitativa é captar os significados do sujeito em sua cultura e em seus sentimentos. (FORT, 2005: 106)

Deste modo, Duarte (2005: 63) aponta que o objetivo essencial dos estudos qualitativos está “mais relacionado à aprendizagem por meio da identificação da riqueza e diversidade, pela integração das informações e sínteses das descobertas do que o estabelecimento de conclusões precisas e definitivas”. É nesse sentido que se buscará saber que imagem os ouvintes da Rádio Universitária têm da emissora.

No período de um mês, foi realizada uma lista, que continha o maior número possível de nomes dos ouvintes da emissora, a fim de manter um primeiro contato com eles para a realização da entrevista em profundidade e semi-estruturada. Para isso, foi necessário acompanhar, diretamente dos estúdios de transmissão, alguns programas e, também, contar com a colaboração dos apresentadores, já que a Rádio Universitária da UFG, até então, não possuía qualquer tipo de arquivo ou programa que pudesse registrar e identificar os seus ouvintes. Desse processo, construiu-se uma lista de 200 nomes e telefones de pessoas que ouviam a programação da Rádio Universitária da UFG. Nesse momento particular da pesquisa de campo, nota-se a limitação em termos de acesso ao público, no sentido de se chegar às pessoas para quem os conteúdos da rádio são direcionados, o público.

Dos 200 nomes, procurou-se escolher, aleatoriamente, e estabelecer contato com alguns ouvintes da emissora para marcar um encontro na data, horário e no ambiente escolhido pelo próprio entrevistado. Foram entrevistados, no período de aproximadamente um mês, que se estendeu de 15 de abril a 24 de maio de 2008, 13 ouvintes da emissora.

O passo seguinte foi selecionar ouvintes que costumam escutar a Rádio Universitária em grande quantidade de horas por dia e nos seus diversos gêneros. Eles podem, por causa do tempo maior de contato com a Rádio, ter desenvolvido uma relação mais próxima com a emissora, um conhecimento mais amplo sobre a grade programação da Rádio. A esse público, denomina-se aqui de “ouvinte geral”. Dos 13 ouvintes entrevistados, seis enquadraram-se no perfil de ouvintes gerais, o que parece ser pertinente em relação aos objetivos estabelecidos pela pesquisa e por se tratar de um método qualitativo. Mas em determinados momentos, os sete restantes também poderão fazer parte de quadros quantitativos.

Dessa maneira, no que se refere à escolha dos entrevistados da Rádio Universitária, buscou-se fazer o que Duarte (2005) chama de “seleção por conveniência”. Esta ocorre quando as fontes são selecionadas por proximidade ou disponibilidade. Elas devem ter envolvimento com o assunto e disposição em

conceder a entrevista. O autor explica que, em estudos qualitativos, a seleção das fontes depende do julgamento do pesquisador. Do mesmo modo, Gaskell (2002) comenta que a escolha dos entrevistados se dá de maneira não-probabilística

Diferentemente da amostra do levantamento, onde a amostra probabilística pode ser aplicada na maioria dos casos, não existe um método para selecionar os entrevistados das investigações qualitativas. Aqui, devido ao fato de o número de entrevistados ser necessariamente pequeno, o pesquisador deve usar a sua imaginação social científica para montar a seleção dos respondentes. (GASKELL, 2002:70)

O universo de seis ouvintes entrevistados, para falar sobre a Rádio Universitária, não reduz a possibilidade de se alcançar os objetivos desta monografia. Pois, como aponta Duarte (2005:69), é preferível ter um pequeno número de fontes, mas que tenham capacidade e sejam suficientes para responder à questão proposta pela pesquisa, do que ter muitos entrevistados sem relevância ou que tragam informações repetidas. Para o autor, “é possível, entrevistando pequeno número de pessoas, adequadamente selecionadas, fazer um relato bastante consistente sobre um tema definido”. Gaskell (2002) compartilha dessa mesma perspectiva ao apontar duas explicações sobre a pequena quantidade de entrevistas necessárias para uma pesquisa qualitativa.

Um ponto-chave que se deve ter em mente é que, permanecendo todas as coisas iguais, mais entrevistas não melhoram necessariamente a qualidade, ou levam a uma compreensão mais detalhada. Há duas razões para esta afirmação. Primeiro há um número limitado de interpelações, ou versões, da realidade [...]. A certa altura, o pesquisador se dá conta que não aparecerão novas surpresas ou percepções. [...]. Em segundo lugar, há a questão do tamanho do *corpus* a ser analisado. A transcrição de uma entrevista pode ter até 15 páginas; com 20 entrevistas haverá, então, umas 300 páginas no *corpus*. (GASKELL, 2002: 70-71)

Para o desenvolvimento das entrevistas com os ouvintes da emissora, buscou-se dar maior liberdade aos entrevistados para formular suas idéias, relatar suas lembranças, que estejam relacionadas à Rádio Universitária, e minimizar a interferência do entrevistador na fala dos ouvintes. Dessa maneira, optou-se pela realização de entrevistas do tipo semi-estruturadas e em profundidade. Para Gaskell (2002) a entrevista semi-estruturada, também denominada por alguns autores de semi-aberta, é uma forma de entrevista qualitativa que se caracteriza por ser uma

“conversação continuada menos estruturada, em que é feita uma série de questões predeterminadas”.

Uma entrevista semi-aberta geralmente tem algo entre quatro a sete questões, tratadas individualmente como perguntas abertas. O pesquisador faz a primeira pergunta e explora ao máximo cada resposta até esgotar a questão. Somente então passa para segunda pergunta. Cada questão é aprofundada a partir da resposta do entrevistado, como um funil, no qual perguntas gerais vão dando origem a específicas. O roteiro exige poucas questões, mas suficientemente amplas para serem discutidas em profundidade sem que haja interferência entre elas ou redundância. A entrevista é conduzida, em grande medida, pelo entrevistado, valorizando seu conhecimento, mas ajustada ao roteiro do pesquisador. (DUARTE, 2005: 66)

No caso, as entrevistas semi-estruturadas com os ouvintes da Rádio Universitária da UFG também são em profundidade porque elas resultam do relato individual dos entrevistados. Trata-se, de acordo com Duarte (2005), da entrevista feita com uma fonte de cada vez e que procura, com base nos objetivos estabelecidos pela pesquisa, “intensidade nas respostas, não-qualificação ou representação estatística”.

A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo pesquisador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer. [...]. A entrevista em profundidade não permite testar hipóteses, dar tratamento estatístico às informações, definir a amplitude ou quantidade de um fenômeno. [...]. Seu objetivo está relacionado ao fornecimento de elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema. (DUARTE, 2005: 62-63).

Dessa maneira, as principais questões que permearam a entrevista com os ouvintes da Rádio Universitária foram: a) a imagem que o ouvinte da Rádio Universitária tem do veículo de comunicação rádio; b) o tipo de interpretação e apropriação que ele faz ao entrar em contato com os programas, apresentadores e conteúdos da Rádio Universitária e, dessa maneira, qual a imagem que ele, a partir da sua visão, constrói da emissora; c) a forma de contato deste ouvinte com a emissora, de que maneira ele se interessou e tomou conhecimento desta e d) como ou quais as formas de interação do entrevistado com a Rádio Universitária.

## 4.2 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A partir do roteiro da entrevista semi-estruturada e das informações resultantes da fala dos ouvintes entrevistados, surgiram categorias de análise na pesquisa que serão apresentadas agora. Segundo Duarte (2005:79), as categorias de análise “são estruturas construídas pelo pesquisador que reúnem e organizam o conjunto de informações obtidas a partir do fracionamento e da classificação de temas autônomos, mas inter-relacionados”.

As questões elaboradas no roteiro de entrevista, que serão apresentadas a partir do relato dos ouvintes entrevistados, são: a) qual o pensamento que eles têm sobre o veículo rádio b) de que maneira se deu o primeiro contato que os entrevistados tiveram com a Rádio Universitária, e com base nisso, quais foram as motivações que fizeram deles ouvintes assíduos da emissora; c) onde e como eles escutam a Rádio; d) qual a preferência de cada um dos ouvintes entrevistados no que diz respeito aos conteúdos, programas, apresentadores da Rádio Universitária; e) qual o contexto em que os ouvintes ouvem a Rádio, os tipos de relação, influência e participação que os ouvintes desenvolvem ou não com a emissora; f) eles pensam a Rádio Universitária como um veículo público.

Dessa forma as categorias de análise que serão desenvolvidas a seguir estão relacionadas ao veículo rádio, às motivações do primeiro contato com a emissora, ao espaço social no qual os entrevistados ouvem a Rádio, à preferência de conteúdos ou programas, à produção e localização geográfica dos conteúdos veiculados, aos tipos de relação ou interação com a emissora e aos apresentadores da Rádio Universitária da UFG.

Os ouvintes entrevistados moram nos seguintes setores de Goiânia: Jardim Presidente, setor Moca, setor Progresso, Conjunto Castelo Branco, setor Água Branca e setor Central. Todos os ouvintes optaram pela entrevista em suas respectivas residências, exceto o ouvinte 05, que mora em Água Branca, e que preferiu ser entrevistado no seu local de trabalho, no Setor Central.

Os ouvintes gerais 1, 3, 4 e 5 são do sexo masculino e as ouvintes gerais 2 e 6 são mulheres. Quanto à idade, os ouvintes gerais 1, 2, 3, 4, 5 e 6 têm 27, 30, 23, 54, 63 e 50 anos, respectivamente. Os ouvintes 2, 3 e 6 são estudantes universitários. A ouvinte geral 2, além de se declarar estudante universitária,

comentou que é bacharel em Psicologia. O ouvinte geral 1 é alfaiate, músico e também ator de cinema no cenário goiano. O ouvinte geral 4 também se declarou músico. Já o ouvinte geral 5 afirmou ser comerciário e calígrafo.

QUADRO 1 - Dados de apresentação dos ouvintes gerais da Rádio Universitária da Universidade Federal de Goiás

Ouvinte	Sexo	Idade	Profissão	Setor
1	Masculino	27	Alfaiate; músico e ator amador.	Jardim Presidente
2	Feminino	30	Bacharel em Psicologia e universitária	Moca
3	Masculino	23	Estudante de Engenharia	Setor Progresso
4	Masculino	54	Músico profissional	Conjunto Castelo Branco
5	Masculino	63	Comerciário e Calígrafo	Água Branca
6	Feminino	50	Estudante de Musicoterapia	Setor Central

Todos os entrevistados falaram que ouvem a Rádio há bastante tempo. O ouvinte 1, de 27 anos, escuta a Rádio há cerca de três ou quatro anos. A ouvinte 2, de 30 anos, falou que escuta desde adolescente. O entrevistado 3 comentou que há mais de três anos passou a ouvir a Rádio Universitária da UFG. Já os ouvintes 4, de 54 anos, 5, de 63 anos, e 6, de 50 anos, apontaram que ouvem a emissora há mais de 20 anos. O ouvinte 4, 54 anos, desde 1967, o ouvinte 5, de 63 anos, desde 1970; A ouvinte 6, de 50 anos, falou que entrou em contato com a Universitária quando tinha 11 anos de idade. Pode-se dizer que os ouvintes entrevistados possuem uma relação de “fidelidade” com a Rádio Universitária, consolidada há bastante tempo, o que lhes permite desenhar uma imagem da emissora, nos dias de hoje, com mais autonomia.

Durante a entrevista, os ouvintes da Rádio Universitária comentaram sobre o veículo rádio. Ao fazerem comparações e distinções entre o rádio e a televisão, os ouvintes entrevistados disseram que preferem o veículo radiofônico. Eles apontam o rádio como um dispositivo que, diferentemente da televisão, permite que os ouvintes desempenhem outras atividades, fazendo com que a atenção deles não seja totalmente monopolizada pelo meio de comunicação. Outra característica, presente

na fala dos entrevistados, é a de que o rádio funciona como um instrumento que possibilita a eles entretenimento, informação e companhia, que se dá por meio do som e da oralidade. Os entrevistados também expõem a idéia de que o rádio, apesar de estar perdendo espaço na sociedade contemporânea, continua sendo o principal veículo utilizado por eles.

Eu considero que eu sou uma pessoa informada; eu não sou desinformada das coisas que acontecem. E meu veículo de comunicação é rádio, por mais que ele seja um pouco, não tão 'modernoso' como jornal de Internet, por exemplo, que você pode receber o jornal e ficar lendo. Eu consigo ainda ser uma mulher do século XXI que escuto rádio e me mantenho informada. (APÊNDICE B)

Tem muita gente que fala assim, a rádio vai se extinguir porque tem o computador, a Internet, o G1 que mostra tudo não sei o que [...]. Não. Hoje tem pessoas ainda que ouvem muito rádio. [...] Você pode observar, que você passa nas casas, presta atenção quando você estiver andando na rua, ouve se as pessoas todas estão ouvindo só televisão [...]. Você fala, mas olha a pessoa ta ouvindo rádio. Consultório, aquela musiquinha, aquele barulhinho e a pessoa ta ligada né. Então o rádio não é uma coisa que ta esquecido não, ainda é presente. (APÊNDICE F)

Outra questão importante, que está na fala dos ouvintes da Rádio Universitária da UFG, refere-se às formas de acesso deles em relação à emissora; de que maneira eles conheceram a Rádio Universitária da UFG e passaram a escutá-la com freqüência. É importante saber os mecanismos de contato, os estímulos, as motivações e as identificações que interpelaram esses entrevistados a se tornarem ouvintes conectados na Rádio. Pois, a partir dos interesses que fizeram os ouvintes permanecerem sintonizados na emissora, pode-se chegar às principais características ou conteúdos que definem a Rádio Universitária na visão deles.

Assim, alguns ouvintes gerais conheceram a Rádio Universitária de maneira casual, “acidental”, ao mudar a freqüência do aparelho radiofônico. A partir daí passaram a se interessar pela programação da Rádio.

Eu acho que foi com Beatlemania. Ouvindo, eu peguei alguma coisa lá AM, aí eu sintonizei nesse 870 e tinha o Beatlemania rolando. Então comecei a ouvir, achei legal, depois eu me interessei pelo que tava rolando na rádio e fiquei ouvindo. Aí comecei a ser assíduo sabe? Mas tem assim cerca de uns três anos ou quatro que eu comecei a ouvir. (APÊNDICE A)

Como eu sou uma pessoa que gosta muito de rádio, gosto muito de rádio né. Eu fui descobrindo as rádios né. Assim como na televisão você fica passando de canal quando você ta começando a ver, nas rádios também. Eu fui passando, fui experimentando, 'ah essa aqui é legal'. [...] Uma das primeiras vezes que eu ouvi a Rádio Universitária, eu ouvi música clássica.

Eu achei legal, assim, ah legal, descansa. Aí eu passei a prestar mais atenção não programação. O que será que essa rádio tem a mais né? Aí eu fui vendo, em horários diferentes durante o dia, durante a semana, durante o final de semana. Aí fui vendo as programações, o que tem de legal. Aí hoje como eu sei os programas, eu já ligo naquele horário que ta passando. (APÊNDICE C)

É eu vim do Maranhão, morei no Maranhão, vim pra cá. Aí mexendo no rádio parei naquela música diferente, entendeu. [...] Lembro, era música erudita. Ela tocava o dia todo nessa época. Aí tinha uma voz assim bem formal, uma coisa assim parecendo a FM né. Aí nem era Universitária, Rádio da Universidade Federal de Goiás, 'estamos apresentando seleção de música erudita'. (APÊNDICE D)

Outro grupo de entrevistados começou a ouvir a emissora depois que outras pessoas lhes sugeriram que sintonizassem na Rádio Universitária da UFG, ou seja, o contato inicial deles se deu por meio da indicação ou influência de terceiros.

Minha primeira vez na Rádio foi quando eu era adolescente e me falaram que tinha em Goiânia um programa de rock and roll. E eu não sabia disso, como assim rock and roll em Goiânia e em rádio, é impossível. E era aquele programa espírito da música, ou era aquele, não era um programa que passava sábado, no finalzinho do sábado que passava um programa de rock e depois ainda falava a agenda de Goiânia. E aí eu comecei a escutar a Rádio por causa desse programa no sábado, aí depois eu tomei gosto, depois eu não consigo escutar nenhuma outra rádio. E hoje em Goiânia tem rádio exclusivamente de rock e eu não consigo escutar eu não gosto. (APÊNDICE B)

Soube da existência da Rádio Universitária quando tinha 11 anos de idade, na escola, por meio de um funcionário da escola, um bedel, que comentou sobre uma rádio que tocava músicas interessantes. De lá pra cá, a Rádio Universitária, inclusive, influenciou diretamente o meu gosto musical, pois fui criada numa família que só escutava sertanejo. Ali na Rádio, então, eu passei a me interessar pelas músicas clássicas [...]. (APÊNDICE F)

Na fala de todos os entrevistados está presente a música como elemento atrativo, motivador do primeiro contato com a Rádio e a razão que os tornou ouvintes assíduos da emissora. Apenas um dos entrevistados não conseguiu se lembrar de que maneira soube da Rádio Universitária, ele somente comenta que a escuta há bastante tempo e cita alguns dos apresentadores que passaram pela emissora.

Rapaz, eu sou ouvinte já antigo da Rádio Universitária. Pra você ter uma idéia, inclusive, quando ela já funcionava por volta ali dos anos 70 e poucos, ali na Alameda Botafogo, ali perto da Avenida Universitária, na época lá o senhor Francisco José Coutinho Paes, era o Chicão, é meu amigo particular, até que ele era locutor lá. E tinha o Jota Tormin que, infelizmente, ele deixou de participar, de ser radialista da Rádio Universitária, passou pra outra rádio né, é um excelente locutor né. Desde

aquela época eu já sou ouvinte da Rádio. Depois ela passou lá pro Lago das Rosas né. Então, eu sou ouvinte assíduo, inclusive eu já mandei mensagens de colaborações pra Rádio quando ela existia, inclusive, lá na Avenida, na Alameda Botafogo. E também já mandei correspondência aqui pra Rádio, no Lago das Rosas lá. Mandei aos cuidados daquele locutor, aquele diretor, o Roberto Nunes. E pra aquela que tem o programa do meio-dia... Como ela se chama... Aquela radialista que tem aquele programa. Esqueci o nome dela. Eu já mandei carta pra ela também. (APÊNDICE E)

O local onde os entrevistados costumam ouvir a Rádio Universitária também é relevante. Leal (1995:119) caracteriza o espaço social como algo diferenciado e que “institui sociabilidades e modalidades diferenciadas de recepção”. O “espaço social” pode ser um fator que interfere na opinião dos ouvintes entrevistados sobre a emissora. É possível que haja alguma influência da família ou de amigos dos ouvintes entrevistados na visão que eles têm sobre a Rádio Universitária da UFG.

[...]. Então eu costumo ouvir ela à tarde. Eu trabalho com uma tia minha. Então ela fica ouvindo aquilo de tabela. Então ela já entra no jogo da coisa. Ela costuma ouvir a Rádio Difusora, que é uma rádio católica que é aquela coisa padrão. Então quando ela ta ouvindo aquilo ali diferente ela percebe um universo de Goiânia que ela não conhecia, que ela não conhece. Esse universo. Porque ela é uma pessoa, uma senhora, católica. O tempo todo, ela se diverte comigo (risos). Acha engraçado a coisa toda como eu falei dos erros. Ela até já memorizou as pessoas que vacilam mais. Ela fica ‘nossa esse povo ta falando de cinema no rádio, que isso, que história é essa’, entende, dessa forma? Ela não vê que é possível a rádio ser... Ter essa função pública realmente nesse ponto até de divulgar cinema, o artista, divulgar a música. (APÊNDICE A)

Já. Já. Escuta sim. Ela já consegue. Tanto que um dia eu tava na casa do meu irmão e o meu irmão não tem rádio, e aí ele tem Internet, eu fui e sintonizei a Rádio na Internet pra escutar; aí minha mãe logo chegou na sala, ela tava na cozinha, na casa do meu irmão. A gente não fica muito lá, mas esse dia a gente tava lá. Aí ela logo já chegou e reconheceu a voz dos locutores, assim, então acaba sendo uma informação pra mim e para ela. Ela tá tão “ambientada”, habituada com a Rádio que ela já conhece a voz de um locutor, de um programa e serve de informação pra ela também. Às vezes tem alguma coisa interessante, a gente pára, “oh mãe”, né. A gente até comenta algumas informações legais. (APÊNDICE B)

Minha mãe, meu pai e minha irmã. Meu pai de vez em quando, por gostar de futebol, ele acaba ouvindo. Como eu te falei passa pra 870, passa 730 e ele acaba ouvindo um pouco sim. Mas meu pai é o único que ouve aqui dentro de casa e ouve esporte. Normalmente minha irmã também ouve. Quando eu to ouvindo, ela ta por perto e acaba ouvindo também. [...]. Normalmente eu falo Janice, liga, pede música também, pra ta participando do sorteio. Ela participa também, de vez em quando ela participa. Inclusive, eu falei para ela, que o pessoal ia fazer uma entrevista comigo. Quer dizer, normalmente eu converso com ela a respeito da Rádio também (APÊNDICE C)

Nesse sentido, percebe-se que os parentes dos ouvintes conversam com eles sobre as especificidades da emissora ou até, em alguns momentos, os familiares escutam a Rádio Universitária ao lado deles. Assim, o interesse que os ouvintes gerais têm pela Rádio atinge também as pessoas mais próximas, que convivem com eles. Os entrevistados comentaram que normalmente escutam a emissora em suas residências ou no trabalho.

Também é importante evidenciar os interesses que interpelam os ouvintes entrevistados a se manterem sintonizados na Rádio Universitária. Assim, serão apontados, a partir da fala dos entrevistados, os diversos aspectos que se misturam e caracterizam as preferências de conteúdo de cada ouvinte em particular. O que contribuirá para definir a imagem da emissora na visão dos entrevistados.

O ouvinte 1 é alfaiate, trabalha com música e como ator em filmes goianos. Ele tem 27 anos e é do sexo masculino. Percebe-se pelas atividades que executa e pelos seus relatos que a sua preferência de conteúdo está voltada para as questões informativas ligadas ao cinema e à cultura em geral, além das músicas que são tocadas na emissora. Nesse ponto, ele se sente motivado para ouvir conteúdos que abordam questões sobre cinema, principalmente relacionado ao cinema goiano - coberturas, curiosidades e informações. Outro fator atrativo da Rádio Universitária para o ouvinte 01 são os programas musicais voltados para as suas áreas de interesse como o rock, em geral, e coberturas de festivais musicais goianos.

Eu costumo ouvir o período da tarde da rádio. Assim, o programa de cinema, o Música Para Todos, esses programas. Como eu também trabalho com cinema, aqui em Goiânia, atuando, então eu me interessar muito pelo que tá rolando nesses programas, do Matiné. Tem sempre alguma informação legal ali a respeito e de cultura também no Panorama, tal. O período que eu ouço da rádio é esse. Minha rotina com relação à rádio é essa, durante à tarde eu ouço. [...]. Tem muito a ver e eles colocam algumas músicas e, com relação à cobertura de festivais de rock também, daqui de Goiânia, esses festivaizinhos que rolam sempre tem alguma coisa lá e assim não dá pra dizer o que eu lembro não. Mas eu lembro de alguns nesse... Dessa área, e com relação ao cinema também. Do Oliveira lá, que é o de cinema, ele... Eu fico mais interessado quando ele trata do cinema goiano. (APÊNDICE A)

A ouvinte 2 é bacharel em psicologia e, atualmente, está cursando licenciatura na Universidade Católica de Goiás, na área de Psicologia. Ela tem 30 anos. A ouvinte demonstra na sua fala ter grande identificação pela programação da Rádio. Quando concedeu a entrevista, ela estava ouvindo a programação. A entrevistada apontou como relevante, no que diz respeito à Rádio Universitária da

UFG, os conteúdos que se caracterizam como informativo, serviços, entretenimento (os programas musicais) e educativo-cultural.

A entrevistada comentou o seu interesse por músicas de estilo clássico, rock alternativo, música popular brasileira e músicas do cenário regional. Outra preferência citada são os programas de utilidade pública, serviços ligados à área acadêmica: concursos, editais, premiações, cursos, oficinas, temáticas relacionadas; e também temas relacionados ao dia-a-dia das pessoas, geralmente orientações que buscam atentar, mobilizar, prevenir ou alertar a população em geral ou setores específicos para temas de interesse público.

Além disso, ela também comentou da importância de se transmitir conteúdos e programas que englobem a filosofia, como o programa Filosofia no Ar. A ouvinte 2 pensa que é necessário ter um programa de filosofia com linguagem simples e acessível, capaz de contextualizar os fatos e acontecimentos contemporâneos.

A primeira coisa que eu colocaria é um programa que eu não sei mais cadê, assim que ele sumiu. Aí eles falam que era pra apoio técnico, assim, que não tem mais gente técnica pra fazer. Não sei se é isso, só sei que o Espírito da Música sumiu e era um dos programas, foi um dos programas que me fez ir pra lá, pra Rádio, conhecer a Rádio. O Espírito da Música era um programa muito legal, feito pelo pessoal daqui, da Universidade, tinha uma outra proposta, umas músicas, eles escolhiam alguns cantores, assim, algum movimento dentro da música, vamos supor: vamos falar de rock progressivo e escolhia músicas pouco conhecidas e fazia esse programa assim. Tinha uma voz de fundo também que trazia algumas frases legais. Era um programa diferente, ele tinha um formato mais psicodélico. Eu acho bem mais subjetivo. Não tinha propaganda, não tinha nada disso, não ouvinte, não tinha... [...]. Ai depois eu colocaria a Agenda Universitária, porque eu acho fundamental, adoro isso. Depois, eu colocaria o programa da manhã de músicas brasileiras, que eu acho ótimo. [...] Gosto dos clássicos, não tiraria, deixaria ele... Gosto de Beatlemania, acho legal. Ah! Não tenho muito que reclamar não, eu to muito satisfeita. [...]. Eu caracterizo (a Rádio) como informação pura em diversas áreas: política, saúde e música - a própria variação musical traz uma informação. Acho que eu caracterizo como informação. Fonte de informação mesmo. (APÊNDICE B)

O ouvinte 3, 23 anos, do sexo masculino, é estudante de Engenharia da Universidade Federal de Goiás. Ele evidenciou sua preferência por questões relacionadas ao futebol, programas esportivos. O ouvinte comenta que procura esse tipo de informação em diversas emissoras radiofônicas em geral, inclusive na Rádio Universitária. Aponta a sua preferência por programas que contenham músicas e também informações relacionadas às atividades ou agendas culturais regionais, que estejam relacionadas, por exemplo, ao cinema ou peças teatrais. O ouvinte 3, ao

contrário da ouvinte 2, busca outros meios de informação sobre os seus assuntos de interesses, além da Rádio. Ele também discorda da fala de outros ouvintes ao desprezar a música erudita. Nesse sentido, ele analisa a programação da Rádio Universitária como “fechada”, pode-se dizer elitista.

[...] Ouvi (a Rádio Universitária) antes de entrar na UFG. Por causa do esporte né. Como eu gosto de rádio e gosto de futebol eu acabei ouvindo, assim como eu ouço as outras. 730, CBN, Difusora, eu ouvi a 870 também, [...] Todo sábado eu ouço o Matéria-Prima, que é da 13h às 18h [sic]. Eu ouço todo sábado, praticamente todo sábado, eu ligo, participo, peço música. Transmissão de jogos como eu já tinha te dito, eu ouço, às vezes eu ouço pela Rádio Universitária. To ali na 730, vou dou uma passada ali, ouço um tempo numa, o tempo em outra. (APÊNDICE C, grifo nosso)

A programação, por exemplo, boa parte da programação da Rádio Universitária é de música clássica, fechado. Quase ninguém, não gosta de música clássica, nem conhece. Então, assim, já fecha um pouco, já restringe um pouco a audiência. A própria programação, o restante da programação né. [...] De mudar? O que eu mudaria? Complicado né. Eu colocaria menos música clássica. Eu tiraria um pouco de música clássica. Eu colocaria, assim, análise de livros. Escolheria um autor, um filósofo, sei lá, e analisasse. É complicado né, se a Rádio tem essa programação é porque tem um motivo também né. Eu já ouvi falar que a Escola de Música lá tem uma certa autoridade, é por isso que passa tanta música clássica. (APÊNDICE C)

O ouvinte 4, de 54 anos, do sexo masculino, é músico e cantor de Música Popular Brasileira desde 1972. Ele também é deficiente visual. Percebe-se que a preferência de conteúdo do ouvinte 4 é predominantemente musical.

Segundo o ouvinte 4, seria importante que os programas mesclassem música e informação. Nesse sentido, ele é bastante enfático, tem empatia por música clássica e popular brasileira. Para ele, o conteúdo ideal seria aquele que, a partir de determinada música regional do país, contextualizasse e aprofundasse nas questões históricas, políticas e culturais relacionadas com o estilo, a composição, o autor, a letra e o local de origem das músicas. A motivação do ouvinte 4 em ouvir a Rádio Universitária está no fato de que a emissora consegue veicular músicas, de estilos e conteúdos variados que não têm espaço em outras emissoras radiofônicas.

Outra questão de interesse que o ouvinte 4 comentou foi a preferência por conteúdos no campo da Ciência, da Geografia e meteorologia. Outro ponto de interesse dele, algo também foi comentado pela ouvinte 2, está na presença de conteúdos filosóficos e de religiosidade na Rádio. Nesse sentido, ele apontou um programa chamado Mensagem, que contribuiu para as transformações na sua forma de pensar a vida e nas suas concepções religiosas.

O que eu gosto é porque em se tratando da Rádio Universitária toca coisas que você não vê em lugar nenhum, eles não têm essa preocupação: ah, eu não vou tocar isso aqui porque não é comercial, é muito bonito, mas não é pra tocar no rádio [...]. Então, eu acho essa variedade fantástica porque surpreende a gente [...]. Já talvez, um professor de radialismo vai dizer assim, você tem que tocar aquilo que ta na cabeça do ouvinte. Tá, mas e a música nova como que você vai fazer? Porque não ta na cabeça do ouvinte, você tem que tocar primeiro. Então, fica assim eu não toco essa música porque o ouvinte não conhece. Aí o ouvinte não conhece essa música porque o rádio não toca. Ela fica desse jeito (APÊNDICE D)

Se eu pudesse montar uma programação eu faria uma que vasculhasse a nossa música brasileira. Criaria um nome né. Por exemplo, nós temos no Maranhão a Toada de Boi, a gente não ouve aqui. Nós temos em Pernambuco o Frevo. Nós temos no Ceará mais o Forró. Temos na Bahia o Axé, que eles chamam de Axé. Temos no Pará o Carimbó e, assim, vai. Então, eu criaria um programa que resgatasse tudo isso, alguma coisa tipo o Universo Brasileiro ou Universo da Música Brasileira [...]. Aí seria uma coisa bem mais informativa. Agora eu sinto que o programador, ele fica um tanto acomodado, quer dizer, ele pega o disco, lê o nome da música, programa e joga pra lá e pega outro. Aí ta faltando o que, pesquisar né. Pega aquela música, tem uma música temática como essas que eu falei e ir a fundo, pesquisar. (APÊNDICE D).

Ah, a gente sempre ouve alguma coisa assim. Eu não lembro exatamente não, mas sempre... Na Universitária o programa que eu falei do Tormin, o Mensagem, eu ouvia todos os dias. Ele mudou muito, até minha visão religiosa de ver as coisas. Hoje em dia eu não pertencço a nenhuma religião e não deixo de ter religiosidade graças a esse programa, o Mensagem. (APÊNDICE D)

O ouvinte 5, 63 anos, do sexo masculino, é comerciário e calígrafo. Antes de ser entrevistado, o ouvinte perguntou qual o significado da expressão “Jornalismo independente” veiculada como parte de um dos slogans da Rádio Universitária. A partir dessa pergunta e da fala do próprio entrevistado, pode-se dizer que o ouvinte 5 tem preferência por conteúdos informativos e jornalísticos, programas formados por reportagens, entrevistas, boletins, que se volte para as questões públicas. No caso, para o ouvinte 5, a idéia de jornalismo independente está na obrigação das emissoras de rádio de fiscalizem e cobrarem das autoridades políticas uma maior responsabilidade e compromisso ético com as funções administrativas. Durante a entrevista, o ouvinte 5 comentou a sua preferência, no que se refere ao entretenimento, por programas musicais do estilo clássico e sertanejo e que sejam transmitidos ao vivo e abertos à participação do público.

Para que ela (a Rádio Universitária) ajude contribuir assim com as coisas que acontece, lavagens de dinheiro, essa trapaças pelo Brasil a fora ou pelo nosso Goiás. Então, por isso que eu perguntei. Uma espécie de uma

outra rádio que tem em Goiânia, tem uma aqui que é um jornalismo sério, qualquer coisa que está errada ela chama atenção da autoridade, bate pesado. Isso que eu queria saber se é realmente o caso da Rádio Universitária, por isso que eles fazem jornalismo independente. Por isso eu estava perguntando. (APÊNDICE E)

Muito bem. Pra começar de cedo, de manhã seria importante ter um programa ao vivo ou, então, pode ser um pouco gravado, mas músicas sertanejas, que é lindo demais, músicas sertanejas, aquelas músicas de raízes né. Sobretudo, a Rádio Universitária que é uma rádio, como que diz, exemplar né. Então, achei importante demais que fosse um programa de música sertaneja e também um programa de música ao vivo. E parece que já existe, fiquei sabendo que existe um programa sertanejo aos domingos, mas podia ter também nos dias úteis da semana, sertanejo né. Seria importante demais ter isso aí, ou, então, de música popular também, mas que fosse, assim, ao vivo. Locução ao vivo e para que o ouvinte participe através de telefonemas e tudo mais, participar, assim, no ar né. Isso são coisas que eu até gostaria de acentuar aí, pra deixar até gravado isso aí pra levar a conhecimento deles lá, da direção, ver se melhora mais nesse sentido aí. (APÊNDICE E)

Eu gosto mais de escutar esses programas de música erudita, inclusive aquele programa noturno que tem os Clássicos na Madrugada, admiro demais esse programa, eu gosto de mais. Inclusive agora, pois em cadeia com a Rádio MEC, ficou bacana que a gente ouve as músicas bonitinhas assim. Muito bacana mesmo, eu gosto demais daquele programa que tem à noite. Principalmente os concertos musicais, eu acho lindo pra caramba. Tem um programa também, à noite, parece que é ao vivo né, isso que é o mais importante, João Sobreira Rocha, muito bom aquele programa dele. Esse que você tava perguntando, o primeiro, é os Clássicos na Madrugada, roda aquelas músicas, assim, música de concerto, aqueles intérpretes antigo né, acho muito bonito aquilo. (APÊNDICE E)

A ouvinte 6, de 50 anos, do sexo feminino, está cursando o primeiro ano do curso de Musicoterapia na UFG. Percebe-se que a música tem grande importância na vida desta ouvinte. No que diz respeito à Rádio Universitária, ela atribui à emissora a capacidade de ter formado o seu gosto musical. Vivendo em um ambiente marcado pela música sertaneja, ela teve a possibilidade de ouvir outros estilos musicais por meio da Rádio. Assim, ela aponta como preferência de conteúdo a música erudita e as músicas que estimulam o relaxamento, com a sonoridade branda e suave. Outras prioridades de conteúdo para ela estão relacionadas às questões informativas, culturais e jornalísticas. Contudo, ela afirmou escutar a Rádio mais pelas músicas do que pelas informações jornalísticas.

No que se refere à Rádio Universitária, ela tem como ideal um conteúdo e programação que estimule a produção local e coloque em evidência os artistas e músicos goianos e da Faculdade de Música da UFG. Além de pensar na emissora como um instrumento de divulgação de assuntos referentes à agenda cultural da

cidade, produções artísticas locais e informações de interesse público para a região. Dessa forma, ela repete o discurso dos outros entrevistados.

Eu não gosto muito quando sai daquelas músicas mais calmas e vai para as músicas mais badaladas. Ai você fala ô gente porque que eles põem essas músicas? Podia tanto por uns trem mais calmos. [...]. A gente não vê falar que os corais ou mesmo os solistas, que estão apresentando na terça-feira, na quarta-feira, tem uma apresentação lá rica e isso é nosso. E outra coisa, a cidade só sai ganhando com isso. Porque é de baixo custo, de pessoal nosso aqui, que ta tendo, e falta o que, divulgação. E divulgação de quem é? Vocês. Passa muita coisa que eu fico sabendo pelos músicos me avisar, que tem a programação no Teatro Goiânia e a gente não vê essa divulgação. Eu falo, gente cadê essa divulgação, tinha que tá divulgando. (APÊNDICE F)

Olha. Essa programação fixa de vocês fez o nome da Rádio Universitária. Qual a programação fixa. Por exemplo, o erudito. Ai você fala assim, ah mais nem todo mundo gosta do erudito. Mas tem o público que gosta. Entendeu? Tem criança que gosta, tem adulto que gosta. Essa é uma característica da sua Rádio, então nunca pode ser mudado, ele pode ser melhorado. (APÊNDICE F)

Quando eu quero ouvir notícias, eu passo, eu ligo nela (na CBN) um pouco. Só que as notícias são repetidas, então eu posso ouvir, meia hora eu já ouvi as notícias do dia todo, porque eles repetem. Quando eu pego uma entrevista eu também acho ótimo. [...] na Rádio Universitária, eu vejo mais música do que notícia. Quando eu quero notícia eu passo pra outra. Mas, assim, não é sempre. Também a gente não tem tempo né, de ficar ouvindo só isso. (APÊNDICE F).

A partir da grade de programação da Rádio Universitária e dos conteúdos que refletem a preferência dos ouvintes gerais, pode-se destacar também os principais programas, que foram comentados por eles. A partir dos programas citados, pode-se construir um perfil dos ouvintes entrevistados na pesquisa de campo. Cabe lembrar que o gráfico dos programas mais escutados, bem como a sua interpretação, limita-se aos ouvintes entrevistados. Ele visa colaborar para análise qualitativa do perfil do público, mas não se pode usá-lo para definir o perfil da audiência total da emissora. O gráfico foi elaborado a partir de 33 (100%) citações de programas preferidos por parte dos seis ouvintes entrevistados. Foram 16 programas. Na frente de cada programa têm, entre parênteses, o número de citações correspondente.

■ Filosofia no Ar (1)	■ Voz da Mulher (1)	■ Liberdade de Expressão (1)	■ Jornal das Seis (1)
■ Poesia no Ar (1)	■ Matinê (2)	■ Música para Todos (2)	■ Beatlemania (2)
■ Brasileiríssimas (2)	■ Voz do Brasil (2)	■ Sala de Concertos (2)	■ Universitária em Seresta (2)
■ Panorama (3)	■ Doutores da Bola (3)	■ Matéria-Prima (4)	■ Rádio MEC (4)

Total de citações: 33 (100%)  
Programas citados: 16  
Números de ouvintes: 6

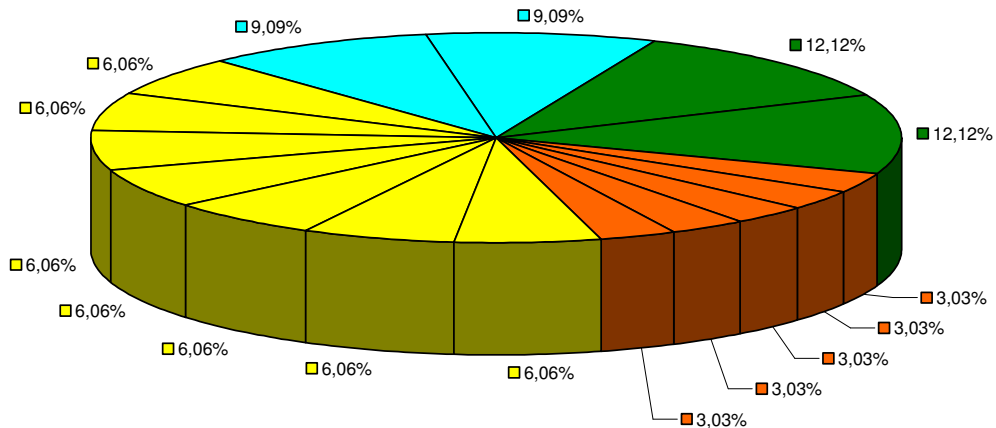


Ilustração 1 - Gráfico dos programas mais citados em pesquisa qualitativa com seis (06) ouvintes da Rádio Universitária da UFG

Os programas Filosofia no Ar, Voz da Mulher, Liberdade de Expressão, Jornal das Seis e Poesia no Ar foram citados uma vez cada um (3,03%). Já os programas Matinê, Música Para Todos, Bealtemania, Brasileiríssimas, Voz do Brasil, Sala de Concertos e Universitária em Seresta foram apontados duas vezes (6,06%). Panorama e Doutores da Bola tiveram 3 citações (9,09%). O programa Matéria-Prima e a Rádio MEC foram apontados quatro vezes (12,12%). Já os demais programas da emissora não foram citados por esses seis ouvintes entrevistados

Percebe-se que existe uma grande pluralidade no estilo dos programas citados como preferência. Deste modo, o perfil dos ouvintes entrevistados se aproxima do caráter eclético que conduz a programação da emissora. Eles preferem programas culturais e informativos, com entrevistas, reportagens, flashes, programação musical variada, agenda cultural e cobertura dos diversos eventos que ocorrem na região, além da análise dos fatos que ocorrem durante a semana. São conteúdos que abordam desde política, economia, esporte, cultura até os principais assuntos ligados à universidade.

Nota-se na fala dos ouvintes que o gosto deles pelos conteúdos da Rádio está associado às suas atividades da vida cotidiana. Como o perfil dos ouvintes da pesquisa está mais relacionado aos assuntos culturais, aos gêneros: informativo, de entretenimento e variedade, os entrevistados optam por programas que apresentam esses modelos.

Os programas presentes na citação dos ouvintes entrevistados, também podem ser analisados a partir das questões que remetem à produção e à localização geográfica dos conteúdos veiculados na emissora. Mas é preciso considerar que tanto o gráfico dos programas mais escutados quanto a sua interpretação, restringem-se aos ouvintes entrevistados durante a pesquisa de campo. Portanto, não se pode desconsiderar o aspecto qualitativo dessas informações. Deve-se evitar que as considerações apresentadas nesta monografia e a imagem que os entrevistados têm da emissora sejam generalizadas para todos os ouvintes, que compõem a audiência da Rádio Universitária da UFG.

Os ouvintes entrevistados apontam a necessidade de que as produções radiofônicas da Rádio tomem como enfoque principal a região na qual a emissora está inserida, voltando-se mais para as questões da comunidade. Assim, essa preocupação do local está sempre presente na fala deles. Eles apontaram a Rádio Universitária como uma emissora que desempenha ou deve realizar este papel de levar as informações e acontecimentos da cidade, da região aos ouvintes.

Na fala dos entrevistados, identifica-se também duas tendências relacionadas à produção da emissora (ao campo de atuação da Rádio). A primeira seriam as temáticas de interesse geral, que devem ser evidenciadas e voltadas para os cidadãos. A outra trata de acontecimentos ligados à universidade, que devem ser transmitidos para a sociedade em geral. Esta última, contudo, não exclui a temática da comunidade. Ela só acrescenta mais uma possibilidade de atuação da emissora.

Os ouvintes entrevistados consideram que a Rádio Universitária da UFG, no que se refere ao direcionamento de seus conteúdos, está mais voltada para os assuntos que compõem o cenário regional. Nesse sentido, a Rádio deve transmitir conteúdos sobre os acontecimentos da cidade para todos os cidadãos, e não somente as temáticas universitárias ou eruditas.

[...] Como eu tô a procura de informação a respeito de arte e a respeito de Goiânia - vamos dizer assim. Eu procuro ouvir essa rádio que tenha uma identidade com a cidade realmente, que a Rádio Universitária tem isso. As

outras já não têm nesse foco, entendeu? Tipo você não vai ouvir na Rádio Araguaia a programação de cinema que vai acontecer, e você não vai ouvir ninguém falar do Festicine, sobre o Mostra Curtas ou sobre o festival que vai ter sábado que vem. Você não vai ouvir nada disso, você vai ouvir sobre o Carná Goiânia, essas coisas [...]. (APÊNDICE A).

Eu acesso muito o site do Diário da Manhã, o Góiasnet também, então assim, que eu tenho acesso a Internet. Então, eu procuro assim principalmente daqui da região né, da cidade. Vejo a programação de cinema, vejo o que tá acontecendo, às vezes teatro, no Cine Goiânia Ouro, que normalmente tem alguma coisa que tá passando. Então, eu acesso pra saber, esses são os mais usados. Além do rádio né. (APÊNDICE B)

Mudou porque é... Era mais voltado pra questão universitária. Hoje ela tá mais comunitária. Então ela mudou nesse aspecto, ela era mais elitizada mesmo. Só universitário é quem entendia a Rádio Universitária. Hoje ela tá mais comunitária. [...] Eu acho que é uma tendência porque, não só a Universitária, mas a comunicação através da Internet, a tendência é essa mesmo, se misturar e chegar perto do povo. [...]. Não deixa de ser positivo, agora pros conservadores é lógico que você vai chiar um pouco né, porque você perde um pouco a qualidade, porque você tem que se aproximar mais da compreensão popular né. E antes eles faziam uma rádio mais pra uma pessoa assim já mais cabeça. (APÊNDICE D)

Jornalismo que eu falo sobre negócio da cidade de um modo geral. Então, é muito importante a Rádio 730. E seria bom que a Rádio Universitária, não digo copiar, mas pelo menos levar o sistema assim, que leva a Rádio 730 – uma programação bem firme, boa assim que qualquer coisa que está irregular em Goiânia. Então, que refere alguma autoridade, que não faz algumas coisas que não vai bem, ela leva até o ar, juntamente com ouvinte, e eles sempre procuram corrigir, assim, de modo geral. Acho que isso é importante né. [...] E coisas que também, às vezes, estão a ser arrumadas em Goiânia, acho que a Rádio deveria também pedir o ouvinte para ligar, dando sugestão o que está faltando na cidade, alguma coisa assim. Quer dizer, deveria, eu acho que a Rádio ter esse programa, esse tipo de coisa também, contato com o público geral, assim, o ouvinte nesse sentido. (APÊNDICE E)

As ouvintes 2 e 6 também evidenciam, a partir dos seus discursos, a possibilidade da Rádio Universitária de conciliar tanto os conteúdos oriundos das questões acadêmicas quanto os assuntos de interesse dos bairros, da cidade e da comunidade. Nesse sentido, para elas, a emissora tem o potencial de se dirigir a todos os sujeitos da sociedade e, assim, construir um espaço diversificado que atenda às diferentes demandas e matrizes culturais existentes. Aqui, deve-se relativizar a possibilidade de que as ouvintes são estudantes. Elas também não excluem a outra tendência; falam, inclusive, sobre aquela. Além do que, essas informações, presentes na fala das ouvintes, mostram-se bastante relevantes para se discutir qual é o papel de uma rádio universitária de caráter público.

[...] Eu gosto da coisa que ela tenha um objetivo, sabe, que fosse incentivar a cultura regional, que for trazer uma música boa, de qualidade, que tenha

um conteúdo interessante, que tenha uma sonoridade legal. Eu gosto disso, até pagaria caro pra ir. Já paguei demais, sempre fui, fui em vários festivais aqui em Goiânia.[...] Eu consigo perceber que eu sou uma pessoa mais crítica por causa de alguns entrevistadores que foram lá e que me ajudaram a pensar melhor sobre o cenário político mesmo de Goiás. [...] Vários assuntos. Tem entrevistadores. No dia que o reitor mesmo da Universidade deu uma entrevista na Rádio foi bacana. Meu professor, que ele é meu supervisor de pesquisa, meu orientador de estágio na área clínica, ele já deu uma entrevista sobre estresse na Rádio que foi muito proveitoso. (APÊNDICE B)

Não sei. Eu não sei o histórico de vocês. Eu sei que no passado já teve. O pessoal nosso trabalhava lá. A Federal antigamente fazia muito trabalho lá e depois eu não sei por que cargas d'água teve problema, algum problema e ficou mais fechado, e não participou; o pessoal nosso não ta participando, eu acho que tinha que abrir pro pessoal de música [...]. Porque não aproveita que a Rádio já chama Universitária e não divulga isso [...]. É divulgar durante a programação todinha, desde manhã. Olha ta acontecendo isso, isso, isso na cidade, Oh ta tendo o teatro não sei que; oh ta acontecendo isso no Teatro Goiânia vai aparecer, o coro da Pós vai estar apresentando, é nosso. Eu tenho maior orgulho desse pessoal que trabalha nessa área. Se eu sei que ta acontecendo, eu não vou me organizar pra ir? Todo evento que eu vou eu sempre levo amigos ou mesmo que eu vá sozinho [...]. Mas se eu não ficar sabendo como é que eu vou? Aí chega lá tem pouca gente, porque não foi divulgado. Então, eu acho que a divulgação é importante e o papel da divulgação é da Rádio Universitária. (APÊNDICE F)

Outra questão importante para se ter uma imagem da Rádio Universitária na ótica dos entrevistados passa pela maneira como eles participam e interagem com os processos de produção e transmissão da emissora. A partir dessas informações, pode-se construir a noção de proximidade entre os ouvintes gerais e a Rádio. Além do que, permite saber se a Rádio Universitária, como um veículo público, concede ou não espaços para a participação e debate dos diferentes atores sociais.

Dessa maneira, os ouvintes apontaram que a participação deles na emissora ocorre, principalmente, por meio de telefonemas. Os ouvintes mais jovens sentem-se estimulado por sorteio de prêmios. Eles comentaram sobre livros, CDs, ingressos de shows e teatros que ganharam por meio das ligações para a Rádio. Já os entrevistados mais velhos, nada falaram sobre o sorteio de prêmios.

Ligo. É legal essa participação, ta vendo. Por um lado ela é fechada, eu acho a programação fechada. Mas, por outro lado, por ser simples, ela te dá essa liberdade de poder ligar lá falar e tal. 'Ah, o Neto pediu a música tal, então vamos tocar', é legal, essa abertura é legal. [...] Normalmente eu ligo pro Matéria-Prima. [...] Atendem, claro, das vezes, todas as vezes que eu liguei atenderam sim. Eu pego e falo, oh eu quero pedir tal música, eu quero participar do sorteio. Normalmente sorteiam alguma coisa, normalmente é ingresso né. Participo, além de pedir a música né, que eles tocam. Eles colocam o meu nome pra participar do sorteio. Eu já ganhei

várias coisas. Normalmente ingresso pra cinema. Já ganhei livro. Muito tempo atrás eu ganhei um livro. (APÊNDICE C)

Outro tipo de participação, comentado pelos entrevistados da pesquisa, refere-se às visitas na emissora, correspondências enviadas à direção da emissora e aos apresentadores e até como protagonistas dos programas, concedendo entrevistas ou fazendo apresentações. Em todos os aspectos que configuram a participação dos ouvintes entrevistados, o que está presente na fala deles é a importância de expressar seus comentários, opiniões, críticas, dar sugestões sobre a programação, pedir músicas, mencionar assuntos de interesse. Eles vêem a Rádio Universitária como uma emissora que possibilita e deve intensificar a existência de mecanismos de interação e aproximação das demandas do seu público com os processos de produção e transmissão de conteúdos, atendendo, assim, às expectativas dos ouvintes.

[...]. É eu chego lá e sento lá na sala deles, na sala de programação, e dou as idéias. Eles me ouvem com muita atenção. No tempo da Fernanda, eu ia lá pra sala da Fernanda, a gente ouvia disco junto lá. “Oh Fernanda, eu tava pensando porque você não programa a música assim, assado”. ‘Vamos ouvir’ [...]. A gente ouve junto. “Ah é interessante, eu vou pôr”. Eu sempre tenho essa influência com eles lá, porque eu sou ouvinte da Universitária há muito tempo mesmo. Quando eu cheguei em Goiânia, na verdade ela começou em 67, a Universitária, a gente começou a pegar ela no rádio, mas o projeto já existe bem antes. Desde 67 eu ouço a Universitária [...] já me entrevistaram uma vez lá, na época do Goiânia Canto de Ouro. (APÊNDICE D)

Não, de ligar eu faço sempre que eu posso. Eu pego o telefone de lá e falo oh, não, eu não concordei com isso ou eu aceitei assim. Eu gosto de participar. De vez em quando eu gosto de participar. [...] Eu e meu marido fomos na Rádio para participar daquele programa Poesia no Ar, inclusive até registrei nossa participação, ele recitou um poema dele e eu cantei uma música (APÊNDICE F)

Então, eu sou ouvinte assíduo, inclusive, eu já mandei mensagens de colaborações pra Rádio quando ela existia, inclusive, lá na Avenida, na Alameda Botafogo. E também já mandei correspondência aqui pra Rádio, no Lago das Rosas lá [...]. Mensagens, eu mandava umas mensagens [...]. Mandava algumas curiosidades lá pra Rádio [...]. Eles devem ter lá no arquivo se eles guardaram as correspondências lá [...]. Ela (a Rádio) melhorou, ela melhorou, inclusive, agora, parece que ela tem já um pouco mais a atenção voltada para o ouvinte, parece que em certo horário mesmo já tem alguns programas em que eles falam para o ouvinte pedir a música. Mas isso aí é importante [...]. Como diz um radialista de Goiás, aqui uma vez, que o ouvinte é um sensor e tem umas coisas que, às vezes tá irregular, eu sou assim, coisas que, às vezes, vão bem numa emissora eu faço questão de divulgar, elogiar. Agora, se num [sic] vai bem, eu faço questão também de levar ao conhecimento do radialista, no caso aí né. (APÊNDICE E)

Nota-se que, em diversos momentos na fala dos entrevistados, a presença do apresentador dos programas é constantemente evidenciada. Nesse sentido, faz-se necessário traçar a imagem que os ouvintes fazem destes, na medida em que, a partir da fala dos ouvintes, os apresentadores podem representar as características dos seus programas ou até da própria Rádio Universitária.

Assim, percebe-se que existem diversos comentários por parte dos entrevistados sobre falhas na apresentação de alguns apresentadores, falta de desenvoltura, erros na locução e equívocos na informação. Mas há, igualmente, a compreensão deles de que a Rádio Universitária também é um espaço laboratorial dos estudantes de Comunicação, que atuam na emissora em conjunto com profissionais e apresentadores mais experientes.

[...]. Assim dá pra ver que é tudo um tanto de aprendizado da parte deles. Então, dá pra ver que é meio pobre, nesse ponto assim, porque parece meio que baixado da Wikipédia, uma coisa assim. Mas é legal, entendeu? Tem muito a ver e eles colocam algumas músicas [...] A gente entende que uma rádio universitária, que é uma rádio onde o cara vai pra aprender, pra desenvolver aquilo. Mas aí acontece alguns erros, algumas coisas assim (risos) (APÊNDICE A).

Ah ótimo. E é muito engraçado porque eu moro no Moca e as pessoas nunca sabem onde é o Moca em Goiânia né. Uma crítica, assim, a cultura da cidade, não só aos trabalhadores da Rádio. Porque as pessoas não sabem onde eu moro e todo mundo, 'mas onde você mora', é sempre uma piada. Além de tudo é divertido, porque eu tenho de ficar explicando onde eu moro, mas eu acho legal. E aí quando eles falam no rádio também é muito engraçado porque eles, às vezes, atropelam, mas é legal (APÊNDICE B).

Eu acho que a maioria são estudantes né. A maioria são estudantes da área de Jornalismo. Acho legal, eu gosto da simplicidade assim, da objetividade dela assim. [...] Transmissão de jogos como eu já tinha te dito, eu ouço, às vezes eu ouço pela Rádio Universitária. To ali na 730, vou dou uma passada ali, ouço um tempo numa, o tempo em outra [...]. Porque a 730 e outras rádios esportivas são profissionais, você nota que são profissionais do esporte. A Universitária não, ela é mais simples [...]. É legal, assim, parece que alguns torcem pra um time, outros torcem pra outro. Cara, uma vez eles estavam falando, não sei se a menina torcia pro Palmeiras, não sei, mas deixou transparecer isso. Ela tava falando mal do Corinthians. Mas, você sentia assim, pela discussão, pelo debate que há uma certa parcialidade pelo fato da pessoa torcer pelo time né. Mas, assim, nada que afete a qualidade do programa (APÊNDICE C).

A gente percebe que existe um esforço por parte deles, assim, mas que, às vezes, há algumas gafes [...], eles estão corrigindo ainda, porque tão em fase de treinamento né, na Rádio Universitária. Porque eu acho também muito bonito, universitária né, o próprio nome diz dos universitários. E, às vezes, tem radialista que estão procurando, reciclando, procurando aprender mais na comunicação. Tá certo né, ninguém nasce sabendo. [...]

parece que ta tendo uns radialistas em fase de aprendizagem, que a gente vê que eles estão gaguejando, as coisas assim, mas a gente não vai colocar obstáculo nisso, porque vê que, às vezes, está em caráter de teste né. Na Rádio Universitária né, às vezes, tem uns programas durante o dia que tem isso aí. Até a locutora, às vezes, locutora, fala assim uma frase, depois repete assim a coisa, porque vê que tá em fase de treinamento [...] (APÊNDICE E).

Ao mesmo tempo, a questão da informalidade, da forma “despreocupada” e descontraída de falar ao microfone, sem a responsabilidade mais formal dos apresentadores, aquele rigor e padronização das apresentações, atua como um atrativo para os ouvintes e, desse modo, está presente no discurso destes como sendo um fator de originalidade dos apresentadores da emissora. Nesse sentido, o apresentador que foi associado a essas características pelos ouvintes foi João Sobreira, principalmente, no que se refere à maneira como ele interage nos seus programas. Segundo os entrevistados, há uma naturalidade e espontaneidade na locução do apresentador, que não se prende a roteiros pré-elaborados. Existe também, na visão dos ouvintes, uma postura crítica nos assuntos abordados pelo apresentador do programa Universitária em Seresta e do Beatlemania.

O Sobreira é uma cara que eu curto pra caramba. Da forma como ela fala, da forma como ele brinca. Assim é diferente da forma comum. Aquela forma exata. Ele já faz um comentário da parte dele, bem pessoal. Ele ta mostrando uma característica dele, a opinião dele e a forma de expressar aquilo. Mas ele faz isso mais no ponto de brincadeira na hora de fazer uma briga. Tipo na Federal com relação à greve ou algo assim ele sempre faz o comentário dele, fala ele tá errado mesmo. Você vê que tem uma atitude dele ali né. Cheguei a conhecer ele no dia que fui na Rádio (APÊNDICE A).

O Sobreira eu acho legal porque ele se coloca. Você vê que tem uma pessoa viva ali. Mas é claro que tem uns programas também, vou ser honesta aqui, claro que tem uns programas que você percebe que a pessoa tá lendo o script, que ela é só aquilo né. É uma questão de formação mesmo, do indivíduo, das limitações, com a experiência a gente vai aperfeiçoando. Só que tem gente que você consegue sentir mais e tem gente que você consegue não sentir muito [...] Eu acho que é por causa do desempenho, da desenvoltura. Porque rádio é um negócio que você não tá vendo a pessoa, tá é escutando. O Sobreira, quando ele se coloca na Rádio, quando ele coloca a opinião dele, é legal porque você vê que humaniza a relação ouvinte e radialista [...]. O Sobreira leva na boa sabe, é mais natural, é espontaneidade, às vezes, você vê que tem radialistas que não são espontâneos [...]. Mas é muito interessante você está dentro da sua casa, fazendo outra coisa, escutando música, uma música que você adora e de repente o comentarista vai dar um comentário e você ri sozinha. Você ri com ele e ele não tá aqui do seu lado. É muito legal isso (APÊNDICE B).

Hoje o que eu sinto é assim, há uma tendência de cada vez mais o locutor falar gritando. Na Universitária não, a Universitária tem pouca gente falando: tem de manhã a Geni, com as participações da Maria Olina que

vem dar os informes né. Na hora em que solta a vinhetinha; 'Universitária informa', aí vem lá a Maria Olina. No mais é a Geni certinha gravada da programação, da programação gravada. E à tarde tem a Francis ou Sobreira. Eles falam tranquilamente, conversando, sem aquela preocupação de falar a palavra certinha sem escapar uma letra. Já o Sobreira, tem essa preocupação, mas aí ele fala assim como se estivesse na casa dele, assim lentamente, o Sobreira fala uma palavra e aí ele busca, assim, a outra palavra para encaixar com aquela palavra (risos). Mas aí sai certinho, mas sai ótimo, é agradável de ouvir. Muito bom. Você sente que tem uma pessoa que é igual a você que está falando [...] (APÊNDICE D).

Eu gosto demais de ouvi-la, principalmente quando tem aquele programa do João Sobreira Rocha né. Muito importante aquele programa. Eu acho ele um cidadão sensacional, um excelente comunicador. Ele é muito assim, tem um bate papo muito amigo com o povão de modo geral né. Inclusive, ele liga para o ouvinte, ou, então, divulga o telefone da Rádio e os ouvintes ligam para lá e a gente vê que tem uma participação bonita. Então, isso são coisas que a gente acha muito importante. Então, a Rádio deveria manter outros comunicadores bem amigos, igual o sistema que é ele. O Sobreira Rocha tem uma comunicação alegre, sadia né (APÊNDICE E).

Os ouvintes, ao descreverem a Rádio Universitária, caracterizam a emissora como um espaço de produção e de transmissão de conteúdos bastante plural e segmentado, sem conseguirem, no entanto, definir um perfil específico do público. Assim, a Rádio é plural nos seus conteúdos e segmentada em relação aos programas. Para os ouvintes, a emissora procura estimular os valores democráticos da comunicação, no sentido de possibilitar a veiculação de conteúdos informativos, culturais e musicais, que não têm um espaço ou não são prioridade nas rádios comerciais.

Como a Rádio, eu considero ela bem versátil com relação à música principalmente, que é o que eles sempre tocam. Ela tem muita coisa de tudo, então é difícil dar uma idéia pra aquela galera. Porque um programa é de uma coisa e o outro é de outra. Só que eu acho que isso é um ponto até negativo. Mas eu entendo que é uma rádio pública e que é uma rádio onde o universitário vai pra aprender né. Eu acredito que seja isso. [...] Essa mistura, rola muita coisa. Então você liga o rádio durante o início da tarde – meio dia, uma hora – ta rolando o programa de música clássica, aí acaba e vem o programa de variedade musical que é o Música Para Todos – onde ele coloca vários estilos de músicas, mas se concentra principalmente na MPB [...]. Então, você ta ouvindo um Chico Buarque ai depois vem um Led Zeppelin, entende, então é muito misturado. Eu acho que isso é um ponto negativo. Mas, porém... (APÊNDICE A)

É a mesma comparação que eu faço com a televisão. A televisão tem a TV Cultura e tem a Globo, tem o SBT. É o mesmo jeito. As rádios de banda FM elas tem uma proposta muito comercial. Elas não estão muito interessadas com o acesso, em oferecer o conhecimento pra formação do ser humano. Eu acho que é a mesma analogia que eu faço com a rádio, eu faço com a televisão. As outras rádios ficam semelhantes aos canais Globo e SBT, enquanto que a Rádio Universitária tem pra mim uma proposta

semelhante com a TV Cultura [...] Eu acho que a Rádio o objetivo dela eu caracterizo como informação e ela tem vários contextos. Ela tem informação política, ela tem informação musical: desde MPB, desde música clássica, desde músicas novas, desde músicas do cenário regional. Eu acho que música ela traz muito uma reflexão do contexto em que a gente vive. (APÊNDICE B).

Dessa forma, os ouvintes compreendem a Rádio Universitária como um veículo de caráter público, que não tem apelos comerciais ou outras barreiras que interfiram direta ou indiretamente no conteúdo de sua programação. Isso faz com que a emissora se destaque das demais rádios. Os ouvintes entrevistados apontam como características da Rádio Universitária da UFG: transmissão de conteúdos diferentes e que se destacam das demais rádios, que têm caráter comercial; uma emissora mais aberta à participação e às demandas dos ouvintes; apresentadores que se aproximam do universo simbólico e das motivações pessoais do seu público.

Percebe-se, assim, que os ouvintes se identificam com os conteúdos transmitidos na Rádio, nos seus diversos gêneros radiofônicos. Para eles, a programação da Universitária deve ser voltada mais para os valores sócio-culturais regionais e para os interesses coletivos da sociedade na qual a emissora está inserida, atuando no âmbito da informação, entretenimento e serviço.

Além desses aspectos, os entrevistados vêem a Rádio Universitária como um espaço mais próximo e acessível do que as outras rádios, na relação e na construção de uma identificação entre os diferentes ouvintes da Rádio, a emissora e os apresentadores. Também está presente no discurso dos ouvintes a percepção de que a Rádio Universitária é um campo de atividade laboratorial dos estudantes do curso de Jornalismo.

#### 4.3 INTERPRETAÇÃO DA PESQUISA EMPÍRICA

Diversas categorias de análise sobre o veículo de comunicação rádio e a construção da imagem da Rádio Universitária foram evidenciadas por meio de entrevistas com os ouvintes da emissora e a partir das repetições na fala destes. Nesse sentido, possibilita-se pensar os resultados colhidos no campo empírico à luz das teorias de diversos autores sobre rádio, comunicação pública e mediação, já apontados nesta monografia. Ou seja, cabe agora uma contextualização qualitativa

daquilo que se pesquisou durante as entrevistas com os ouvintes da Rádio Universitária.

Primeiramente, traçar-se-á uma análise das características que os ouvintes apontaram sobre o veículo rádio e também sobre o que eles comentaram relacionados à Rádio Universitária. A imagem dos ouvintes entrevistados sobre o rádio é de que o veículo aparentemente perdeu o seu espaço, a sua importância nos dias atuais, mas que, mesmo assim, eles ainda preferem ou continuam se utilizando desse meio de comunicação. Nesse sentido, Haussen (1998: 87) comenta que o rádio, no que diz respeito à sua capacidade de mobilização, continuará a ter seu espaço na sociedade contemporânea devido às características específicas desse dispositivo de comunicação, ou seja, enquanto ele falar a linguagem mais próxima, mais afetiva e mais direta às pessoas. Haussen (1998) ainda lembra que hoje a transmissão dos programas de rádio já se encontra na Internet. A presença da Rádio Universitária da UFG na Internet foi inclusive citada por alguns dos ouvintes entrevistados, que comentaram que já ouviram as transmissões da emissora pelo seu *site*.

Os ouvintes, quando comentam sobre a sua preferência pela Rádio Universitária na procura por conteúdos de interesse, fazem uma comparação desta com a televisão. Eles partem do princípio de que o rádio, nos dias atuais, perdeu o seu status na sociedade para a televisão. O que na verdade não ocorreu totalmente. Meditsch (1999) afirma que o rádio representa hoje “o meio de informação preferencial para os setores letrados da população”. O autor aponta que esses setores letrados da sociedade, talvez, percebam a televisão como um meio de informação generalizante demais. Isso representa uma volta da elite intelectual ao rádio, após o período de críticas segundo as quais havia se popularizado e comercializado demais.

Dessa forma, para explicar a idéia que os ouvintes da Rádio Universitária fazem sobre a perda da hegemonia do rádio para a da televisão e a persistência do primeiro no gosto deles, pode-se, a partir dos apontamentos de Meditsch (1999: 111), dizer que o rádio foi a primeira manifestação da era eletrônica na comunicação de massa. Assim, Meditsch (1999) aponta que a melhor maneira de explicar os meios é descartando a idéia de hegemonias, de “era do rádio”, que pertenceria ao passado, ou de uma “era da imagem” que está relacionado ao futuro. Para ele, nem o som e nem a imagem estabeleceram novas eras, mas sim a tecnologia eletrônica

em suas diversas modalidades. O rádio é o primeiro “artefato eletrônico” a compor o espaço doméstico.

Percebe-se também na fala dos ouvintes da Rádio Universitária que as especificidades do veículo contribuem para que o rádio seja o meio de comunicação preferencial deles. Eles comentam que a vantagem de ouvir o rádio se dá pelo fato de que o veículo permite a eles realizarem outras atividades que não se limitem apenas em ouvir as mensagens radiofônicas. Além do mais, o som e a oralidade do veículo possibilitam aos ouvintes uma forma de “companhia”, entretenimento e informação. De acordo com Beltrão (1968, apud ORTRIWANO, 1985: 78) o *status* alcançado pelo rádio se dá por causa de suas características particulares.

Nesse sentido, Ortriwano (1985) aponta que o rádio tem como uma de suas especificidades permitir ao ser humano captar e reter a mensagem falada e sonora, ao mesmo tempo em que executa outras atividades, não se limitando em apenas escutar. Então, a atividade de “ouvir” não exclui a capacidade das pessoas de desempenharem outras tarefas, como ler, dirigir, trabalhar – ao contrário de outros meios de comunicação, que necessitam de uma atenção totalizante ou mais focada da parte do receptor.

Da mesma forma que Ortriwano, para Barbero (1997) a popularidade do rádio está nas suas características específicas. Assim, o veículo tem amplo poder de expansão, pois para ele ser utilizado, basta a capacidade auditiva do sujeito. O rádio também, segundo Barbero (1997), consegue desenvolver uma linguagem “expressivo-coloquial” e o seu emprego não é excludente como o dos demais meios, ou seja, ele permite uma superposição de atividades.

Dessa forma, o sentimento que os ouvintes entrevistados da Rádio Universitária têm da emissora é que ela se tornou parte da vida deles e tem a capacidade de fazer companhia para eles. Pode-se dizer que, de acordo com os entrevistados, a Rádio Universitária envolve os ouvintes por meio das palavras, da música, da locução e cria um “diálogo mental” com o emissor. Ela desperta neles a imaginação e a emoção, permitindo que as mensagens tenham apelos individuais, sensações diversas, de acordo com as expectativas de cada um. Assim, percebe-se no discurso dos ouvintes a sensação de que a Rádio Universitária é capaz de criar imagens que não são dadas de antemão pelo meio, mas que provém da própria capacidade mental, seletiva, que constitui o receptor, alimentando a imaginação do ouvinte, de acordo com o contexto de vida dele.

Para isso, a mensagem oral sugere uma relação mais “íntima”, como se estivesse falando para cada ouvinte em particular. Essas características podem ser evidenciadas no campo teórico em Ortrivano (1985), em Balsebre (2005: 336), em Meditsch (1999) e está relacionada com aquilo que Barbero (1997:293-295) chama de “retórica do direto”, que se caracteriza por uma “proximidade construída”, uma sensação de instantaneidade, de impressão do tempo real, de familiarização com o emissor. O que se evidencia pela presença de um discurso transparente, simples e claro, capaz de simular um diálogo com o público. Nesse caso, a presença dos apresentadores dos programas radiofônicos adquire um papel importante.

Para Barbero (1997:294) os apresentadores têm uma função fática e se utilizam de um tom coloquial para “forjar” uma conversa com o seu ouvinte. Eles se tornam mais do que transmissores de informações, que se situam distantes do seu receptor, mas aqueles que interpelam cada um de seus ouvintes de forma individual e particular, convertendo-os em seus interlocutores. Assim, percebe-se que os ouvintes da Rádio Universitária se identificam com os apresentadores que, ao falar no microfone, não aparentam seguir o rigor e padronização típicos das apresentações radiofônicas, que, baseados em um roteiro pré-escrito, tentam simular uma naturalidade da fala. Eles vêem como um fator de originalidade os apresentadores que falam de maneira tranqüila, espontânea, sem se deixar prender em roteiros pré-elaborados, além de não se preocuparem em emitir relatos, comentários, análises e opiniões particulares dos assuntos abordados. A questão de não se prender em roteiros pré-elaborados é vista pelos ouvintes como algo importante no apresentador, pois, para eles, isso traz uma simplicidade na transmissão, uma humanização do apresentador, ou seja, uma sensação de que o locutor se assemelha ou é igual àqueles para quem ele está falando. O que não significa que os apresentadores têm que ignorar as padronizações. Eles devem, cada vez mais, apresentar nas suas locuções uma “aparente naturalidade da fala”.

Meditsch (1999: 114), no entanto, descarta uma equiparação da fala no rádio com uma fala natural, relação esta que é feita pelos ouvintes da Rádio Universitária da UFG. Para o autor, essa aparente naturalidade da fala no rádio é fruto de um processo de oralidade mais deliberado e autoconsciente. “A espontaneidade da fala ao microfone do rádio distingue-se, assim, por ser espontaneidade planejada” e que resulta de uma combinação de três elementos de produção da fala, presentes em uma sociedade letrada: “a recitação (de um texto memorizado), a leitura em voz alta

(de texto ou de números não memorizados) e a fala de improviso ou instantânea”, que seria a produção e enunciação de um texto sob a exigência de uma situação imediata.

Segundo Meditsch (1999), a intencionalidade de uma audiência na fala radiofônica é o que justifica a situação comunicativa. Nesse sentido, o discurso radiofônico existe e segue padrões convencionais com o intuito de ser compartilhado com um terceiro, no caso o ouvinte. Para o autor, a identidade do rádio está na “especificidade de seu discurso sonoro”, “invisível”, enunciado por diversos componentes em tempo real, em uma composição sonora invisível de palavras, músicas, ruídos e silêncio. Para Belau (apud ORTRIWANO, 1985: 82) a mensagem radiofônica, para ter a sua eficácia comunicativa, necessita ser clara, compreensiva e se adequar à emissão. Além do que, deve ser considerado o que ele chama de “fatores de audibilidade”, que dizem respeito às circunstâncias de recepção da mensagem: residência, automóvel, trabalho etc., e os tipos de audição: ambiental, companhia, atenção concentrada e seleção intencional

No caso dos ouvintes da Rádio Universitária da UFG, as circunstâncias são as do espaço familiar ou de trabalho, em que se percebe a existência, em diversos momentos apontados pelos ouvintes, de uma audiência coletiva e compartilhada com alguns membros da casa, familiares e amigos de trabalho. Entre os tipos de audição, os ouvintes entrevistados da Rádio Universitária se enquadram em todos os tipos apontados por Ortriwano (1985) como: a) ambiental: quando o ouvinte deseja que o rádio sirva como um “pano de fundo”, por meio dos sons das músicas e palavras; b) companhia: quando o ouvinte desenvolve uma atenção secundária por se envolver com outros tipos de atividades além da capacidade de “ouvir”; c) atenção concentrada: aquela em que o ouvinte, mesmo exercendo outros tipos de atividades paralelas, concentra-se na mensagem que lhe interessa; d) seleção intencional: seria a escolha de um programa concreto, específico por parte do ouvinte. No caso da seleção intencional, mesmo os ouvintes considerados gerais têm preferência por determinados programas, como foi mostrado no gráfico da página 63.

Também fica evidente nos ouvintes da Rádio Universitária pesquisados o *zoom auditivo*. Para Meditsch (1998) a audição de rádio é marcada por um “*zoom auditivo*”, que seria a relação entre o ouvir intencionado e o escutar sem atenção alguns estímulos sonoros, selecionando os estímulos mais interessantes. Assim

concorrem com os estímulos que saem do rádio, diversos outros do ambiente em que o ouvinte, disperso a cada momento, encontra-se com estímulos auditivos, visuais, olfativos, táteis. Desta maneira, no primeiro contato que os ouvintes tiveram com a Rádio Universitária, após se sentirem atraídos pela emissora, eles passaram a escutá-la de maneira “despreocupada”. Depois, em um segundo momento, a selecionar os programas ou conteúdos de maior interesse, da grade da emissora. Esteve sempre presente no relato dos entrevistados a maneira “desatenta” com que eles ouvem a Rádio Universitária, mas, na medida em que surge algo do interesse, há uma escuta mais atenta da parte deles.

No caso do primeiro contato dos ouvintes com a Rádio Universitária, a música tocada naquele instante serviu como o elo atrativo para que se interessassem pela emissora e buscassem conhecê-la. Isso evidencia outro aspecto, o importante papel que a música desempenha no rádio. Balsebre (2005) atribui uma importância expressiva e comunicativa à música, tanto quanto para as palavras. Para ele, a música seria para o rádio o que a imagem é para a televisão. Nesse sentido, Balsebre aponta duas funções básicas da música para o veículo radiofônico: expressiva e descritiva. Ela é expressiva quando tende a criar um “clima emocional” e uma “atmosfera” sonora e será descritiva quando “o movimento espacial que denota a música descreve uma paisagem, a cena de ação de um relato. Assim, Balsebre associa a música a uma determinada imagem ou a uma relação afetiva despertada no ouvinte. No caso dos ouvintes da Rádio Universitária da UFG, percebe-se que o papel representado pela música se situa mais no âmbito expressivo do que descritivo. Isso porque os ouvintes sempre atribuem um valor e sentimento em seus relatos ao falarem da importância da música para eles.

Jacks analisa a identidade cultural dos sujeitos como uma mediação simbólica. Colocado como interlocutor, essa identidade realiza a contextualização do homem com o seu meio, mediando os processos de produção e apropriação dos bens culturais. Para Jacks (1995), a identidade cultural é o fenômeno de auto-reconhecimento tanto no nível individual quanto coletivo. Portanto, Jacks (1995: 157) define que cultura e identidade cultural são “entidades abstratas que a um só tempo concretizam as necessidades de referências para determinado grupo social”. A autora segue a mesma idéia de Jesús Martín-Barbero (1997) que situa os estudos de recepção no âmbito dos processos culturais. Nesse sentido, para Barbero (1997: 299-312), os processos de mediação, os tipos de demanda dos sujeitos frente aos

meios e o uso que eles fazem destes estão ligados às histórias de vida das pessoas, às matrizes culturais, que são “o substrato de constituição dos sujeitos sociais”.

Portanto, a questão do gosto musical e da sua identificação com as músicas transmitidas na Rádio Universitária pode ser explicada a partir da formação cultural, dos componentes pessoais e históricos que compõe o universo dos ouvintes e também da Rádio Universitária. No caso da emissora, as características culturais, educativas, que marcaram a sua criação, além do seu caráter de veículo público, determinaram, ao longo da sua história, uma produção de conteúdo mais voltada para as classes intelectuais, artísticas e universitárias. Ainda hoje se percebe esse perfil de público nos ouvintes entrevistados. Três dos ouvintes entrevistados são estudantes universitários. Um dos entrevistados é músico. Outro, além de ser músico, é ator de cinema. Um dos ouvintes, que se declarou comerciante e calígrafo, considerou-se seduzido pela linguagem e pela poesia. Dessa forma, todos estão envolvidos pelo universo cultural, artístico e musical que está presente na grade de programação da Rádio Universitária. Os estilos musicais mais citados como os preferidos dos ouvintes da Rádio foram a música clássica, a música popular brasileira e, também, entre os ouvintes mais jovens, o rock (ver nas páginas 57-62). Entretanto, não se pode esquecer que o objetivo essencial dos estudos qualitativos está “mais relacionado à aprendizagem por meio da identificação da riqueza e diversidade, pela integração das informações e sínteses das descobertas do que ao estabelecimento de conclusões precisas e definitivas”. Assim, deve-se evitar que as considerações apresentadas nesta monografia e a imagem que os entrevistados têm da emissora sejam generalizadas para todos os ouvintes, que compõem a audiência da Rádio Universitária da UFG.

A partir desses conceitos teóricos é possível entender, além da identificação dos ouvintes com as músicas tocadas na Rádio Universitária, as preferências de conteúdos dos ouvintes entrevistados. Com isso, é preciso considerar também a definição que Barbosa (2003) faz de gêneros radiofônicos. Para ele, os gêneros são “exemplos dinâmicos de modelos de expressão da realidade radiofônica”, a partir da sua funcionalidade. Assim, Barbosa faz uma tipologia dos gêneros a partir das principais funções do rádio como a de atualizar sobre os fatos, a de entreter, a de instruir e de educar, a de comercializar, a de divulgar idéias, a de prestar serviços. Dessa forma, o autor classifica os gêneros radiofônicos em informativo, entretenimento, educativo-cultural, publicitário, propagandístico, serviços e especial.

Para os ouvintes entrevistados da Rádio Universitária, a emissora deve ser, cada vez mais, uma rádio voltada para os gêneros informativo, de serviços e, principalmente, o de entretenimento, que é tratado por eles a partir da programação musical, dos programas musicais e artísticos. O gênero educativo-cultural também foi comentado a partir dos programas temáticos da Rádio Universitária e o gênero especial por meio dos de variedades. Estas informações, além de estarem presentes no discurso dos ouvintes, podem ser vistas a partir do gráfico da página 62, que mostra os programas de interesse dos ouvintes.

Os ouvintes da Rádio Universitária vêem a emissora como um espaço totalmente diversificado. Para eles a Rádio Universitária não possui um perfil definido e específico de público. Trata-se da existência de diversos tipos de programas voltados para diferentes setores culturais. Dessa maneira, Barbero (1997), assim como Meditsch (1999), diz que o rádio não é generalizante como é a televisão; ele se tornou pluralizado. Primeiro para diversificar os programas de uma mesma emissora. Depois, essa “setorização” levará à especialização das rádios por faixa de público, que ditarão os setores culturais diferenciados, segundo Barbero (1998).

Os ouvintes também comentaram sobre a função da Rádio Universitária. Nesse ponto, a idéia sobre qual seria o papel da emissora ficou entre uma rádio mais comunitária e local, que estaria voltada para as questões referentes à sociedade, ou uma emissora de cunho mais institucional, que tenha como princípio levar as produções acadêmicas, universitárias para a sociedade. Esses preceitos podem ser entendidos a partir do caráter público da Rádio Universitária.

Assim, os ouvintes que pensam que a Rádio Universitária da UFG deve ter um direcionamento mais para a sociedade estão de acordo com Herrera Huérfano (2001, apud DEUS, 2003: 310). Para Huérfano, a função social de uma rádio universitária é oferecer uma produção que cubra a maior parte dos setores da população. Isso não significa somente que deve atingir o maior número de ouvintes, mas oferecer uma programação que corresponda aos interesses de diferentes setores da população. Esta programação não deve ser voltada para as necessidades particulares de um pequeno segmento de ouvintes privilegiados, para os funcionários da emissora ou até dos produtores e apresentadores que possam fazer os seus programas baseado em suas próprias preferências e imaginação. Nesse sentido, Monteiro (2007) afirma que a comunicação pública é portadora do

interesse coletivo, resultante de um “compromisso de interesses” entre indivíduos e os grupos da sociedade. Assim, o interesse público deve vir à frente do interesse particular que compõe as informações, possibilidade esta que pode ocorrer a partir do debate público ou de estruturas que propiciem estas relações. Para Monteiro (2007: 41), a comunicação pública agregada aos meios de comunicação deve: favorecer o debate, a polêmica e a troca de idéias; ouvir as demandas da sociedade; ter comprometimento com as questões sociais; ser instrumento de construção da cidadania; ser acessível a qualquer pessoa. Portanto, o receptor deve ser tratado, em um só tempo, como “cliente, consumidor, contribuinte, eleitor, voluntário; em suma: cidadão”.

Da mesma forma, Deus (2003) comenta que as emissoras públicas devem se voltar para uma programação diversificada e democrática, que seja capaz de atender e dar espaços para as diferentes vozes e demandas sociais, produzindo conteúdos cujo principal objetivo é o do interesse público. As rádios universitárias, desse modo, devem tomar a forma de um instrumento de expressão, apropriação e atuação da própria sociedade.

De acordo com os ouvintes que comentaram sobre o caráter público da Rádio Universitária, pode-se a partir de Matos (2007: 51) apontar que o serviço público de radiodifusão deve atender princípios básicos como a satisfação das diferentes demandas dos grupos sociais, deve ser acessível a todos, de natureza não comercial, ter uma produção independente, autônoma e que privilegie a produção cultural.

Os ouvintes que pensam no caráter público da Rádio Universitária da UFG direcionado para o lado institucional não descartam a possibilidade de a emissora atender às questões públicas da sociedade, os valores da radiodifusão públicos já explicitados. Contudo, eles entendem que o conceito de comunicação pública da emissora também está relacionado com o de comunicação organizacional. Nesse sentido, Brandão (2007) aponta que a sua característica é a de tratar a comunicação visando criar uma identidade e uma imagem da instituição diante do seu público e da sociedade. Assim, para os ouvintes que têm esse pensamento, o papel da Rádio Universitária seria o de levar os acontecimentos, as produções acadêmicas para toda comunidade e aproximar os atores ligados à Universidade da sociedade em geral.

Todos os ouvintes, no entanto, reconhecem a importância do papel laboratorial da Rádio Universitária para os estudantes de Comunicação. Assim como está presente no discurso dos ouvintes entrevistados, Spenthof (2005) afirma que a relação entre estudantes de Comunicação e o espaço da Rádio enquanto um laboratório serve para formação acadêmica, funcionando como um espaço destinado ao “exercício de experimentação, de aplicação de conhecimentos, de atividades práticas; à realização de ‘notáveis operações’ e ‘transformações’ na formação e no mundo do estudante.”

Nesse caso, o que define a experiência laboratorial, para Spenthof (2005), é a atividade desenvolvida a serviço do conhecimento e da formação dos estudantes em uma articulação entre teoria e prática, na qual o público é parte essencial do processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, a presença e o reconhecimento dos ouvintes da Rádio Universitária da UFG em relação ao papel da emissora como um “*lócus*” de experiência laboratorial demonstra que os estudantes lidam com situações semelhantes as do mercado de trabalho e estão sujeitos, da mesma forma, às responsabilidades, aos valores e às situações concretas que marcam os processos de produção de informação. Essa possibilidade de desenvolver uma atividade que incorpore a teoria, a prática e a reflexão de todo processo, torna-se concreta em espaços como os que as rádios universitárias oferecem. Pois, como aponta Spenthof (2005), não se espera que as empresas instrua e eduquem os estudantes para sua formação profissional; esta não é a sua finalidade, e sim a do ‘centro educacional’.

Juntamente com o caráter público e laboratorial da Rádio Universitária, os ouvintes também comentaram sobre como deveria ser a produção da emissora. Nesse sentido, nota-se que existe no discurso deles uma articulação entre o erudito e o popular. Percebe-se que isso se dá quando eles falam de sua preferência pela música erudita e, ao mesmo tempo, dizem que a Rádio Universitária da UFG tende a ser uma emissora mais próxima e acessível a todas as camadas da sociedade. Percebe-se a existência, como trata Barbero (1997), de uma dinâmica constante de negociação, rearticulação, apropriação, leituras e releituras que marcam os processos de transformação cultural e as diferenças sócio-culturais existentes.

Uma das características mais comentadas sobre o diferencial da Rádio Universitária está relacionada à capacidade que a emissora tem, de acordo com os ouvintes entrevistados, de ser um espaço mais democrático e aberto à participação

do público. Nesse sentido, os ouvintes da emissora se mostraram desejosos de participarem enquanto agentes ativos dos processos de produção e transmissão de conteúdos da Rádio, não agindo como simples receptores passivos. O nível de participação mais comentado pelos ouvintes é aquele no qual as pessoas participam do “fazer comunicação” ao dar entrevistas, pedir músicas ou sugerir algo etc. Pode-se também entender essas questões colocadas pelos ouvintes a partir do viés da comunicação pública como um espaço aberto para participação social.

Para Barbero (2002), os dispositivos de comunicação pública devem possibilitar e também ser um espaço que seja capaz de produzir a partir do interesse público, sempre interpelando as pessoas para o exercício efetivo de cidadania. Os diversos aspectos da comunicação pública passariam pelo reconhecimento das diferenças, pelo direito de se comunicar (informar e ser informado; ter e fornecer espaço de visibilidade) na construção de uma autonomia dos sujeitos, das diferenças e principalmente das minorias, que, segundo Barbero (2002), são os mais privados dos valores de cidadania. Nesse sentido, o caráter público seria um lugar de encontro para todos os públicos, reforçando o intercâmbio de conhecimentos e ao mesmo tempo sedimentando o caráter político, cultural e de identidade dos atores sociais. Seria o *locus* onde as diversidades culturais e comunicativas, as diferenças, interesses e as contradições dos grupos sociais (suas ações e os seus discursos) estariam em um fluxo constante e dinâmico de negociação e ao mesmo tempo de reconhecimento do outro.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa qualitativa apresentada nesta monografia foi capaz de fornecer alguns dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das crenças, atitudes, valores e motivações dos ouvintes entrevistados da Rádio Universitária da UFG com relação à emissora. Dessa maneira, foi possível descobrir elementos que, somados às teorias sobre rádio, rádios universitárias e comunicação pública, puderam evidenciar uma determinada imagem da Rádio Universitária da UFG a partir da ótica dos ouvintes da emissora. Contudo, cabe lembrar que “a pesquisa qualitativa busca um entendimento particular daquilo que estuda. Portanto, não há preocupação com generalizações, princípios e leis”, que devem ser relativizados durante a exposição dos resultados obtidos, embora não exista pesquisa qualitativa sem um mínimo de quantificação, da mesma maneira que não existe pesquisa inteiramente quantitativa.

Dessa maneira, pode-se evidenciar diversos aspectos que caracterizam a Rádio Universitária da UFG e motivam os ouvintes entrevistados a sintonizarem na emissora. Primeiramente, as próprias especificidades do veículo rádio funcionam como um atrativo para o público da Rádio Universitária da UFG. Nesse sentido, o rádio funciona como um estímulo sonoro para os ouvintes da Rádio Universitária, um instrumento que atua no papel de companheiro deles e também permite àqueles que o escutam desempenhar diversas atividades, além da capacidade de ouvir, de se informar e se entreter. Essa idéia de que a Universitária é um meio secundário, “pano de fundo”, tornou-se clara entre os ouvintes, que sempre fazem outro tipo de atividade nos momentos em que escutam a emissora, como estudar, arrumar a casa, trabalhar etc.

Dessa forma, o sentimento que a maioria dos ouvintes da Rádio Universitária tem da emissora é que ela se tornou parte da vida, do cotidiano doméstico e de trabalho deles. Nesse sentido, percebe-se que a família e os amigos dos ouvintes entrevistados passaram a conhecer a Rádio Universitária e até, em alguns momentos, escutam a emissora juntamente com eles.

Em relação ao primeiro contato dos entrevistados com a Rádio Universitária da UFG, constata-se que a motivação inicial deles para se tornarem ouvintes da

emissora estava ligada à música tocada na Rádio, que traduz o gosto dos ouvintes. Nesse sentido, os ouvintes percebem que a Rádio Universitária da UFG tem autonomia para transmitir diversas músicas que não costumam ser tocadas nas outras rádios. Assim, por ser uma emissora pública, sem necessidade de um apelo comercial, e também laboratorial, permite que se tenha uma maior variedade de conteúdos e possibilidade de experimentações. Quanto a preferência musical dos ouvintes da Rádio Universitária fica difícil determinar um perfil devido a variedade de gostos, opiniões e diferenças dos entrevistados, mas os estilos mais comentados foram: a música clássica, música popular brasileira e rock.

Percebe-se que para cada perfil e gosto particular dos ouvintes há um determinado programa que eles escutam, mas os que ouvem quase toda a programação da emissora, em sua maioria, não fazem restrições de estilos musicais. Os ouvintes da Rádio Universitária vêem a emissora como um espaço totalmente diversificado. Eles têm a idéia de que a Rádio Universitária não possui um perfil definido e específico de público. Trata-se da existência de diversos tipos de programas voltados para diferentes setores culturais e sociais. Eles vêem a emissora como um espaço essencialmente diversificado em seus conteúdos e segmentado em sua programação.

Contudo, a identificação do público com a Rádio Universitária pode ser explicada a partir da formação cultural, dos componentes pessoais e históricos que compõe o universo particular dos ouvintes e também da Rádio Universitária. No caso da emissora estão as características culturais e educativas que marcaram a sua criação, além do seu caráter público. Elementos estes que determinaram, ao longo da história da emissora, uma produção de conteúdo mais voltada para as classes intelectuais, artísticas e universitárias, mas que vem se abrindo para abranger a diversidade social sem cair no padrão comercial ou de apelo sensacionalista.

Quanto ao perfil do público, três dos ouvintes entrevistados são estudantes universitários, um é músico, um além de ser músico, é ator de cinema, e o último ouvinte se declarou comerciário e calígrafo e se disse seduzido pela linguagem e pela poesia. Dessa forma, todos estão envolvidos pelo universo cultural, artístico e musical que está presente na grade de programação da Rádio Universitária.

Possivelmente, a Rádio possui outros tipos de ouvintes e este perfil de público da pesquisa seja minoritário. Mas, este perfil de público da Rádio Universitária,

determinado pela pesquisa de campo, é válido por se tratar de uma pesquisa qualitativa que “procura entendimento e explicação do comportamento humano a partir da perspectiva dos participantes dos fenômenos”. Duarte (2005: 63) aponta que o objetivo essencial dos estudos qualitativos está “mais relacionado à aprendizagem por meio da identificação da riqueza e diversidade, pela integração das informações e sínteses das descobertas do que ao estabelecimento de conclusões precisas e definitivas”. É nesse sentido que se buscou definir o perfil dos ouvintes da Rádio Universitária e que imagem eles têm da emissora. Para se chegar, contudo, a uma precisão quantitativa e menos específica dos ouvintes, que compõem a audiência da emissora na sua totalidade e, assim, confrontar com os resultados desta monográfica, fica aqui aberto o caminho para novas possibilidades de métodos e pesquisas sobre os ouvintes da emissora.

Há uma percepção e desejo por parte dos ouvintes de que a Rádio passa por um processo de transformação em seu formato radiofônico. No sentido de que ela está deixando de ser totalmente elitista, com conteúdos voltados para um pequeno grupo de intelectuais e de universitários, para se aproximar de toda a sociedade e se tornar mais comunitária, mais plural e democrática em sua grade de programação. Dessa forma, também está presente o potencial que os ouvintes atribuem à emissora no que diz respeito à produção de conteúdo voltado para formação do ouvinte da emissora e para transmissão de informações sobre a cidade, os acontecimentos de interesse coletivo, questões de utilidade pública, eventos e produções culturais.

Nessa lógica, constata-se também que uma das principais motivações que fazem os ouvintes entrevistados se tornarem fiéis à emissora está associada ao grau de proximidade que a emissora desenvolve com os ouvintes. Assim, quanto mais ela, sua programação e os seus locutores falarem a linguagem comum dos ouvintes, mais afinidade eles terão com a Rádio Universitária. Nesse sentido, o ouvinte não quer permanecer no papel de receptor passivo, ele deseja se sentir protagonista de todo o processo comunicacional; deseja participar, escolher músicas, conteúdos a serem transmitidos, dar a sua opinião, dar entrevistas. Ele deseja ver a vida dele representada no programa de rádio. Os ouvintes da Rádio Universitária apontam que a emissora tem essa vantagem de possibilitar um acesso, um contato, mais familiar entre os emissores e os ouvintes, o que não ocorre em outros veículos.

Por último, os ouvintes da emissora reconhecem a importância do papel laboratorial da Rádio Universitária para os estudantes de Jornalismo, funcionando como um espaço destinado ao exercício de experimentação, de aplicação de conhecimentos, de atividades que incorporem a teoria, a prática, a reflexão. Dessa forma, a presença e o reconhecimento dos ouvintes em relação ao papel da emissora como um campo laboratorial reforça a idéia de que os estudantes lidam com situações semelhantes às do mercado de trabalho e estão sujeitos, da mesma forma, às responsabilidades, aos valores e às situações concretas que marcam os processos de produção de informação. Mas embasados por uma possibilidade teórica e reflexiva que dificilmente eles encontrariam no mercado profissional.

A imagem que os ouvintes da Rádio Universitária da UFG têm da emissora abre caminho para uma diversidade de reflexões e possibilidades que não se esgotam nessa monografia. Fica aqui aberto o caminho para novas possibilidades de métodos e pesquisas sobre os ouvintes da emissora. Mas que fazem atentar para a importância de conhecer o público da emissora, de ouvir seus anseios, suas demandas, de colocá-lo como protagonista dos processos de comunicação. Dessa maneira, entende-se que a Rádio Universitária da UFG deve existir como um espaço que seja capaz de produzir a partir do interesse do seu público, sem, contudo, deixar-se conduzir meramente pelas sensações ou interesses individuais dos membros desse público, mas no sentido de contribuir para formação cidadã deles. Assim, os aspectos essenciais na escolha da programação, do “fazer comunicação”, passariam pelo reconhecimento das diferenças, pela construção de uma autonomia desses sujeitos. Com isso, a natureza pública, cultural e educativa que caracteriza a Rádio Universitária da UFG deve se fazer presente como um lugar de encontro para toda sociedade, reforçando o intercâmbio de conhecimentos e ao mesmo tempo sedimentando o caráter político, cultural e de identidade dos atores sociais.

## REFERÊNCIAS

- BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do rádio: textos e contextos**. 1. ed. São Paulo; Florianópolis: Intercom; Insular, Posjor-UFSC, 2005.vol. 1. p. 327-336
- BARBOSA, André Filho. **Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BRANDÃO, Elizabeth Pazito. Conceito de comunicação pública. In: DUARTE, Jorge (org.). **Comunicação Pública: Estado, Mercado, Sociedade e Interesse Público**. São Paulo: Atlas, 2007.p.01-34.
- BRANDÃO, Elizabeth. Comunicação pública: conceito incomum. In: BRANDÃO, Elizabeth & MATO, Heloíza & MARTINS, Luiz. **Algumas abordagens em comunicação pública**. Brasília: Casa das Musas, 2003.
- BRANDÃO, Elizabeth. Comunicação Pública: o cidadão, o Estado e o Governo. In: BRANDÃO, Elizabeth & MATO, Heloíza & MARTINS, Luiz. **Algumas abordagens em comunicação pública**. Brasília: Casa das Musas, 2003. Ano I. Vol. I. N° 3.
- BAUER, Martin; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: \_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução de GUARESCHI, Pedrinho A. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BEZZON, L. A. Crivellaro. Análise político-sociológica do reencontro da sociedade civil brasileira com a cidadania e democracia segundo a perspectiva da comunicação pública. In: OLIVEIRA, M. J. Costa. **Comunicação Pública**. São Paulo: Alínea, 2004. p.17-28.
- CALABRE, Lia. **A era do rádio**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- COSTA, Maria Cristina Castilho. **Cultura oral e cultura radiofônica**. Educomradio, Centro-Oeste, 2003, São Paulo: Núcleo de comunicação e educação, NEC-ECA/SP.
- CUNHA, Mágda. No pólo da recepção: a encenação autorizada de uma guerra. In: MEDITSCH, Eduardo. **Rádio e Pânico: A Guerra dos Mundos, 60 anos depois**. Florianópolis: Insular, 1998. p. 167-177.
- CUNHA, Mágda. O rádio no Rio Grande do Sul. In: BIANCO, Nélia R. Del; MOREIRA, Sônia Virgínia. **Rádio no Brasil: tendências e perspectivas**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ; Brasília, DF: UnB, 1999.
- DEUS, Sandra. **Rádios Universitárias Públicas: compromisso com a sociedade e com a informação**. Em Questão. Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 327-338, jul. /dez. 2003.

DUARTE, Jorge. Instrumento de Comunicação Pública. In: \_\_\_\_\_. **Comunicação Pública: Estado, Mercado, Sociedade e Interesse Público**. São Paulo: Atlas, 2007.p. 59 – 71.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: \_\_\_\_\_; BARRETO, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

FORT, Mônica Cristine. **Televisão educativa: a responsabilidade pública e as preferências do espectador**. São Paulo: Annablume, 2005.150p.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; \_\_\_\_\_. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

HAUSSEN, Dóris Fagundes. O poder de mobilização do rádio. In: MEDITSCH, Eduardo. **Rádio e Pânico: A Guerra dos Mundos, 60 anos depois**. Florianópolis: Insular, 1998. p. 81-89.

JACKS, Nilda. Pesquisa de recepção e cultura regional. In: SOUSA, Mauro Wilton de. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 151-169.

LEAL, Ondina Fachel. Etnografia da audiência: uma discussão metodológica. In: SOUSA, Mauro Wilton de. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 113-123.

MARTÍN-BARBERO, Jesús.. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 1997. 360 p.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo de recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton de. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 39-71

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Televisão Pública, televisão cultural: entre a renovação e a invenção. In: RINCÓN, Omar. **Televisão pública: do consumidor ao cidadão**. Tradução: Dolores Montero e Maria Carbajal. São Paulo: Friedrich-Elbert-Stifung, 2002. p.41-79

MARTINS, Luiz. Comunicação Pública: Estado, Governo e Sociedade. In: BRANDÃO, Elizabeth; MATO, Heloíza & MARTINS, Luiz. **Algumas abordagens em comunicação pública**. Brasília: Casa das Musas, 2003. Ano I. Vol. I. N° 3.

MATOS, Heloíza. Comunicação pública, esfera pública e capital social. In: DUARTE, Jorge. **Comunicação Pública: Estado, Mercado, Sociedade e Interesse Público**. São Paulo: Atlas, 2007.

MEDITSCH, Eduardo. A nova era do rádio: o discurso do radiojornalismo como produto intelectual eletrônico. In: BIANCO, Nélia R. Del; MOREIRA, Sônia Virgínia. **Rádio no Brasil: tendências e perspectivas**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ; Brasília, DF: UnB, 1999. p. 109-131.

MEDITSCH, Eduardo. O pecado original da mídia: o roteiro de A Guerra dos Mundos. In: \_\_\_\_\_. **Rádio e Pânico: A Guerra dos Mundos, 60 anos depois**. Florianópolis: Insular, 1998. p. 27-37.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. 2.ed. Florianópolis: Editora da UFSC, Editora Insular, 2007. vol. 1. 300 p.

MONTEIRO, Graça França. A singularidade da comunicação pública. In: DUARTE, Jorge (org.). **Comunicação Pública: Estado, Mercado, Sociedade e Interesse Público**. São Paulo: Atlas, 2007. p.34-47.

MIOTTO, Luciana Bernardo. Comunicação e o espaço público na sociedade da informação: reflexões sobre a política contemporânea. In: OLIVEIRA, M. J. Costa (org.). **Comunicação Pública**. São Paulo: Alínea, 2004. Cap. 5. P.97-113.

NERCOLINI, Marildo José. **O intelectual latino-americano hoje: caminhos e descaminhos**. In: Congresso Brasileiro de Hispanistas, 2002, São Paulo: Associação Brasileira de Hispanistas. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000012002000300041&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000012002000300041&script=sci_arttext). Acesso em: 23/11/2007.

NETO, Antônio Fausto. A deflagração do sentido: estratégias de produção e de captura da recepção. In: SOUSA, Mauro Wilton de. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 189-223.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985. (Novas Buscas em Comunicação, vol.3).

PERUZZO, Cicília M. K. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. In: OLIVEIRA, M. J. Costa (org.). **Comunicação Pública**. São Paulo: Alínea, 2004. p.49-79.

RÁDIO UNIVERSITÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Goiânia, 2008. Disponível Em: <http://www.radio.ufg.br>. Acesso em: 10 de novembro de 2008.

REY, Germán. O cenário móvel da televisão pública: alguns elementos do contexto. In: RINCÓN, Omar. **Televisão pública: do consumidor ao cidadão**. São Paulo: Friedrich-Elbert-Stifung, 2002. p.81-118.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001. 216 p.

SILVA, Antônio Moreira. **Dossiê de Goiás: um perfil do Estado e seus municípios.** Goiânia: Máster Publicidade, 1996. p. 221-222.

SILVA, Colemar Natal e. **Realizações e projetos de Colemar Natal e Silva no campo da cultura em Goiás.** Goiânia: Cegraf – UFG, 1992.

SOUSA, Mauro Wilton de. Recepção e comunicação: a busca do sujeito. In: \_\_\_\_\_. **Sujeito, o lado oculto do receptor.** São Paulo: Brasiliense, 1995.p.13-39.

SPENTHOF, Edson Luiz. **A experiência laboratorial na Rádio Universitária da UFG e o debate sobre o aperfeiçoamento pedagógico dos cursos de jornalismo.** In: 8º Fórum Nacional de Professores de Jornalismo. GT-Produção Laboratorial: Eletrônicos, 2005.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; NERY, Vanda Cunha Albieri. **Para entender as teorias da comunicação.** Uberlândia: Aspectus, 2004.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A – Ouvinte 01

Lino Tiago - 27 anos – alfaiate, músico e ator

### **1) Gostaria que você falasse da sua rotina, como é o seu dia-a-dia?**

Seguinte, eu trabalho com confecções também, entendeu, sou artesão nessa parte e durante a tarde é a hora em que eu trabalho. Eu costumo ouvir o período da tarde da rádio. Assim, o programa de cinema, o Música para Todos, esses programas. Como eu também trabalho com cinema, aqui em Goiânia, atuando, então eu me interessava muito pelo que tá rolando nesses programas, do Matinê. Tem sempre alguma informação legal ali a respeito e de cultura também no Panorama, tal. O período que eu ouço da rádio é esse. Minha rotina com relação a rádio é essa, durante à tarde eu ouço.

### **2) Você ainda está ouvindo com alguma frequência?**

Não com tanta frequência, mas esporadicamente ainda ouço. Mas ouço mais do que qualquer uma outra rádio. Se for ouvir rádio eu ouço a Rádio Universitária.

### **3) Você liga a rádio pra ouvir mais a área de cinema? Podia falar um pouco sobre os programas que você escuta?**

Não é exatamente só área de cinema. Também curto essa coisa que rola no Panorama, as músicas que tocam também é do meu agrado.

### **4) Como é que é assim, porque eu não sei direito?**

O programa Panorama, ele trabalha com cultura em geral. Ela tende a ser... Essa coisa dele ser muito misturada alias é um positivo e negativo na minha opinião. Então, eles têm de tudo, então, eles falam tudo que vai acontecer na noite, no dia, na semana. Avisa sobre cursos que está rolando na área de artes. Fazem algumas entrevistas com relação... Fazem retrospectiva com relação a algum artista.

**5) Você lembra um momento, algum programa que esta na sua memória em especial?**

Em especial com relação a esse programa exatamente?

**6) Em especial aos programas que você ouve na rádio?**

Cara, é... Mais os que têm a ver com os artistas que eu gosto. Por exemplo... Teve uma... Eles fazem essas retrospectivas da carreira do artista aí teve coisa como Bob Dylan – fizeram uma retrospectiva sobre o trabalho dele. Assim, dá pra ver que é tudo um tanto de aprendizado da parte deles. Então, dá pra ver que é meio pobre, nesse ponto, assim, porque parece meio que baixado da Wikipédia, uma coisa assim. Mas é legal, entendeu? Tem muito a ver e eles colocam algumas músicas. E com relação a cobertura de festivais de rock também, daqui de Goiânia, esses festivaizinhos que rolam sempre têm alguma coisa lá e, assim, não dá pra dizer o que eu lembro, não. Mas eu lembro de alguns nesse... Dessa área e com relação ao cinema também. Do Oliveira lá, que é o de cinema, ele... Eu fico mais interessado quando ele trata do cinema goiano. Quando ele trata de programas como o Desbitola, que tem aqui no Cine Ouro. Quando trata do Festicine, quando faz entrevista nesse campo. Cobertura de coisas, como cursos que estavam sendo feito aqui ou algo do tipo. Eu fico ligado, mas só que o programa Matinê é um programa mais pop, rola muita coisa assim de meio tablóide do cinema. Não é muita coisa que me agrada, mas eu to sempre ouvindo alguma coisa assim. Como ele também coloca algumas trilhas pra tocar nesse programa e eu curto também trilha sonora de cinema. Então eu ouço algumas, mas são poucas que ele coloca que me agrada realmente. Eu ouço mais pelas informações, o programa dele. Tem também o programa do Sobreira, que é o Beatlemania, que passa terça, eu acho, às nove da noite. Esse também é legal, só que é só sobre Beatles e só sobre essa coisa. Mas é bom, eu até fui no auditório lá num show de comemoração que eles fizeram num disco dos Beatles.

**7) Foi lá na rádio? Quando que foi? Como que foi essa experiência?**

Sim. Eu acho que foi no ano passado que teve esse show, esse showzinho com uma banda de Goiânia. Legal, eu nunca tive uma experiência com rádio assim, de ir em rádio e essas coisas todas. E me pareceu um lance legal, ele (o Sobreira) estava transmitindo o show ao vivo, pela rádio, pelo programa até. Muito animado e tal, tipo assim, pouca gente porque dá pra ver não é muita gente que escuta. E tampouco quem vai prestigiar num vai ser muita gente. Mas é legal.

**8) Você conhece mais alguém que ouve a Rádio Universitária?**

Sim conheço.

**9) Quem?**

Amigos.

**10) O que vocês conversam sobre o assunto?**

A gente conversa mais sobre os erros que acontecem. Sobre como é engraçado os tropeços. Porque dá pra ver que apesar de ser o rádio. A gente entende que uma rádio universitária, que é uma rádio onde o cara vai pra aprender, pra desenvolver aquilo. Mas aí acontece alguns erros, algumas coisas assim (risos). No Panorama que tem muito, a galera da Facomb né? Aí tem aquela Mariana Guimarães, ela ta (risos) sempre dando uma bola fora. Mas é legal.

**11) Você lembra algum exemplo engraçado?**

Tem. Tem tipo dela cair na risada – não lembro se era exatamente ela, mas caia na risada no decorrer da coisa. Muita informação errada, às vezes, também. Tipo assim, ia falar da banda Led Zeppelin. Eu uma vez eu ouvi “a Led Zeppelin”, uma coisa assim, entendeu, sobre ser uma cantora. Eu já ouvi algumas coisas desse tipo. Assim, uns errinhos.

**12) Mesmo assim você continua ouvindo?**

Claro. Mas uma rádio divertida é essa. Não por isso, mas também por isso. Isso é uma rádio divertida.

**13) Como você ficou sabendo da Rádio Universitária, o seu primeiro contato?**

Eu acho que foi com Beatlemania. Ouvindo, eu peguei alguma coisa lá AM aí eu sintonizei nesse 870 e tinha o Beatlemania rolando. Então comecei a ouvir, achei legal, depois eu me interessei pelo que tava rolando na Rádio e fiquei ouvindo. Aí comecei a ser assíduo sabe? Mas tem assim cerca de uns três anos ou quatro que eu comecei a ouvir.

**14) Nessa época você já mexia com música?**

Sim. Já tem dez anos que eu mexo com música. Então já mexia sim.

**15) Você falou que teve aquela participação que foi na Rádio. Você já teve outro tipo de participação, já ligou, já entrou em contato?**

Eu tento trocar idéia com Rodrigo Oliveira com relação a cinema. Sempre que tá rolando alguma coisa, eu trabalho com curta metragem aqui também. Então ele me procura... Quando rolou os filmes aqui no Festicine que tinha relação comigo, que eu atuava, a gente trocou idéia. Eu falei “a gente ta passando um filme, você podia entrevistar”. Aliás, ele se dispôs a entrevistar o diretor. Ele sempre entrevista o diretor de algum filme, que tá rolando em Goiânia, ou alguém da galera do filme. E por essas idéias que eu troca mais com ele assim. E participo por telefone também com Panorama, concorrendo a um ingresso, alguma coisa que seja sorteada... Até ganhei o ingresso (risos). Teve uma situação engraçada, que você perguntou aqui, que o cara ia sortear dois ingressos pro festival Punk Feminino, alguma coisa assim, aí no final ele, acho que era até o Caio, não tenho certeza, Caio Henrique, que é amigo meu, “como ninguém ligou pra ganhar o ingresso a gente vai ficar com ele”. Quando eu liguei pra tentar ganhar o ingresso, eu liguei, é que eu queria colocar

meu nome pra concorrer o ingresso, aí ele: “não, de boa, você já ganhou, você foi o único que ligou”.

**16) Quando você ganhou o ingresso?**

Eu ganhei o ingresso esse ano.

**17) Ingresso de que?**

Num show do The Not Yet Famous.

**18) Como foi o atendimento lá?**

Na verdade, o atendimento é bem demorado. Eu fiquei ligando e o telefone ficou tocando um bom tempo. Porque ninguém liga. Mas eles atenderam e foi legal. Acho que foi só.

**19) E com Rodrigo como é o contato?**

Meu contato com ele é via e-mail, por Orkut, coisas desse tipo. Eu conheci ele no dia que eu fui ver um show lá. Aí eu o conheci, falei que gostada do programa dele, que eu o ouvia. Recomendei pra ele algumas trilhas e ele me falou de algumas outras e sobre a precariedade que rola lá na Rádio com relação a esse, especificamente a isso, sobre acesso a trilhas que ele não tem muita lá e tal. Mas não é um amigo não, é um colega assim, a gente tá na mesma onda.

**20) Você mexe com cinema também?**

Sim. Atuando. A gente fez três curtas metragens, dois deles saíram no Festicine. Não, os três passaram no Festicine. A gente ganhou o prêmio de incentivo, ano passado, pelo filme Póstumos.

**21) E você já foi entrevistado na Rádio Universitária?**

Não. Nunca. Ninguém nunca se dispôs.

**22) Normalmente onde você ouve a Rádio Universitária, em casa, onde que é o espaço?**

No trabalho. Mais no trabalho. Eu tô trabalhando durante à tarde.

**23) Você trabalha onde?**

Eu trabalho num ateliê de costura, eu trabalho com corte, modelagem, essas coisas. Minha renda financeira vem daí.

**24) Se você pudesse escolher uma programação da rádio, assuntos de interesse, que tipo de assunto você escolheria?**

Como a Rádio, eu considero ela bem versátil com relação à música, principalmente, que é o que eles sempre tocam. Ela tem muita coisa de tudo, então é difícil dar uma idéia pra aquela galera. Porque um programa é de uma coisa e o outro é de outra. Só que eu acho que isso é um ponto até negativo. Mas eu entendo que é uma rádio pública e que é uma rádio onde o universitário vai pra aprender né. Eu acredito que seja isso.

**25) O que é negativo na programação?**

Essa mistura rola muita coisa. Então você liga o rádio durante o início da tarde – meio dia, uma hora – tá rolando o programa de música clássica, aí acaba e vem o programa de variedade musical que é o Música Para Todos, onde ele coloca vários estilos de músicas, mas se concentra principalmente na MPB, essa MPB que a gente escuta na FM, é a mesma MPB. Mas rola coisa nova assim também, eu acho legal. Eu também gosto do Sobreira, que faz esse programa, as vezes. E também depois rola um que eu me esqueci o nome do programa, até que é um bem rápido que sobre, eles colocam músicas que acontecem em outras rádios públicas, eu me

esqueci o nome, me desculpa. Aí tem depois, eu escuto o Matinê, que é de cinema. Então, assim, é muito diferente né. Depois vem o programa Panorama, que sempre tem uma coisa mais jovem, alguma coisa tipo rock independente, indie né, essas coisas que a galera jovem de Goiânia escuta que é muito diversificado também. Então, você tá ouvindo um Chico Buarque ai depois vem um Led Zeppelin, entende, então é muito misturado. Eu acho que isso é um ponto negativo. Mas, porém...

## **26) Você não percebe certa seqüência?**

Não, eu acredito que não há uma linha. Porque você liga na Araguaia FM você sabe que vai escutar, você liga na Venenosa e sabe o que vai ouvir; liga na RBC você sabe o que vai ouvir; você sabe que não vai ter nenhuma surpresa. Ali você escuta várias coisas, coisas diferentes e misturadas, então, não tem uma linha. Eu acredito, assim, que por conta que Goiânia tá vivendo um momento de música indie, eu acredito que seria legal eles investirem mais nesse ponto. Mas eles até já estão tocando, eles até apoiaram um festival né, que houve, o Matéria-Prima. Tocando a música da Universidade que tem relação com essa música Indie, não propriamente, também tinha coisa de MPB nesse Festival.

## **27) Você costuma ouvir outro tipo de rádio?**

Não... Assim, escuto saca? Mas pouca coisa. Porque essas outras rádios eles passam informações... Como eu to a procura de informação a respeito de arte e a respeito de Goiânia - vamos dizer assim. Eu procuro ouvir essa rádio que tenha uma identidade com a cidade realmente, que a Rádio Universitária tem isso. As outras já não têm nesse foco, entendeu? Tipo você não vai ouvir na Rádio Araguaia a programação de cinema que vai acontecer, e você não vai ouvir ninguém falar do Festicine, sobre o Mostra Curtas ou sobre o festival que vai ter sábado que vem. Você não vai ouvir nada disso, você vai ouvir sobre o Carna Goiânia, essas coisas. Eu escuto também a Venenosa, que é uma rádio rock né, mas escuto pouco porque é meio fútil a rádio né. Se concentra de uma forma muito boba. A rádio é meio boba sobre o rock, nós somos rock, aquela coisa do domínio mundial.

**28) Além da rádio, quais outros meios que você procura informação da sua área?**

Pela Internet, blogs, Orkut, youtube essas coisas. Mas eu não escuto a rádio especificamente pra, por conta da área que estou trabalhando não. Eu escuto por entretenimento também, alias até mais pelo entretenimento.

**29) E em termos de informação?**

É bom, pelo menos pra mim é bom em função do que eu quero ouvir é. Me conta da forma que eu espero. Eu fico sabendo das coisas que me interessam através dela. Só que eu não sei se isso é comum pra todo mundo. Não sei se serviria pra todo mundo. Então eu acho que quem escuta a Rádio Universitária pelo menos nesse horário acaba sendo pessoas do meu estereótipo, do meu estilo.

**30) Quando você escuta a Rádio você percebe diferença entre estudantes e jornalistas formados que trabalham ali dentro?**

Eu acredito nessa parte de profissionalismo da pra ver como o cara apresenta o programa. Acho isso uma defasagem nos estudantes, que eles são informados, buscando alguma coisa pra oferecer com idéias, mas a locução é fraca. Você não vê aquela coisa que você vê em outras rádios em termos de profissionais. Acho que seria interessante trabalhar nesse ponto, profissionalizando mais a Rádio.

**31) Teve alguma vez que você ouviu a Rádio Universitária e mudou sua concepção de alguma coisa, aprendeu ou lhe instruiu?**

Na verdade eu costumo mais concordar com alguma coisa que é dita. Mas aprender eu acho que não cheguei a aprender nada. Mas acho que pra alguém deve funcionar dessa forma.

### **32) Você já viu alguém assim antes?**

Bom em termos de informação só. Porque tem muita gente que não tem. Então eu costumo ouvir ela à tarde. Eu trabalho com uma tia minha. Então ela fica ouvindo aquilo de tabela. Então ela já entra no jogo da coisa. Ela costuma ouvir a Rádio Difusora, que é uma rádio católica que é aquela coisa padrão. Então quando ela tá ouvindo aquilo ali diferente ela percebe um universo de Goiânia que ela não conhecia; que ela não conhece. Esse universo. Porque ela é uma pessoa, uma senhora católica.

### **33) Você ouve perto dela e o que ela acha?**

O tempo todo, ela se diverte comigo (risos). Acha engraçado a coisa toda como eu falei dos erros. Ela até já memorizou as pessoas que vacilam mais. Ela fica 'nossa esse povo tá falando de cinema no rádio, que isso, que história é essa', entende, dessa forma? Ela não vê que é possível a rádio ser... Ter essa função pública realmente nesse ponto até de divulgar cinema, o artista, divulgar a música. Dai tava rolando o Matéria-Prima (o Festival), aí tinham programas que colocavam o artista da Universidade pra tocar antes do show aí você ouvia todo tipo de bagaceira possível, você ouvia que era uma bandinha que era legal e outras que eram nossa... Assim onde que você vai ouvir isso em outra rádio, aqui em Goiânia mesmo não tem nenhuma.

### **34) E ela (a sua tia) fica como? Fica horrorizada?**

Não, fica não. Ela acha engraçado. Engraçado, ela não fica horrorizada, mas acha divertido. Até quando eu não estou com ela, a gente trabalha de uma forma bem esporádica até, quando eu não estou lá, ela sente falta da Rádio e vai ouvir a Rádio. E com relação que você tava falando, do profissional, dá pra notar mesmo. O Sobreira é uma cara que eu curto pra caramba. Da forma como ela fala, da forma como ele brinca. Assim, é diferente da forma comum... Aquela forma exata. Ele já faz um comentário da parte dele, bem pessoal. Ele tá mostrando uma característica dele, a opinião dele e a forma de expressar aquilo. Mas ele faz isso mais no ponto de brincadeira na hora de fazer uma briga. Tipo na Federal, com relação à greve ou

algo assim, ele sempre faz o comentário dele, fala “ele tá errado mesmo”. Você vê que tem uma atitude dele ali né. Cheguei a conhecer ele no dia que fui na Rádio.

### **35) Conta desse dia que você foi à Rádio Universitária?**

Foi. Eu ouvi na Rádio que ia ter nesse programa, esse show que era comemoração Sargento Peppers, sei lá, 30 anos, tipo assim. Ai fui lá e assim, um rock roll legal, tinha ali a galerinha, tinha a cerveja ali pra galera. E tava no auditório e botaram a banda pra tocar e ele tava transmitindo a Rádio. Ele falava no microfone “é nós estamos aqui direto da Universitária transmitindo o programa Beatlemania” e ele entrevistava a galera ali na hora e também se divertia. Virou uma festa legal porque não ficou aquela coisa assim, “oh nós estamos na rádio, todo mundo sentado assim”, então quem quis dançar dançou, dá pra ver que ficou bem descontraído.

### **36) Tinha muita gente nesse dia?**

O auditório estava lotado, lotado assim: cabia todo mundo sentado. E assim, a meu ver tinha muita pouca gente porque era um showzinho, era gratuito, era um dia de semana, terça feira, até no horário do programa. Tinha pouca gente se olhar dessa forma. Mas sobre o que eu acho sobre quem escuta a rádio, acho que tinha uma galera legal, eu achava que só eu e mais umas duas, três pessoas ouvia.

### **37) Você se identificou com o público que estava lá?**

Dava para ver que era mais estudantes ali, como era um show de uma banda de tributo a outra banda específica, todo mundo que tava lá é porque curti Beatles né, acabou que ficou meio parecido. Mas tinha outras pessoas de mais idade que dava pra ver que ouvia a Rádio.

## APÊNDICE B – Ouvinte 02

Katiuscia Andrade - 30 anos - universitária e bacharel em Psicologia

### **1) Pode continuar o que você estava falando antes de gravar?**

Assim eu não sou uma pessoa que consigo ficar na frente da televisão pra receber informação. Eu sempre tenho que está fazendo alguma outra coisa. Assim, eu tenho coisas pra fazer tipo organizar o quarto, mas pra saber, pra escutar, pra saber do noticiário por exemplo. Então, não dá, ou, se eu ficar na frente da televisão, eu não consigo organizar meu quarto. Então, o rádio, o veículo rádio pra mim é muito interessante por causa disso, porque ele consegue unir; eu consigo desenvolver duas funções, duas atividades no mesmo espaço de tempo. Então, eu consigo escutar e consigo fazer outra coisa, outra atividade e não sei se é o meu perfil de ouvinte ou se é as minhas afinidades enquanto música, enquanto programa. Eu acho assim que eu gosto, eu acho que ela me completa. Eu considero que eu sou uma pessoa informada; eu não sou desinformada das coisas que acontecem. E meu veículo de comunicação é rádio, por mais que ele seja um pouco... Não tão modernoso como jornal de Internet, por exemplo, que você pode receber o jornal e ficar lendo. Eu consigo ainda ser uma mulher do século XXI que escuto rádio e me mantenho informada.

### **2) E assim, como que é sua rotina. Em que momento você começa a ouvir a Rádio?**

Eu desde a cinco e meia da manhã eu escuto os clássicos. Eu escuto os clássicos, chego pra almoçar eu escuto os clássicos e vou dormir e escuto os clássicos. Essa é a minha rotina. Eu gostaria de escutar os programas... Eu lamento muito que os celulares não têm banda AM, porque eu gostaria de escutar a Agenda Universitária, que é um negócio que eu preciso disso. Eu sempre sei tudo que acontece por causa da Agenda Universitária.

### **3) Como que é essa Agenda Universitária?**

A Agenda Universitária ela fornece todos os editais das Universidades de Goiás e fora de Goiás. Então como eu estou saindo da Universidade agora pra mim é interessante ficar atenta nessas informações. Onde que vai ter um edital, ah vai sair um concurso, vai ter uma premiação legal? Como eu fico na Faculdade, fico na rua, faço atendimento, então não dá pra mim ficar lendo, assistindo tevê, nem ficar ligando pra empresa de recursos humanos essas coisas. E esse programa, ele é muito interessante porque ele me mantém conectada com essas informações. Ai eu lamento porque a gente tem uma tecnologia de celular, que tem rádio. Pra cima e pra baixo todo mundo escuta rádio, o dia inteiro com foninho, mas não tem banda AM. Ou seja, então, eu acabo ficando prejudicada porque, poxa, a rádio é na AM. E aí deixa eu ver mais. Sábado, eu adoro a Rádio sábado. Eu escuto rádio o dia inteiro sábado, quando eu estou em casa. Quando eu não estou em casa, estou na Faculdade pela manhã, à tarde inteira eu escuto a Rádio. Escuto terça-feira à noite. E à noite. Escuto os programas de noite, escuto na sexta também à noite. Escuto o Beatlemania, escuto o programa de poesia da segunda-feira. Adoro. Eu ganho os convites para ir pras baladas culturais da cidade, pra mim é uma bocada; eu ligo mesmo, adoro participar e ganho ingressos pra cinemas. Eu curto pra caramba, eu me utilizo muito da Rádio.

### **4) Como foi seu primeiro contato com a Rádio?**

Minha primeira vez na Rádio foi quando eu era adolescente e falaram que tinha em Goiânia um programa de rock roll. E eu não sabia disso, como assim rock roll em Goiânia e em rádio é impossível. E era aquele programa Espírito da Música ou era aquele, não, era um programa que passava sábado, no finalzinho do sábado que passava um programa de rock e depois ainda falava a agenda de Goiânia. E aí eu comecei a escutar a Rádio por causa desse programa no sábado, aí depois eu tomei gosto, depois eu não consigo escutar nenhuma outra rádio. E hoje em Goiânia tem rádio exclusivamente de rock e eu não consigo escutar, eu não gosto. Aí eu sofria até conseguir a "banda", eu tinha um rádio velho de antena que eu ficava sofrendo assim: ai cadê a sintonia, onde que tá isso, onde que tá, eu demorei até pegar a "banda". Hoje no meu som é digital e é, assim, a única que pega.

**5) Você lembra quem te falou da Rádio? Você conhece mais gente que ouve?**

Ah! Eu conheci uma galera que estudava lá e que estudou comigo, que era o Ciro que trabalhava lá também. Teve um amigo meu que se acabou de se formar, que foi o Alysson, que ele também fazia um programa lá. Tem o João Adolfo que eu conheci pelo MSN por causa das minhas participações e deixa eu ver mais, ah eu não lembro mais, foi... Deve ter sido algum Fly, alguma informação, eu não lembro. Faz muitos anos, eu consigo lembrar como eu cheguei na Rádio não. Mas, foi de eventos, eventos culturais, um evento rock and roll, de música, músicas undergrounds.

**6) Fala algum programa interessante, algum assunto que ficou na sua cabeça?**

Vários assuntos. Tem entrevistadores. No dia que o reitor mesmo da Universidade deu uma entrevista na Rádio foi bacana. Meu professor, que ele é meu supervisor de pesquisa, meu orientador de estágio na área clínica, ele já deu uma entrevista sobre estresse na Rádio que foi muito proveitoso. Têm vários. Tem uma mulher que, inclusive que até ganhei um livro dela, que tá aqui. Ela foi entrevistada na Rádio e aí a minha participação me rendeu um livro - que ela falou sobre o feminino. Têm muitas coisas, eu consigo lembrar várias fontes de informações que eu acho bastante relevante. Saúde tem um programa de saúde da mulher muito legal, de que trabalha a questão... Tem uns programinhas que não é da Rádio, mas que são vinculados a Sesi, não sei, essas outras instituições Federais, que são simples sabe, são programas simples como informativo da dengue, por exemplo, como informativo de Aids, como manicure. Então, assim, a Rádio ela consegue trazer outros programas de outras rádios que são programas simples, com uma linguagem do senso comum, que chega a informação pra gente, dá pra gente levar a informação pra população também. Então é de muita relevância, eu não consigo nomear só uma entrevista, só uma matéria que tenha sido legal. São vários aspectos de saúde, de música, de política. Eu consigo perceber que eu sou uma pessoa mais crítica por causa de alguns entrevistadores que foram lá e que me ajudaram a pensar melhor sobre o cenário político mesmo de Goiás. Futebol, futebol, eu não entendia nada de futebol, mas como eu sou ouvinte assídua da

Rádio, quando chega no programa de futebol eu saia da Rádio, aí hoje não. Hoje eu consigo escutar o futebol, eu consigo entender melhor os campeonatos. Agora um programa que eu não gosto, que eu não gostei que agora eu não sei se tem, ou os meus horários, eu não consigo perceber. Que foi um programa gospel, um negócio religioso. Inclusive eu ligue lá pra participar assim, até pra treinar minhas flexibilidades, que eu falei assim ah vou pegar esse cd pra mim escutar, talvez tenha alguma música interessante, uma proposta legal. E o atendimento também foi péssimo também. Não gostei nem do atendimento da galera que fez esse programa, nem da temática, achei que não sei. Não curti mesmo.

### **7) Como era esse programa? Falava do que, que você não gostou?**

Não gostei do programa em si, não gostei do conteúdo, não gostei da proposta, não gostei do atendimento. Ah era um programa religioso. Não tenha nada que eu não tenha achado ruim, mesmo porque eu acho que a espiritualidade é um tema que deve ser trabalhada. Mas, não sei, talvez alguma coisa muito peculiar minha, identificação.

### **8) Como são os programas que você costuma ouvir, caracteriza eles para mim?**

Olha, eu acho que são informativos, tanto musicais quanto de informação mesmo. Eu acho que a Rádio, o objetivo dela eu caracterizo como informação e ela tem vários contextos. Ela tem informação política, ela tem informação musical: desde MPB, desde música clássica, desde músicas novas, desde músicas do cenário regional. Eu acho que música ela traz muito uma reflexão do contexto em que a gente vive. Aborda situações econômicas, tem toda uma atualização do que a gente vive na música, eu acho que é uma forma de informação também. Eu caracterizo como informação pura em diversas áreas: política, saúde e música - a própria variação musical traz uma informação. Acho que eu caracterizo como informação. Fonte de informação mesmo.

**9) Você conversa com alguém a respeito da Rádio? Outra pessoal que ouve.**

Não. Inclusive, assim, eu percebo que eu não encontro pessoas que escutam a Rádio como eu. Eu não tenho um grupo de amigos ou um grupo de pessoas que eu posso falar sobre a Rádio. A não ser quem trabalha na Rádio, mas que aí não tem graça né, mas enquanto ouvinte eu não conheço muita gente. Eu acho que isso é muito raro. Inclusive quando eu dei a sugestão pro meu professor dá uma entrevista, ceder uma entrevista que a gente estava divulgando o nosso trabalho, que era o recrutamento de pessoas para participar do nosso grupo terapêutico. Eu sugeri, eu falei assim, olha eu posso tentar um contato com a Rádio Universitária, eu conheço algumas pessoas. Eles têm um espaço onde você pode divulgar o evento lá. Aí o pessoal do meu grupo assim, que são pessoas que a gente pode caracterizar como intelectualizadas, que são pessoas universitárias, enfim, que tem uma proposta científica, essas pessoas mesmo desconhecem e fizeram até uma, uma, um tipo de rejeição porque citaram outras rádios mais populares. Aí você consegue até ver que as pessoas não escutam a Rádio Universitária, mesmo porque a Universidade que eu estudo é privada, é a Católica. Ela tem um programa, mas é tevê e é outra proposta também e já tem o curso agora de rádio também lá né. Apesar de ser novo, talvez seja por isso, não sei, mas as pessoas não conhecem a Rádio, sabe, e eu fico indignada porque se elas soubessem o tan... Tem coisas importantes, ao invés de ficar escutando rádios populares. Apesar também que eu não conheço essas as outras rádios, não posso falar nada.

**10) Você disse que não costuma ouvir essas outras rádios?**

Não, não escuto, não escuto mesmo. Só se fosse em algum lugar que só tiver passando essa outra rádio. Aí não tem como sair, tipo dentro de um coletivo que tá passando uma outra rádio. Aí eu tenho que escutar

**11) O que você pensa dessas outras rádios que você escuta no coletivo?**

É a mesma comparação que eu faço com a televisão. A televisão tem a TV Cultura e tem a Globo, tem o SBT. É o mesmo jeito. As rádios de banda FM elas tem uma proposta muito comercial. Elas não estão muito interessadas com o acesso, em

oferecer o conhecimento pra formação do ser humano. Eu acho que é a mesma analogia que eu faço com a rádio, eu faço com a televisão. As outras rádios ficam semelhantes aos canais Globo e SBT, enquanto que a Rádio Universitária tem pra mim uma proposta semelhante com a TV Cultura.

### **12) Você comentou que mora sozinho com sua mãe. Ela também escuta a Rádio Universitária?**

Já. Já. Escuta sim. Ela já consegue. Tanto que um dia eu tava na casa do meu irmão e o meu irmão não tem rádio. E aí ele tem Internet, eu fui e sintonizei a Rádio na Internet pra escutar; aí minha mãe logo chegou na sala, ela tava na cozinha, na casa do meu irmão. A gente não fica muito lá, mas esse dia a gente tava lá. Aí ela logo já chegou e reconheceu a voz dos locutores, assim, então acaba sendo uma informação pra mim e para ela. Ela tá tão "ambientada", habituada com a Rádio que ela já conhece a voz de um locutor, de um programa e serve de informação pra ela também. Às vezes tem alguma coisa interessante, a gente pára, "oh mãe", né. A gente até comenta algumas informações legais.

### **13) Como... Quais??**

Ah, tipo um programa de dengue, por exemplo, né, tem uma tia que tá com dengue, então quando a Rádio tem um programa que fala sobre dengue. A gente: olha só os sintomas, então é natural, então a tia tá legal. Ah, manicure, cuidado com o uso de alicate no salão. Ah, mãe como é que tá o seu alicate, né? A senhora está lavando o alicate, não é melhor está esterilizando. Então, assim, é uma utilidade bacana pra gente no cotidiano.

### **14) O que ela fala a respeito da Rádio?**

Não a iniciativa não parte muito dela não. A não ser que eu ligo lá e alguém fala meu nome, aí ela fala: "olha eu escutei o seu nome na Rádio". Pois é, eu nem escutei.

**15) Como é sua participação, como surgiu essa idéia de ligar e participar?**

Ah, o interesse e a disponibilidade. Primeiro abre-se a disponibilidade: ah, então vamos sortear um ingresso pra não sei o que... Legal isso aí é uma coisa que eu gostaria de participar, gostaria de ver, gostaria de assistir. Se for um livro: eu queria ler esse livro, pra mim. E aí eu ligo na Rádio, e aí eu espero, e aí quando eu ganho eu fico feliz.

**16) E como é o atendimento na Rádio Universitária?**

Ah ótimo. E é muito engraçado porque eu moro no Moca e as pessoas nunca sabem onde é o Moca em Goiânia né. Uma crítica, assim, a cultura da cidade, não só aos trabalhadores da Rádio. Porque as pessoas não sabem onde eu moro e todo mundo ,”mas onde você mora”, é sempre uma piada. Além de tudo é divertido porque eu tenho de ficar explicando onde eu moro, mas eu acho legal. E aí quando eles falam no rádio também é muito engraçado porque eles, às vezes, atropelam, mas é legal.

**17) Você já foi à Rádio, já participou de algum evento?**

Eu já fui na Rádio só pra pegar os ingressos, ir lá na Rádio, visitar a Rádio não.

**18) Participou de algum festival da Rádio?**

Não, inclusive porque esses festivais são novos. Eu não sei, eu vi um folder lá na Universidade Federal. Eu até tenho vontade de ir, mas eu não tive tempo.

**19) Se você pudesse escolher uma grade de programação, o que você colocaria lá?**

A primeira coisa que eu colocaria é um programa que eu não sei mais cadê, assim que ele sumiu. Aí eles falam que era pra apoio técnico, assim, que não tem

mais gente técnica pra fazer. Não sei se é isso, só sei que o Espírito da Música sumiu e era um dos programas, foi um dos programas que me fez ir pra lá, pra Rádio, conhecer a Rádio. O Espírito da Música. Era um programa muito legal feito pelo pessoal daqui, da Universidade, tinha uma outra proposta, umas músicas, eles escolhiam alguns cantores, assim, algum movimento dentro da música, vamos supor: vamos falar de rock progressivo e escolhia músicas pouco conhecidas e fazia esse programa assim. Tinha uma voz de fundo também que trazia algumas frases legais. Era um programa diferente, ele tinha um formato mais psicodélico. Eu acho. Bem mais subjetivo. Não tinha propaganda, não tinha nada disso, não ouvinte, não tinha... Era um programa diferente que eu sinto falta dele, que não tem mais. Ai depois eu colocaria a Agenda Universitária, porque eu acho fundamental, adoro isso. Depois eu colocaria o programa da manhã de músicas brasileiras, que eu acho ótimo. Adoro o programa da tarde do João Sobreira, acho aquele cara sensacional, o jeito que ele fala no rádio parece que tá falando com a gente aqui dentro de casa. Ele participa com a gente. Ele faz uns comentários críticos sobre a política, até sobre a loteria, sabe. Ele se coloca no programa, então isso traz o ouvinte mais perto da Rádio. Isso é bacana, acho ele um bom locutor, fico com programa dele também. Gosto dos clássicos, não tiraria, deixaria ele....é...é...ah...Gosto de Beatlemania, acho legal. Ah! Não tenho muito que reclamar não, eu to muito satisfeita. Eu só gostaria de ter o Espírito da Música de novo.

## **20) E assim, o que você gosta de fazer quando está nas horas de folga?**

Eu gosto de assistir curtas. Inclusive acho legal que parece que tá voltando esse negócio de cinema na Rádio, na Universidade Federal. Eu acho legal, porque parece que não funciona. Eu gosto curtas, eu não gosto do cinema popul... Do cinema no shopping. Eu acho muito caro, acho um absurdo, eu não vou. Eu me recuso a ir. Eu gosto de movimentos culturais, musicais, que não são muito caros assim. Eu gostaria de ir no show do Ney Matogrosso? Claro, eu não tenho grana, mas eu gostaria de ir, se não fosse tão caro eu iria. Lazer; adoro piscina, sempre que dá to tomando banho de piscina. Gosto de viajar, viajar pra casa de parentes, conhecer novos parentes. Quando eu viajo sozinho, eu gosto de ir pra um lugar mais tranquilo, não gosto de povão, muita gente, eventos lotados. Quer dizer, se for lotado depende. Se for um show, um show bacana, um show mais regional, o show

de rock and roll daqui, por exemplo. Não gosto de nada que seja muito comercial e popular, não vou em show de Axé, não vou nesses negócios que atrai multidões e dinheiro. Eu gosto da coisa que ela tenha um objetivo, sabe, que fosse incentivar a cultura regional, que for trazer uma música boa, de qualidade, que tenha um conteúdo interessante, que tenha uma sonoridade legal. Eu gosto disso, até pagaria caro pra ir. Já paguei demais, sempre fui, fui em vários festivais aqui em Goiânia. Eu não gosto do enlatado. Não gosto do enlatado mesmo. Não gosto daquele, do 'extremamente' propósito de vender, de lucro, não gosto desses eventos extremamente lucrativos, onde o objetivo final é o lucro. Me importa mais saber se há uma informação relevante ali naquele momento, se há uma preocupação de formação da pessoa também. Nem que seja pra relaxar. Cinema curtas, alguma coisa assim que tenha um conteúdo legal também.

### **21) Além da Faculdade você tem outras atividades?**

Tem. Eu tenho uma atividade que eu faço parte da Liga de Saúde Mental da Universidade Federal - faz parte da faculdade de medicina - tem várias ligas, aí essa da saúde mental ela recebe alunos de outros cursos, assim, da Psicologia e eu sou uma dos membros da Liga. Faço parte, deixa ver mais o que eu faço. Cuido de uma horta, que agora eu to plantando. É lá embaixo. Eu sou pesquisadora também. Faço estágio agora na área clínica. Eu acho que é isso.

### **22) Como você imagina o pessoal que trabalha lá na Rádio?**

Eu não imagino a galera que trabalha na Rádio. Não fico pensando. Eu penso que todo mundo é inteligente, crítico sei lá. Eu não fico pensando isso não. Eu não tenho uma impressão das pessoas da Rádio.

### **23) E de quem ouve a Rádio?**

Eu acho que, eu não penso nisso também não. Deixa eu pensar então. Como devem ser as pessoas da Rádio? Ah! Devem ser pessoas estudantes, assim como eu, submetidas a um coordenador, algum orientador. Como em algum lugar

qualquer, onde tem arquivo e a gente trabalha com texto. Deve ter problemas, deve ter coisas boas. Um ambiente de trabalho comum, como qualquer outro.

**24) Mas, por exemplo. Pelo que você ouve do programa do Sobreira. Ou de outros programas que você disse que gosta. Quando você ouve aquilo, o que vem na sua cabeça?**

Ahh. Tem um programa de Filosofia que eu adoro que eu esqueci que o cara é ótimo também. O programa chama Filosofia no Ar. Ele é ótimo. Parece que ele é peruano, não sei, tem um sotaque diferente, eu esqueci o nome dele agora. Mas faz um tempão que eu não assisto porque ele é bem de manhazinha e essa hora eu já sai de casa. Um programa de Filosofia imagina, cara, uma rádio que tem Filosofia. Enquanto a Filosofia tá brigando lá no Congresso em Brasília pra colocar a Filosofia nas escolas.

**25) O que você já ouviu que gostou nesse programa?**

Tudo. Sabe como que esse professor aborda as questões do cotidiano voltado pra alguém que está escutando. Não é uma aula pura de Filosofia, porque eu leio também filosofia, é diferente a linguagem. Ele consegue transpor isso pras pessoas. Ele faz uma crítica, por exemplo, do contexto atual. Se for o caso da Isabela, ele consegue pegar a filosofia, uma temática dessa agressividade, dessa violência, dessa banalidade, dentro da reação das pessoas e transformar isso pra uma linguagem acessível. O Sobreira eu acho legal porque ele se coloca. Você vê que tem uma pessoa viva ali. Mas é claro que tem uns programas também, vou ser honesta aqui, claro que tem uns programas que você percebe que a pessoa tá lendo o script, que ela é só aquilo né. É uma questão de formação mesmo, do indivíduo, das limitações, com a experiência a gente vai aperfeiçoando. Só que tem gente que você consegue sentir mais e tem gente que você consegue não sentir muito.

**26) Como que é isso: sentir mais, sentir muito?**

Eu acho que é por causa do desempenho, da desenvoltura. Porque rádio é um negócio que você não tá vendo a pessoa, tá é escutando. O Sobreira, quando

ele se coloca na Rádio, quando ele coloca a opinião dele, é legal porque você vê que humaniza a relação ouvinte e radialista. Agora quando você vê que tem um outro radialista que ele só tá lendo o script, que, às vezes ele fica até nervoso e atropela, é diferente de quando você vê um radialista errar e pedir desculpas. Então eu acho que, às vezes, falta nos programas da Rádio, nos radialistas de aceitar que tem alguém escutando e que você pode errar. O Sobreira leva na boa sabe, é mais natural, é espontaneidade, às vezes você vê que tem radialistas que não são espontâneos. E aí você se volta mais para a música, pro programa ter um enfoque, vai em cima da programação daquele programa. Mas é muito interessante você está dentro da sua casa, fazendo outra coisa, escutando música, uma música que você adora e de repente o comentarista vai dar um comentário e você ri sozinha. Você ri com ele e ele não tá aqui do seu lado. É muito legal isso.

## **27) Qual o público que você imagina da Rádio?**

Eu imagino um público totalmente variado assim. Eu não consigo pensar que as pessoas que escutam a Rádio sejam só como eu. Mesmo por causa das participações dos outros ouvintes. Às vezes você tá aqui e então tá, "vamos mandar um abraço pro ouvinte tal". Depende do programa. Dá pra saber o perfil do ouvinte, sim, depende do programa. Quando é o programa à noite, da sexta-feira mesmo, que é um programa extremamente regional, de violão essas coisas, você consegue ver que as participações são todas de pessoas mais velhas. As pessoas têm família, são casadas, tem filhos, tem avós. Tanto que quando eles mandam beijos e abraços: "ah, eu vou mandar um abraço pro meu amigo lá de num sei da onde". Então, assim, você já consegue ver que é um outro ambiente. O público é diferenciado. Agora, da Rádio de dia, no sábado, por exemplo, né, que tem umas programações de agenda. O que vai rolar em Goiânia no sábado, você consegue ver que as participações que ligam, não sei, eu acho que são pessoas mais jovens que vão pra balada. Eu imagino isso. Cada programa eu acho que tem um perfil. Agora deve ter gente como eu que escuta quase tudo. Não sei.

**APÊNDICE C – Entrevistado 03**

Neto – 23 anos - estudante de Engenharia da Computação

**1) Como você estava falando, como é a sua rotina, você tem aula todo dia até as seis horas?**

A maioria das vezes minha aula começa 7h10min até as 18h30min. Mas assim, eu tenho um intervalo, eu não tenho aula durante todo o dia. Tenho algumas aulas de manhã e algumas aulas à tarde.

**2) E você chega em casa por volta de que horas?**

Por volta das 20 horas.

**3) Que mais, como é sua rotina?**

Eu gosto muito de cinema. Quando eu não estou estudando, eu procuro alguma coisa, ou ir no cinema ou assistir algum filme.

**4) Que tipo de filme você gosta?**

Eu gosto de drama. Eu gosto muito de drama, gosto de filme leve, eu não gosto de filme de terror, aquele sofrimento. Gosto que conta uma historinha, assim, legal. Eu não gosto de final feliz, mas também não gosto de final triste. Eu gosto que acabe o filme assim.

**5) E o que você faz quando chega em casa?**

Normalmente, como eu chego por volta das 20h, normalmente eu tomo um banho, dou uma estudada, mas estudo pouco durante a semana à noite. No mais é dormir e descansar.

**6) E como você tem acesso de alguma coisa, quando você quer saber de alguma coisa, notícia, procurar alguma coisa que você tem interesse?**

Eu acesso muito o site do Diário da Manhã, o Goiasnet também, então assim, que eu tenho acesso a Internet. Então, eu procuro assim principalmente daqui da região né, da cidade. Vejo a programação de cinema, vejo o que tá acontecendo, às vezes teatro, no Cine Goiânia Ouro, que normalmente tem alguma coisa que tá passando. Então, eu acesso pra saber, esses são os mais usados. Além do rádio né.

**7) E televisão?**

Eu quase não assisto. Por eu gostar de futebol, eu assisto jogo de futebol. Programa de esporte, assim. Mas, jornal, novela, o restante da programação eu quase não vejo.

**8) E rádio?**

Rádio eu ouço muito. Eu ouço mais rádio do que vejo televisão.

**9) O que te interessa em rádio e o que o não te interessa em televisão. Que faz você escolher mais rádio?**

Não sei. A televisão ela me cansa mais. O fato de ficar olhando pra tela me cansa mais do que tá ouvindo rádio. Eu acho a rádio te descansa. Você ouvir só, eu acho que é mais confortável do que você está preso a concentração na televisão. Por exemplo, eu estudo ouvindo rádio. Eu estudo muito ouvindo a Rádio Universitária e eu não estudaria vendo a televisão. É impossível. Então a rádio é mais leve. Eu vejo assim, né. Por isso, é um dos motivos que me faz ouvir mais rádio do que ver televisão.

**10) Além da Rádio Universitária, você ouve outras rádios ou não?**

Ouçó. Ouço a rádio 730, a CBN. Durante a semana, eu ouço a CBN. À noite quando eu chego.

**11) O que você percebe em cada uma, o que você vê?**

Eu vejo a Rádio Universitária, ela meio fechada né. O público dela, ela não consegue abrir. Até porque ela não visa à audiência né, não sei. Mas até porque ela não visa à audiência, ela não tem uma influência da iniciativa privada. Não faz propaganda, assim, como as outras rádios fazem. A CBN já é diferente, assim, ela faz propaganda e tal. A 730 é totalmente voltada para o esporte, ela faz bastante propaganda. Eu vejo essa diferença.

**12) Como é ser fechada, assim?**

A programação, por exemplo, boa parte da programação da Rádio Universitária é de música clássica, fechado. Quase ninguém não gosta de música clássica, nem conhece. Então, assim, já fecha um pouco, já restringe um pouco a audiência. A própria programação, o restante da programação né.

**13) E qual programação que você ouve ali na Rádio que te interessa?**

Todo sábado eu ouço o Matéria Prima, que é da 13h às 18h. Eu ouço todo sábado, praticamente todo sábado, eu ligo, participo, peço música. Transmissão de jogos como eu já tinha te dito, eu ouço, às vezes eu ouço pela Rádio Universitária. Tô ali na 730, vou, dou uma passada ali, ouço um tempo numa, o tempo em outra.

**14) O que você acha das transmissões?**

Eu acho simples. Eu acho legal, cara. Porque é diferente né. Porque a 730 e outras rádios esportivas são profissionais, você nota que são profissionais do esporte. A Universitária não, ela é mais simples. As transmissões são mais simples, eu acho legal assim. Eu vejo a diferença e acho legal, interessante.

**15) E o Matéria-Prima, como que é?**

O Matéria-Prima é um programa das 13h às 18h. Eles te deixam por dentro da programação do final de semana, como ele é no sábado, ele fala o que ta passando ali, um filme que tá passando. Tem um filme que passou, uma peça de teatro que tá ali, que tá em cartaz. Então, ele te deixa atualizado, assim. Algumas coisas da UFG e assim, tem várias matérias. Parte de economia, alguma dica de economia que acontece, alguma dica de cinema de um filme, aí vai. Como ele é das 13h às 18h, três horas né, tem muita coisa, legal. E a música, você liga pede a música.

**16) Que tipo de música você ouve?**

Cara, eu já pedi Los Hermanos lá na Rádio, Adriana Calcanhoto...

**17) Você liga lá pedindo?**

Ligo. É legal essa participação, ta vendo. Por um lado ela é fechada, eu acho a programação fechada. Mas, por outro lado, por ser simples, ela te dá essa liberdade de poder ligar lá falar e tal. 'Ah, o Neto pediu a música tal, então vamos tocar', é legal, essa abertura é legal.

**18) Normalmente você liga assim pra qual?**

Normalmente eu ligo pro Matéria-Prima. Tem um outro programa que, se eu não me engano, ele passa sábado de manhã, que se chama Liberdade de Expressão. E ele é totalmente socialista né. É tipo um debate, assim, filosófico. Mas totalmente socialista. É legal, às vezes, eu ligo também. Mas eu participo mais do Matéria-Prima.

**19) No programa Liberdade de Expressão você liga pra fazer o que, pra falar da... Você liga pra que?**

Não. Quer ver. Não, eu acho que o Liberdade de Expressão eu não liguei, não.

**20) Como é esse programa ( Liberdade de Expressão) ?**

Ele tem poucas músicas, é bem menos música do que o Matéria-Prima. E assim, é um programa meio utópico, porque ele é contra o capitalismo. Ele fica criticando, os participantes ficam criticando o capitalismo.

**21) E o que você acha?**

Eu acho utópico, assim, eu acho. É válido o programa te fazer refletir. Mas, assim, sem nenhuma razão né.

**22) Como que é quando você liga? Eles te atendem, como que é?**

Atendem, claro, das vezes, todas as vezes que eu liguei atenderam sim. Eu pego e falo, “oh eu quero pedir tal música, eu quero participar do sorteio”. Normalmente sorteiam alguma coisa, normalmente é ingresso né.

**23) Você participa do sorteio?**

Participo, além de pedir a música né, que eles tocam. Eles colocam o meu nome pra participar do sorteio. Eu já ganhei várias coisas. Normalmente ingresso pra cinema. Já ganhei livro. Muito tempo atrás eu ganhei um livro.

**24) Como você descobriu a Rádio Universitária?**

Como eu sou uma pessoa que gosta muito de rádio, gosto muito de rádio né. Eu fui descobrindo as rádios né. Assim como na televisão você fica passando de canal quando você tá começando a ver, nas rádios também. Eu fui passando, fui experimentando, ‘ah essa aqui é legal’.

**25) E porque você parou assim, você ouviu a Rádio Universitária e...?**

Uma das primeiras vezes que eu ouvi a Rádio Universitária, eu ouvi música clássica. Eu achei legal, assim, “ah legal”, descansa. Aí eu passei a prestar mais

atenção não programação. O que será que essa rádio tem a mais né? Aí eu fui vendo, em horários diferentes durante o dia, durante a semana, durante o final de semana. Aí fui vendo as programações, o que tem de legal. Aí hoje como eu sei os programas, eu já ligo naquele horário que tá passando.

**26) Você conhece os programas?**

Alguns. Tem o Jornal das Seis, tem o Matéria-Prima, o Liberdade de Expressão, tem o Panorama, que é diariamente – acho que das 17h30min às 18h, se não me engano. Aí das 18h até as 18h30min é o Jornal das Seis. Aí das 18h30min às 19h é o programa de esporte, vem o noticiário dos times. É legal né. É meio que completo né.

**27) O que você gosta da Rádio assim, mais gosta?**

Eu gosto muito do esporte. Eu gosto muito de futebol, das transmissões.

**28) E qual a idéia que você tem das pessoas que trabalham lá na Rádio?**

Eu acho que a maioria são estudantes né. A maioria são estudantes da área de Jornalismo. Acho legal, eu gosto da simplicidade assim, da objetividade dela assim.

**29) Alguém mais aqui costuma ouvir a Rádio? Você mora com quem aqui?**

Minha mãe, meu pai e minha irmã. Meu pai de vez em quando, por gostar de futebol, ele acaba ouvindo. Como eu te falei passa pra 870, passa 730 e ele acaba ouvindo um pouco sim. Mas meu pai é o único que ouve aqui dentro de casa e ouve esporte. Normalmente minha irmã também ouve. Quando eu to ouvindo, ela ta por perto e acaba ouvindo também.

**30) Vocês têm algum diálogo sobre a Rádio, vocês conversam alguma coisa?**

Sim. Normalmente eu falo Janice, liga, pede música também, pra tá participando do sorteio. Ela participa também, de vez em quando ela participa. Inclusive eu falei

para ela, que o pessoal ia fazer uma entrevista comigo. Quer dizer, normalmente, eu converso com ela a respeito da Rádio também.

**31) Você conhece outras pessoas que ouvem a Rádio, amigos, parentes?**

Não. De cabeça agora eu não lembro não. Tem uma amiga, que talvez ela não ouça com uma frequência muito grande, mas ela conhece a Rádio.

**32) Como você sabe que ela ouve?**

Porque assim, teve uma vez que a gente saiu, no carro dela, ela colocou.

**33) Você lembra o que era no momento?**

Música clássica.

**34) O que você acha de música clássica?**

Eu não entendo, eu não sou uma pessoa com formação assim.

**35) Na hora você comentou com ela?**

Comentei. Foi iniciativa dela, ela que colocou na Rádio. Então, estava passando música clássica e ela deixou. Então, indica que ela gosta né, de música clássica.

**36) Você lembra alguma coisa inusitada, que tava passando, você consegue lembrar que ficou na sua cabeça, que você poderia contar pra mim?**

Uma vez, de inusitado assim que aconteceu. Uma vez eu pedi uma música de uma banda de rock chamada Queens, Queens of the Stone Age. E aí, assim, eu pedi porque vamos ver se vai ter né. Aí o cara me ligou, falou assim, com a maior educação do mundo, infelizmente a gente não tem a música dessa banda, você poderia escolher outra. Eu achei legal. Então, esse tipo de coisa é que provoca a

fidelidade né. Você diz, assim, não, vou ouvir de novo né. Aí eu pedi outra e ele tocou.

**37) Qual era o programa?**

O Matéria-Prima.

**38) Se você pudesse montar uma grade, escolher os programas, como seria?**

De mudar? O que eu mudaria? Complicado né. Eu colocaria menos música clássica. Eu tiraria um pouco de música clássica. Eu colocaria, assim, análise de livros. Escolheria um autor, um filósofo, sei lá, e analisasse. É complicado né, se a Rádio tem essa programação é porque tem um motivo também né. Eu já ouvi falar que a Escola de Música lá tem uma certa autoridade, é por isso que passa tanta música clássica.

**39) A Escola de Música? Onde você ouviu falar isso?**

É da direção da Escola de Música. Nem me lembro, cara. Alguém me falou, que a direção da Escola de Música, não sei, às vezes, é conversa fiada né.

**40) Alguma vez, você se lembra de ter sido contribuído por alguma informação dada pela Rádio?**

Não. Acho que não. É mais questão de informação mesmo né. Eu me lembro, uma vez que na, no Matéria-Prima tem um quadro de economia né, uma parte de economia. Assim, te deixa um pouco instruído, mas uma instrução, uma questão de informação. Mas não muda muito.

**40) Quando você começou a ouvir a Rádio?**

Ouvi antes de entrar na UFG. Por causa do esporte né. Como eu gosto de rádio e gosto de futebol eu acabei ouvindo, assim como eu ouço as outras. 730, CBN, Difusora, eu ouvi a 870 também.

**41) Quando você entrou na faculdade?**

Eu estou no sexto período né. Faz uns 3 anos. No final do semestre vai completar três anos. Mas, eu ouvia bem antes.

**42) Meu irmão trabalhou no Doutores uma época...**

Eu gosto do Doutores da Bola. É legal, assim, parece que alguns torcem pra um time, outros torcem pra outro. Cara, uma vez eles estavam falando, não sei se a menina torcia pro Palmeiras, não sei, mas deixou transparecer isso. Ela tava falando mal do Corinthians. Eu lembro que o Corinthians estava disputando rebaixamento e o time estava recuperando. Mas, você sentia assim, pela discussão, pelo debate que há uma certa parcialidade pelo fato da pessoa torcer pelo time né. Mas, assim, nada que afete a qualidade do programa.

**43) E nas outras rádios, como é isso?**

É parecido também. O cara torce por um time, infelizmente né. O cara que torce por um time ele vai puxar a sardinha pro time dele. Apesar de ser profissional.

**44) Se você tivesse puxaria pro Vila Nova ?**

Puxaria um pouquinho né. Eu acho errado né cara, o cara é profissional. Deveria ser mais isento. Mais imparcial.

**45) Como você imagina as pessoas que apresentam nesses programas que você ouve?**

Assim, pela voz você sempre imagina a pessoa jovem. Conseqüentemente você imagina estudantes, que a maioria acho que são da sua área, área de Jornalismo.

**46) Quem você acha que ouve a Rádio?**

Eu acho que a maioria são estudantes.

**47) Por quê?**

Porque primeiro é uma rádio ligada à Universidade né. É uma rádio da Universidade, na verdade. É uma rádio totalmente ligada à UFG. Então, eu acho que a maioria é o pessoal da UFG mesmo. Pessoal da turma de Jornalismo, a pessoa que tá ali da área. Acho que é isso. E quem admira música clássica, estudante de música, por exemplo.

**48) Quais os programas que você ouve, além do Matéria-Prima e Doutores?**

É o Liberdade de Expressão, apesar de não gostar muito, mas eu ouço sábado de manhã.

**49) Do que você não gosta nele?**

Eu não... Da filosofia né. Eu acho muito sem prática. É uma reflexão válida, apesar de não concordar, mas eu ouço.

**50) Que mais?**

O Matéria-Prima, esse Liberdade de Expressão. O Jornal das Seis, o Panorama. Acho que só e as transmissões de futebol.

**51) O que você mais gosta dentro do Jornal das Seis.**

O Jornal das Seis ele traz muita notícia daqui, da região. Ele traz muita notícia do Estado de Goiás.

**52) Que tipo de notícia?**

Política. Questão de economia mesmo. A questão do aumento do ônibus, esse aumento recente, eu fiquei sabendo pelo jornal das Seis. Foi assim, meio que de primeira-mão. Não tinha saído na televisão e o pessoal antecipou. Apesar de que em outros lugares também estava falando, mas eu fiquei sabendo pelo Jornal das Seis, esse último aumento do ônibus. Então é isso, eu gosto, é leve a programação.

## **APÊNDICE D – Entrevistado 04**

Chico Aafa – 54 anos - músico

### **1) Que tipo de rádio você ouve?**

Olha eu ouço a RBC até porque toca as minhas músicas lá. Eu ouviria a Executiva. Agora eu não tenho tempo pra ouvir tantas né.

### **2) Como é sua rotina, Chico?**

Geralmente pra ouvir rádio mais é à noite. Aí eu acho bom porque a Universitária agora tá, depois que ela sai do ar, ela entra em cadeia com a Rádio MEC. Aí só tem música clássica toda vida, aí não tem muita informação. Quando é a Universitária ela a música clássica é pouca, parece que só tem o programa da Fernanda, meio dia, e a noite nem tem mais porque ela já entra em cadeia, porque tinha à noite. Aí o resto é música popular, muita informação e sempre que eu to em casa eu ouço baixinho a Universitária ou então a RBC, até pra ficar assim acompanhando , vê se eles estão programando alguma coisa, onde que eu posso ligar. De vez em quando eu ligo lá nelas e falo, ah isso aí que vocês falaram não é bem assim não, isso ai foi um equívoco e tal. É sempre assim. Televisão eu vejo um pouquinho também, mais os telejornais.

### **3) E que tipo de equívocos, assim, você ta falando?**

Anunciar nome de compositor trocado, uma vez anunciaram uma música minha, chama Cantiga para o Menestrel. Aí o disco foi só com músicas minhas quem produziu foi o Ney Couteiro, que é esposo da Sabah Morais, que é uma cantora. E a Sabah Morais participa do disco com duas outras músicas. Ai terminou: “Chico Aafa, Cantiga para o Menestrel de Ney Couteiro e Sabah Morais” (risos). Eu falei tá certo uai.

#### **4) Aí como você agiu?**

Aí eu liguei lá falei: olha, alguma coisa, confundiram ai, acho que não pegaram o encarte porque trocaram tudo aí (risos).

#### **5) E como que foi, o que eles falaram?**

Aí eles corrigem e agora eles estão assim muito certinhos eu tenho notado. Não só com meu trabalho, mas com os outros que vão divulgar. Bem em cima, né. Uma coisa, assim, que eles erram muito lá na Universitária, principalmente lá. O primeiro disco do Lucas Faria ele gravou com a participação do Luis Augusto e do Amaury Garcia – inclusive Aragem que foi a mais tocada é do Lucas e do Juraildes. Aí o que acontece, o disco é do Lucas, só quem canta é o Luis Augusto e o Amaury Garcia. “A aragem fresca da manhã, Dalia”. Aí termina de cantar, a locutora entra, o locutor é: Lucas Faria, Aragem (Risos). A música quem cantou foi o Amaury e o Luis Augusto, uai. Sabe, então, é falta de atenção do programador. Então, o programador pega o disco do Lucas, aí ele não olha quem ta participando, quem vai cantar aquela faixa. Ele põe lá: Lucas Faria, Aragem. E pronto, manda pra lá.

#### **6) Tem tempo que você toca Chico?**

Desde 1972.

#### **7) MPB?**

É MPB.

#### **8) Além de música, o que mais você gosta de fazer, de entrar em contato quando você liga a Rádio Universitária?**

Eu gosto muito de notícias no campo da Ciência, no campo da Geografia. Eu observo muito em São Paulo se preocupa muito com a previsão do tempo. Aqui eles se preocupam muito pouco, eles têm um modelinho e repetem esse modelo. Então a falha é o seguinte: eles pegam o modelo – devem, hoje em dia, devem até pegar na

Internet – aí tá, pegam o modelo pra amanhã. Aí quando amanhece, amanhã, o modelo tá pronto, mas eles não têm o cuidado de verificar o céu. Então, eles falam assim: Goiânia terá hoje céu claro, temperatura entre 18 e 30 graus. Só que, na verdade, quando eles falam isso já tá chovendo, entendeu, tá tudo encoberto. Mas como o modelo tá pronto, eles não têm esse cuidado de corrigir, isso que eu acho um equívoco no rádio, não pode deixar acontecer. Já em São Paulo, o boletim do tempo é feito ao vivo, eles têm um radialista que fala lá do Instituto de Meteorologia, entra em cadeia com ele, transmite e fala naquela hora. É assim, assim assado, vai cair uma chuvinha assim, assado, a previsão é de que mais tarde vai ter temporal. Em Goiânia não tem isso, talvez até pelo tempo estável que nós temos né, não tem.

**9) Essa previsão do tempo que você está falando, desse modelinho é de qual emissora?**

Olha, por incrível que pareça todas têm esse modelo. Você vê na televisão Anhanguera, no Jackson Abrão, na previsão do tempo. Aí você corre e liga na RBC e tá a mesminha, o mesmo modelo.

**10) Tem ele na Rádio Universitária ?**

Na Rádio Universitária hoje em dia não tem mais, não. Tinha num programa a muito tempo do Farid Abreu que era diário, hoje esse programa dele é só aos domingos. Toda vez às seis horas da manhã tinha esse programa e ele dava esse programa do modelo, né. Hoje não, hoje a Universitária entra lá – eu acho que duas vezes por dia – com a previsão do tempo, mas ela fala o modelo e entra em cadeia com a moça lá de Brasília, aí essa moça de Brasília vai falar no tempo no País , aí fala inclusive no Centro-Oeste, mas aí ela fala ao vivo né.

**11) Quais programas você costuma ouvir na Rádio, poderia falar um pouco deles?**

Música para Todos e Brasileiríssimas são os programas de Música Popular né. Sábado eu ouço o Matéria-Prima quando to em casa. Agora é muito difícil, por exemplo, na Universitária tem o Matinê, do Rodrigo, que é às 16h30min, depois do

Música para Todos, fala de cinema. Mas o Rodrigo, para mim, ele comete um equívoco, (risos) ele vai fazer um programa de música de cinema, só que há uma diferença entre música de cinema e entre música que toca no cinema. A música de cinema é aquela feita pra cinema e a música que toca o produtor pega uma música de sucesso e insere na trilha sonora. Aí o Rodrigo toca mais estas músicas badaladas, que foram inseridas no filme, enê filmes que têm por aí. Agora se você pega um Ennio Morricone, não, ele escreve pro cinema, ele faz a coisa de encomenda, inclusive eu sei de história que ele teve de fazer vários temas pra o produtor escolher o que ele gostou.

## **12) E o Rodrigo fala o que, assim, sobre o direcionamento do programa dele?**

Ele dá as novidades do momento do cinema. Aí fala da trilha sonora do filme que ele resolve destacar. Geralmente ele toca a mesma trilha sonora no programa todo. Umás duas vezes ele tocou Ennio Morricone, aí ele pegou do filme A Missão e tocou todinha. Aí depois ele pegou um filme antigo que foi a Noviça Rebelde, que é aquela bem original. Foi uma das poucas vezes que eu acho que ele acertou. No mais ele pega, assim, essas coisas que o conjunto Aba que foi utilizado em trilha sonora, ou então a Madonna, ou então uns rocks pesados aí que foram utilizados em trilha sonora e toca. Aí você quer ouvir música de cinema, não, você ouve o que você já ouve em tudo quanto é coisa. Então, eu acho assim, que quando você se propõe a fazer um programa de música de cinema tem que se diferenciar. Mas não é só ele não, você chega na RBC e tá lá o Cláudio Vespar com a Música Maravilhosa do Cinema, que é a mesma coisa. Aí toca esses blues que você está acostumado a ouvir e ele toca como um tema de filme. Porque o produtor inseriu no filme aí é tema de filme, tá aqui oh. Aí você fica esperando aqueles temas de filme que é interessante de você ouvir né, aquelas coisas específicas pra cinema mesmo, você não ouve. Até porque, se eles tocassem já cairia um pouco pro erudito né, porque eles usam muita orquestra nos temas de filme e percussão. Então é isso o que eu acho que falta no rádio assim, essa coisa de direcionar mais. Porque ele pensa assim, não tem que tocar o que o povo gosta, ora bolas, mas isso aí que ele tá tocando já toca na programação, não tem que repetir dentro de um programa de cinema, não. Porque já toca.

### **13) Direcionar pra onde, quando você fala assim?**

Por exemplo, ele vai fazer um programa de cinema, então que se direcione a programação pra cinema mesmo – tocar músicas de cinema. O cara vai fazer um programa de música sertaneja aí ele não direciona, ele toca o que a mídia impõe. Por exemplo, a mídia chama o Rick e Renner de sertanejo, só que ele tá gravando funk. Aí eles tocam dentro da música sertaneja. Então, falta direcionamento. Porque, porque o povo gosta, é isso que vende, então, o ouvinte que se lixe. Agora é pouca gente também que tem essa exigência, a maioria das pessoas tá nem aí, quer é ouvir né.

### **14) Você falou do Musica para todos, Brasileiríssimas e o Matéria-Prima. O que você gosta e o que não admira nesses programas?**

O que eu gosto é porque em se tratando da Rádio Universitária toca coisas que você não vê em lugar nenhum, eles não têm essa preocupação: “ah, eu não vou tocar isso aqui porque não é comercial, é muito bonito, mas não é pra tocar no rádio”. Eles não têm isso. O programador quando acha, inclusive tem lá o Fernando Leite que toca cada coisa, rapaz, que arranca lá do fundo do baú, ao mesmo tempo ele toca coisas de agora né, que se faz agora. Então, eu acho essa variedade fantástica porque surpreende a gente. Eu passei um tempo ouvindo a Rádio Brasil Central, o programa que tem Cidade em Movimento, porque eu resolvi botar as pessoas pra ligarem lá pra tocar minha música. Aí eu percebi o seguinte, durante um ano que eu ouvi esse programa é as mesmas músicas que tocam, parece que eu uma coisa assim comprada: “ah você tem que tocar essa música tantas vezes”, as mesminhas, incrível. Ai você vai ouvir um Brasileiríssimas, você vai ouvir um Música para Todos, você não tem essa preocupação. Lógico que todo programador tem seu gosto, então você já percebe isso que ele é viciado naquela linha de repertório, mas mesmo assim ele consegue variar, ele consegue sair da linha. Então, é isso que eu acho interessante, é a surpresa. Já talvez, um professor de radialismo vai dizer assim, você tem que tocar aquilo que ta na cabeça do ouvinte. Tá, mas e a música nova como que você vai fazer? Porque não tá na cabeça do ouvinte, você tem que tocar primeiro. Então, fica assim eu não toco essa música porque o ouvinte não

conhece, aí o ouvinte não conhece essa música porque o rádio não toca. Ela fica desse jeito ( risos).

### **15) Como você imagina o ouvinte da Rádio Universitária?**

A bom, o ouvinte da Rádio Universitária são essas pessoas que realmente quer alguma coisa diferente. Geralmente o pessoal da própria Universidade, estudante que pesquisa. Geralmente são artistas, eu conheço vários artistas, artistas plásticos que tão lá fazendo o seu quadro ou esculpindo sua peça e o radinho está na Universitária. Geralmente um radinho simples que ta ali na Universitária, descompromissadamente tá ali. Um poeta, um escritor, geralmente ta o escritor. Hoje em dia com a Internet, o escritor já usa o computador, então ele já acessa alguma coisa na Internet. Mas aí a Universitária tá também na Internet né, aí acessa.

### **16) Você conhece pessoas que ouvem?**

Conheço. Eu conheço muita gente boa que ouve a Universitária. É, esses dias, eu me surpreendi quando a Maria Augusta Calado ligou lá na Universitária. Quer dizer, pessoa, Maria Augusta Calado, apesar do nome Calado né (risos), é uma grande cantora lírica e tava lá ligada.

### **17) E você conversa com essas pessoas sobre a Rádio, já chegou a comentar alguma coisa?**

Já. E até chato isso porque sempre as pessoas cobram: “ah, a Universitária já foi melhor”. São essas pessoas que a gente encontra, “e aí ta ouvindo muito a Universitária?”. “Ah to ouvindo, mas a Universitária já foi melhor, ela ta tocando muito rock” (risos).

### **18) “E antes era melhor”, porque elas acham isso?**

É porque tocava mais música erudita né. E esse pessoal da arte, escritor, poeta, o pintor, geralmente ele é mais voltado a despertar a sensibilidade e a se inspirar. E nada melhor do que a música erudita, ele busca na música erudita essa fonte de

inspiração. Aí ele ouvia a Universitária porque tocava muito né. Agora diminuiu, tem só o programa da Fernanda – a não ser domingo que fica direto na Rádio MEC. Eu acho que por problema técnico deles não tá tendo jeito do técnico ficar o tempo todo aí joga em cadeia, é bom também (risos). Aí o que acontece, tem lá o Doutores da Bola, que transmite esporte, agora veja só, eu sei que aquilo lá é só um laboratório porque poxa, nessa hora, existe tudo quanto é emissora de AM transmitindo futebol. Ai eu fico pensando, quem é que vai ouvir a Universitária? Bom, os parentes dos meninos que estão lá né, fazendo esse laboratório deles. Aí eles vão pro campo, eu ouço porque sou curioso. Deixa eu ver como essa galera está se saindo aqui. De vez em quando eu ponho lá.

### **19) E como que se sai?**

Ah, mas aí você vê cada coisa que você morre de rir né. Aí você põe na outra emissora aí sai aquele lance fantástico do futebol que o locutor falta é dar a alma para transmitir aquilo. Aí você pula na Universitária, aí eles estão falando em câmera lenta né. Fica engraçado isso. Eles falam futebol, assim, em câmera lenta. Eu fico pensando, deve ser mesmo só pra aproveitar o momento para motivar os meninos a fazerem esse trabalho que eles vão ter que fazer né, porque não tem como competir com a 730, com a própria CBN, com a própria Brasil Central, tudo transmitindo futebol, tudo. Aí fica a Universitária no meio. Mas de repente deve ter algum doido, igual eu assim, que bota lá pra escutar.

### **20) Como seria pra você uma programação boa da Rádio Universitária? Se você pudesse montar uma grade de programação, assim.**

Se eu pudesse montar uma programação eu faria uma que vasculhasse a nossa música brasileira. Criaria um nome né. Por exemplo, nos temos no Maranhão a Toada de Boi, a gente não ouve aqui. Nós temos em Pernambuco o frevo. Nós temos no Ceará mais o forró né. Temos na Bahia o axé, que eles chamam de axé. Temos no Pará o Carimbó e assim vai. Então, eu criaria um programa que resgatasse tudo isso, alguma coisa tipo o Universo Brasileiro ou Universo da Música Brasileira, alguma coisa assim que resgatasse. De repente jogasse lá a chula que é muito usada no Rio Grande do Sul. A moda de viola, que é muito usada em Minas,

São Paulo e até aqui em Goiás né. Alguma coisa assim, nesse sentido. Eu acho que seria um programa interessante e informativo, que contasse a história disso. Por exemplo, na hora que for tocar o Papete, agora seria um programa mesmo, uma grade igual você falou, porque se soltar isso na programação o ouvinte nunca vai saber a hora, ah eu não sei se vou ouvir hoje. Mas se você tem alguma coisa assim, uma grade pronta, você sabe a hora, eu vou ouvir esse programa porque sei que nesse eu vou ouvir essas coisas. Aí, quando fosse tocar o Papete falasse: música utilizada nas festas do Bumba meu Boi que acontece no Maranhão, a trilha sonora desta festa é o maracatu, mais conhecido como toada de boi e assim vai né. Aí quando fosse a vez do carimbo a mesma coisa. Aí seria uma coisa bem mais informativa. Agora eu sinto que o programador ele fica um tanto acomodado, quer dizer, ele pega o disco, lê o nome da música, programa e joga pra lá e pega outro. Aí ta faltando o que, pesquisar né. Pega aquela música, tem uma música temática como essas que eu falei e ir a fundo, pesquisar. Igual uma vez eu estive lá na Rádio Universitária, sentei com a Geni, porque no meu CD tem uma dessas toada de boi. Aí pedi pra Geni, que ela tinha um programa que falava mais ou menos isso que eu to falando aqui. Aí eu falei: “Geni, pega essa toada de boi, ela foi feita em protesto contra a farra do boi em Santa Catarina e eu queria que você programasse pra sair no dia da Sexta-feira Santa, porque ela chama Boi da Sexta-feira Santa. Aí ela fez direitinho. Fez o boletinho, direitinho, informativo. Mas é isso que falta, quer dizer, como eu fui lá e sugeri ela foi atrás. Mas ai cabe as pessoas fazerem isso.

## **21) Como é sua participação na Rádio? Você já foi lá, já ligou. Como se dá?**

É eu chego lá e sento lá na sala deles, na sala de programação e dou as idéias. Eles me ouvem com muita atenção. No tempo da Fernanda eu ia lá pra sala da Fernanda, a gente ouvia disco junto lá. “Oh Fernanda, eu tava pensando porque você não programa a música assim, assado”. ‘Vamos ouvir’. Aí vai lá pega o disco, ouve, a gente ouve junto. “Ah é interessante, eu vou por”. Eu sempre tenho essa influência com eles lá, porque eu sou ouvinte da Universitária há muito tempo mesmo. Quando eu cheguei em Goiânia, na verdade ela começou em 67 a Universitária, a gente começou a pegar ela no rádio, mas o projeto já existe bem antes. Desde 67 eu ouço a Universitária.

**22) Como você a conheceu, conta um pouco da sua história?**

É eu vim do Maranhão, morei no Maranhão, vim pra cá. Aí mexendo no rádio parei naquela música diferente, entendeu.

**23) Você lembra que música era?**

Lembro, era música erudita. Ela tocava o dia todo nessa época. Aí tinha uma voz assim bem formal, uma coisa assim parecendo a FM né. Aí nem era Universitária, Rádio da Universidade Federal de Goiás, 'estamos apresentando seleção de música erudita' (risos). Uma coisa assim bem formal. Hoje não, o locutor já conversa com ouvinte assim, fala informalmente assim, mas era aquela coisa, sabe, que você tinha até medo de ter acesso. Ah, eu não vou nesse lugar não, poxa, quem sou eu pra conversar com esse povo. Aí tinha um programa lá, depois, de um rapaz lá o Jota Tormin, tinha um programa, às cinco da tarde, que era um programa filosófico, poético, chamava Mensagem. Aí ele intercalava com músicas de cinema, trechos de músicas eruditas, músicas da MPB, ele fazia uma salada nesse programa. Aí uma vez eu fui visitá-lo, aí fiquei conhecendo todo mundo da equipe da Rádio Universitária. A partir de então, eu fiquei amiguinho deles né. Sempre quando eu posso, eu dou a minha contribuição e, quando eu preciso, eles também contribuem comigo divulgando as coisas que eu vou fazer, as apresentações e é nossa relação.

**24) Que época você veio pra cá?**

Eu vim pra cá em 64. Eu comecei a ouvir a Universitária em 67.

**25) De lá pra cá o que você percebeu na Rádio durante esse trajeto todo?**

Mudou muito. Ela passou muito tempo fora do ar, ela pegou fogo uma vez. Mudou muito, tinha esse programa mesmo que eu falei, o Mensagem

**26) O que mudou?**

Mudou porque é... Era mais voltado pra questão universitária. Hoje ela ta mais comunitária. Então ela mudou nesse aspecto, ela era mais elitizada mesmo. Só universitário é quem entendia a Rádio Universitária. Hoje ela ta mais comunitária.

**27) E o que você acha disso?**

Eu acho que é uma tendência porque, não só a Universitária, mas a comunicação através da Internet, a tendência é essa mesmo, se misturar e chegar perto do povo. Então, de repente, o povo, a comunidade não tem mais essa, você vê que antes era status. O cidadão fala assim: eu sou um universitário né. Hoje não, até com a proliferação de Universidades que existe todo mundo é universitário ( risos). Porque de primeiro só existia a Universidade Pública era difícil de passar né. Então ai, até talvez acompanhando isso, a Universitária se tornou assim mais comunitária mesmo. Não deixa de ser positivo, agora pros conservadores é lógico que você vai chiar um pouco né, porque você perde um pouco a qualidade, porque você tem que se aproximar mais da compreensão popular né. E antes eles faziam uma rádio mais pra uma pessoa assim já mais cabeça. Tocavam músicas que, assim pra você entender, tinha que pensar muito na letra do cara que tava cantando né. Aí tocava os Caetano Veloso da época, que também se rendeu, né. Caetano Veloso quando começou nessa década de 70 era uma coisa. Hoje em dia ele canta o Peninha, canta até o Xau, ele andou cantando aí no negócio do filme, dos Filhos de Francisco. Ele gravou lá uma música que foi utilizada na trilha sonora. Canta Odair José, quer dizer o Caetano Veloso resolveu apelar agora.

**28) Qual a visão que você tem dos apresentadores do programa?**

Hoje o que eu sinto é assim, há uma tendência de cada vez mais o locutor falar gritando. Na Universitária não, a Universitária tem pouca gente falando: tem de manhã a Geni, com as participações da Maria Olina que vem dar os informes né. Na hora em que solta a vinhetinha; 'Universitária informa', aí vem lá a Maria Olina. No mais é a Geni certinha gravada da programação, da programação gravada. E à tarde tem a Francis ou Sobreira. Eles falam tranquilamente, conversando, sem

aquela preocupação de falar a palavra certinha sem escapar uma letra. Já o Sobreira, tem essa preocupação, mas aí ele fala assim como se estivesse na casa dele, assim lentamente, o Sobreira fala uma palavra e aí ele busca, assim, a outra palavra para encaixar com aquela palavra (risos). Mas aí sai certinho, mas sai ótimo, é agradável de ouvir. Muito bom. Você sente que tem uma pessoa que é igual a você que está falando. Aí você passa pra Rádio MEC, continua até hoje aquela voz formal que a Universitária tinha antigamente, porque a Rádio MEC é uma instituição e eles não abrem, é aquilo lá o dia todo. Você vê que é música erudita o dia todo. O locutor entra e é aquela coisa bem formal: Beethoven, não sei o que, não sei o que mais. Aí ele tem que saber falar o idioma, porque aí você vai falar alemão, vai falar inglês, vai falar francês, tem que saber bem. Aqui na nossa Rádio Universitária, de repente o locutor chega numa palavra e fala assim; “oh! Vocês entenderam isso que eu falei, porque eu também não entendi, não” (risos). Quer dizer, fica bem, bem informal né. (risos).

**29) Você já ouviu algo na Rádio, assim, que você ficou informado, alguma coisa que você ouviu e mudou sua concepção?**

Ah, a gente sempre ouve alguma coisa assim. Eu não lembro exatamente não, mas sempre... Na Universitária o programa que eu falei do Tormin, o Mensagem, eu ouvia todos os dias. Ele mudou muito, até minha visão religiosa de ver as coisas. Hoje em dia eu não pertencço a nenhuma religião e não deixo de ter religiosidade graças a esse programa, o Mensagem.

**30) Como era esse programa?**

Era uma programa que ele falava crônica, pensamentos curtos, pensamentos de escritores de escritores famosos. Um pensamento que ele fala assim oh, eu lembro, esse eu decorei. Ele fala assim: “um amigo de Pitágoras, aliás, Pitágoras disse a um amigo seu que não há diferença nenhuma entre a vida e a morte. E o amigo de Pitágoras, então, perguntou, então porque tu não te matas. Pitágoras responde, exatamente porque não há diferença”. Quer dizer, isso é pra você ficar pensando né. É filosofia. Aí esse tipo de programa eu gosto muito, aí eu ouvia sempre. Ele mudou muito a minha formação. Antes, minha família é de formação católica, essa coisa ah

é pecado. Hoje em dia eu não tenho religião não. Eu aceito assim a teoria da reencarnação, a teoria Alan Kardec, que foi um grande estudioso, um decodificador do espiritismo, essa coisa toda. Mas assim, sem aquela carolice. Porque, por causa dessas reflexões. Então, eu acho que tudo há um momento pra você não embarcar, mas sim pra você olhar e ver o que é bom e, de repente, ficar sempre com uma carta na manga. E se não for isso mesmo, bom eu não posso me deixar levar, na verdade eu tô aqui hoje, amanhã eu não sei onde estou. Então, hoje eu tenho essa concepção, acredito no Ser supremo, então, por isso eu digo que tenho religiosidade. Não digo que tenho religião, porque não pertencço a nenhuma dessas congregações. Respeito todas. Eu tenho irmãos evangélicos, irmãs espíritas, minha família é católica.

**31) Aqui na sua casa quem mais ouve rádio?**

A minha esposa. Quando eu to ouvindo ela ouve.

**32) E quando você não está ouvindo?**

Aí ela não é muito de ouvir rádio não, ela vai pro computador. Eu acho que ela nem ouvia rádio, hoje ela ouve rádio por causa de mim. Ela não é muito de rádio não. Quando ela quer se divertir ela vai pra tevê, um DVD, alguma coisa assim.

**33) Você conversa com sua esposa, como é a relação no espaço da casa quando vocês estão ouvindo a Rádio? Conta um situação, uma historinha de quando você estava ouvindo, algo que vocês conversaram.**

É muito bom, ela acompanha direitinho. O que é interessante que a gente sempre ri. A gente tá ouvindo alguma coisa. Aí vamos ligar lá pra falar que isso aí que ele falou não é isso. Aí de repente eu ligo lá. Depois que eu ligo, a pessoa pergunta quem é que falou, eu digo o Chico Aafa. Depois que eu desligo aí a pessoa fala, geralmente a pessoa fala no rádio. Seja o Sobreira, seja a Francis, fala no rádio. “Ah, o Chico Aafa ligou assim, assado” e vai falando e vai puxando né. Aí a gente fala que se você quiser aparecer no rádio é só ligar lá pra dar uma sugestão. Aí a gente ouve muito isso. Aí, de repente, à noite assim, “vamos ouvir o Sobreira” –

ele tem um programa à noite chamado Universitária em Seresta – “vamos ouvir o Sobreira, é tão bom ouvir o Sobreira, ele conta aquelas coisas dele, aquelas amarguras dele, mas de um jeito tão engraçado. Ele mesmo acha graça das peripécias que ele passa tal”. A gente liga lá e fica ouvindo... E à tardinha tem os meninos lá no Panorama. De vez em quando eu ouço quando eu estou em casa também.

### **34) Como você avalia o Panorama?**

Bom. São estagiários também. É um programa terceirizado. Assim, eles não são funcionários da Rádio. Mas eles têm aquele horário lá e chega lá com a programação pronta. Até a primeira vez que você me ligou, eu estava ouvindo, eles estavam entrevistando o Arnaldo Freire. Até muito bom, eles levam... Já me entrevistaram uma vez lá, na época do Goiânia Canto de Ouro. A menina ligou aí, não sei se foi a Marcela. Ligou aí e me colocou no ar pelo telefone. Perguntando a respeito do projeto Goiânia Canto de Ouro.

## **APÊNDICE E – Entrevistado 05**

Divino Rabelo – 63 anos – comerciante e calígrafo

**1) Antes de ser entrevistado, o ouvinte 05 veio me perguntando sobre o significado da expressão Jornalismo Independente da Rádio Universitária. Questionado pelo motivo da pergunta e o que ele achava, comentou:**

Para que ela ajude contribuir assim com as coisas que acontece, lavagens de dinheiro, essa trapaças pelo Brasil a fora ou pelo nosso Goiás. Então, por isso que eu perguntei. Uma espécie de uma outra rádio que tem em Goiânia, tem uma aqui que é um jornalismo sério, qualquer coisa que está errada ela chama atenção da autoridade, bate pesado. Isso que eu queria saber se é realmente o caso da Rádio Universitária, por isso que eles fazem jornalismo independente. Por isso eu estava perguntando.

**2) O que você pensava quando ouvia isso?**

Assim, um jornalismo independente que, às vezes, pode levar qualquer crítica para alguma coisa que tá errado na sociedade. Então, por isso que vem essa palavra, jornalismo independente, eu pensei que fosse assim.

**3) Quais programas da Rádio que você costuma escutar**

Eu gosto mais de escutar esses programas de música erudita, inclusive aquele programa noturno que tem os Clássicos na Madrugada, admiro demais programa, eu gosto de mais. Inclusive, agora, colocou em cadeia com a Rádio MEC, ficou bacana que a gente ouve as músicas bonitinhas assim. Muito bacana mesmo, eu gosto demais daquele programa que tem à noite. Principalmente os concertos músicas, eu acho lindo pra caramba. Tem um programa também, à noite, parece que é ao vivo né, isso que é o mais importante, João Sobreira Rocha, muito bom aquele programa dele. Esse que você tava perguntando, o primeiro, é os Clássicos na Madrugada, roda aquelas músicas assim, música de concerto, aqueles

intérpretes antigo né, acho muito bonito aquilo. E principalmente, bem de madrugada, roda uns negócios muito bonito que eu acho, através da Rádio Universitária, que é em cadeia com a Rádio MEC. Acho muito lindo esse programa. Agora, outra coisa, eu acho que a Rádio Universitária deveria expandir mais os programas, pelo menos durante dia, ao vivo. Esse negócio de rádio que é só o programa gravado parece que fica muito light, muito assim sem aquele calor humano. Acho que isso ai é importante demais se ela fosse difundir mais assim o programa ao vivo na programação. Inclusive, também, de ligação direta com ouvinte assim, telefones assim. Até mesmo se for o caso de concorrer prêmios, tudo mais, que incentive muito o ouvinte e tem muitas coisas que às vezes o ouvinte tem, assim, a questionar sobre a Rádio e não tem jeito de falar, porque a Rádio não ta em contato com ouvinte, assim, no telefone. Isso é importante demais.

#### **4) O senhor já ligou pra Rádio?**

Ah, já falei lá umas certas vezes, mas só que por enquanto parece que não funcionou ainda, não veio, assim, colocar na prática isso que eu estou te falando agora.

#### **5) E como que seriam esses programas ao vivo?**

Muito bem. Pra começar de cedo, de manhã seria importante ter um programa ao vivo ou, então, pode ser um pouco gravado, mas músicas sertanejas, que é lindo demais, músicas sertanejas, aquelas músicas de raízes né. Sobretudo a Rádio Universitária que é uma rádio, como que diz, exemplar né. Então, achei importante demais que fosse um programa de música sertaneja e também um programa de música ao vivo. E parece que já existe, fiquei sabendo que existe um programa sertanejo aos domingos, mas podia ter também nos dias úteis da semana, sertanejo né. Seria importante demais ter isso ai, ou, então, de música popular também, mas que fosse, assim, ao vivo. É locução ao vivo e para que o ouvinte participe através de telefonemas e tudo mais, participar, assim, no ar né. Isso são coisas que eu até gostaria de acentuar ai, pra deixar até gravado isso aí pra levar a conhecimento deles lá, da direção, ver se melhora mais nesse sentido ai.

**6) Você lembra algum programa em especial, que ficou na sua memória?**

Antes tinha um programa sertanejo de manhã, eu esqueci o nome do locutor, animado até, mas só que ele acabou, porque não ta mais existindo, parece que saiu do ar, não sei por que, não lembro o nome do locutor dele, mas tinha sim na parte da manhã, acho que 6 horas, um programa sertanejo. Agora, não sei por que razão mudou, seria importante que se retornasse esse programa.

**7) Como você conheceu, como você soube pela primeira vez da Rádio?**

Rapaz, eu sou ouvinte já antigo da Rádio Universitária. Pra você ter uma idéia, inclusive, quando ela já funcionava por volta ali dos anos 70 e poucos, ali na Alameda Botafogo, ali perto da Avenida Universitária, na época lá o senhor Francisco José Coutinho Paes, era o Chicão, é meu amigo particular, até que ele era locutor lá. E tinha o Jota Tormin que, infelizmente, ele deixou de participar, de ser radialista da Rádio Universitária, passou pra outra rádio né, é um excelente locutor né. Desde aquela época eu já sou ouvinte da Rádio. Depois ela passou lá pro Lago das Rosas né. Então, eu sou ouvinte assíduo, inclusive eu já mandei mensagens de colaborações pra Rádio quando ela existia, inclusive, lá na Avenida, na Alameda Botafogo. E também já mandei correspondência aqui pra Rádio, no Lago das Rosas lá. Mandei aos cuidados daquele locutor, aquele diretor, o Roberto Nunes. E pra aquela que tem o programa do meio-dia, como ela se chama aquela radialista que tem aquele programa. Esqueci o nome dela. Eu já mandei carta pra ela também.

**8) O que continha nas suas cartas, o que você escrevia nas cartas?**

São calígrafos. Mensagens, eu mandava umas mensagens. Eu não me recordo mais. Mandava algumas curiosidades lá pra Rádio. Eu sempre mandava, mandei. Eles devem ter lá no arquivo se eles guardaram as correspondências lá.

**9) Eles responderam?**

Responderam de vez em quando. Responderam algumas cartas sim. É. Exatamente.

**Como você vê a Rádio da época em que você começou a escutar para agora. Você vê alguma... ?**

Ela melhorou, ela melhorou. Inclusive, agora, parece que ela tem já um pouco mais a atenção voltada para o ouvinte, parece que em certo horário mesmo já tem alguns programas em que eles falam para o ouvinte pedir a música. Mas isso aí é importante. Então, eu acho que melhorou, graças à direção lá do Roberto Nunes. Parece que ele tá dando uma...

**10) Qual período você ouve a Rádio?**

Na parte da tarde. Depois das 14h. Ou, então, à noite, ouço demais, o programa depois da Voz do Brasil né. Eu gosto demais de ouvi-la, principalmente quando tem aquele programa do João Sobreira Rocha né. Muito importante aquele programa. Eu acho ele um cidadão sensacional, um excelente comunicador.

**11) O que você acha de bom nele?**

Ele é muito assim, tem um bate papo muito amigo com o povão de modo geral né. Inclusive ele liga para o ouvinte ou, então, divulga o telefone da Rádio e os ouvintes ligam para lá e a gente vê que tem uma participação bonita. Então, isso são coisas que a gente acha muito importante. Então, a Rádio deveria manter outros comunicadores bem amigos, igual o sistema que é ele. O Sobreira Rocha tem uma comunicação alegre, sadia né. E coisas que também, às vezes, estão a ser arrumadas em Goiânia, acho que a Rádio deveria também pedir o ouvinte para ligar, dando sugestão o que está faltando na cidade, alguma coisa assim. Quer dizer, deveria, eu acho que a Rádio ter esse programa, esse tipo de coisa também, contato com o público geral, assim, o ouvinte nesse sentido.

**12) O que não te agrada quando ouve a Rádio?**

Não, não tenho, assim, restrição não. Eu só não me importo mesmo que no horário assim do futebol né. Eu não sou ligado a futebol não. Mas não vou dizer que sou contra não, certo? Mas, os outros programas são bons. Só que é aconselhável,

repito, ter mais, assim, ao vivo né. Locução ao vivo para que o ouvinte participe, ligando na Rádio e pedindo as músicas ou fornecendo sugestões. Acho que isso é importante para um aprimoramento da Rádio né.

**13) Você lembra algum programa, alguma informação que você ouviu que te mudou?**

Não, de momento eu não lembro, não. Não posso te dizer, não lembro não. Mas é melhorar um pouco.

**14) Quando você está ouvindo a Rádio, você ouve onde?**

Eu ouço aqui no meu trabalho. Lá em casa também. Aí eu ouço. Certa vez, ela tinha um programa à noite que, às vezes, o locutor ia falar, assim, e ele tava com a voz, assim, distorcida. E aí a gente, uma vez, ligou pra eles informando isso aí que tava irregular, eles corrigiram. Viu que houve uma atenção assim naquele programa. Parece que era até do Jota Tormin, ele tava com uma voz distorcida, acho que talvez a gravação era muita velha e melhorou. Deu uma reedificada ai. Arrumou também, isso foi coisa que eu, como diz um radialista de Goiás, aqui uma vez, que o ouvinte é um sensor. E tem umas coisas que, às vezes, tá irregular, eu sou assim, coisas que, às vezes, vão bem numa emissora eu faço questão de divulgar, elogiar. Agora, se num vai bem, eu faço questão também de levar ao conhecimento do radialista, no caso aí né.

**15) Você ouve outras emissoras também?**

Eu ouço. Mas eu gosto demais de ouvir a Rádio 730, eu gosto demais de ouvir que ela tem um programa muito bom, na parte da manhã, a Hora do Povo né, sei lá. Um programa acho que é as nove da manhã. Muito importante. E ela tem um jornalismo muito bom também. Jornalismo que eu falo sobre negócio da cidade de um modo geral. Então, é muito importante a Rádio 730. E seria bom que a Rádio Universitária, não digo copiar, mas pelo menos levar o sistema assim, que leva a Rádio 730 – uma programação bem firme, boa, assim que qualquer coisa que está irregular em Goiânia. Então, que refere alguma autoridade, que não faz algumas

coisas que não vai bem, ela leva até o ar, juntamente com ouvinte, e eles sempre procuram corrigir, assim, de modo geral. Acho que isso é importante né.

**16) O que você gosta de fazer nos horários de folga?**

Escrever. Gosto demais de escrever. O meu forte é escrever.

**17) O que você gosta de escrever?**

Algumas poesias, alguns poemas. Eu gosto demais de escrever. Eu gosto demais da língua portuguesa. E observo muito, inclusive, quando a Rádio, às vezes, que ela tá fazendo pronunciamento aí. E por falar em rádio, parece que tá tendo uns radialista em fase de aprendizagem, que a gente vê que eles estão gaguejando, as coisas assim, mas a gente não vai colocar obstáculo nisso, porque vê que , às vezes, está em caráter de teste né. Na Rádio Universitária né, ,às vezes, tem uns programas durante o dia que tem isso aí. Até a locutora, às vezes, locutora, fala assim uma frase, depois repete assim a coisa, porque vê que tá em fase de treinamento, sei lá. Pessoal do jornalismo naturalmente. Mas tudo bem.

**18) Como você imagina o locutor da Rádio?**

A gente vê que existe um esforço por parte deles, assim, mas que, às vezes, há algumas gafes, mas que, às vezes, eles estão corrigindo ainda, porque tão em fase de treinamento né, na Rádio Universitária. Porque eu acho também muito bonito, universitária né, o próprio nome diz dos universitários. E, às vezes, tem radialista que estão procurando, reciclando, procurando aprender mais na comunicação. Tá certo né, ninguém nasce sabendo. (risos)

**19) E as pessoas que ouvem a Rádio?**

Isso eu não posso dizer, eu não dialogo com outros ouvintes sobre esse assunto. Não posso te falar que eu não tenho contato com os outros ouvintes nesse sentido não.

## APÊNDICE F - Entrevistado 06

Estela Mares – 50 anos - estudante de Musicoterapia da UFG

### **1) Como você descobriu a Rádio? O que agrada ou não agrada você na Rádio Universitária?**

Soube da existência da Rádio Universitária quando tinha 11 anos de idade, na escola, por meio de um funcionário da escola, um bedel, que comentou sobre uma rádio que tocava músicas interessantes. De lá pra cá, a Rádio Universitária, inclusive, influenciou diretamente o meu gosto musical, pois fui criada numa família que só escutava sertanejo. Ali na Rádio, então, eu passei a me interessar pelas músicas clássicas. Eu não gosto muito quando sai daquelas músicas mais calmas e vai para as músicas mais badaladas. Ai você fala o gente porque que eles põem essas músicas. Podia tanto por uns trem mais calmos. Porque a música na verdade ela me acalma e antes mesmo de pensar em Musicoterapia, nem tava associando a isso não. Aí outra coisa que eu gosto muito, tem aquele programa que fala dos filmes. Eu gosto muito daquilo ali. De manhã, às vezes, não dá pra eu ouvir porque geralmente quando eu não estava estudando, eu tava indo pra ginástica e tal. Mas, eu chegava e tava passando as músicas, as músicas da manhã é boa. Eu não gosto muito das músicas depois das duas horas. Parece que elas são mais movimentadas. Depois das duas, até duas horas eu ouço tranqüilo, mas depois das duas. Agora tem uns programas que vem do MEC, eu acho ótimo aqueles programas. Só que eu acho assim, deveríamos ter uns programas mais nossos. Por isso eu to sugerindo, porque não pegar os nossos instrumentistas que tem lá no Emac e levar pra tocar. Eu acho que isso ai falta às vezes. Talvez você pode falar assim: não mais o auditório lá é muito pequeno né, a sala de som muito pequena, então leva então solistas, dueto ali, até um quarteto daria pra poder. Grava antes pra passar depois, faz um arranjo sim. Mas eu acho que ficaria mais enriquecido, enriqueceria mais os programas. Outra coisa eu gosto muito da Hora do Brasil, você acredita. Eu fui criada ouvindo a voz do Brasil, eu acho a voz do Brasil ela atinge mais a comunicação, mais na fonte do que a televisão, então eu gosto mais. Apesar que você pode falar assim: mais isso a gente nem vê, não vê perfil de gente pra ouvir

isso. Você pensa que não, mas quem tá na minha faixa de idade gosta. Tem muita gente que fala assim, a rádio mais extinguiu porque tem o computador, a Internet, o G1 que mostra tudo não sei o que. Não extingue, pelo menos na nossa faixa de idade, essas faixas nossas. Você pode passar nas casas das pessoas, principalmente nos bairros, o pessoal tá ouvindo rádio. Não é uma coisa assim, todo mundo hoje tá assistindo televisão. Não, hoje, tem pessoas ainda que ouvem muito rádio.

## **2) Você ouve outra emissora? Como você soube pela primeira vez da Rádio?**

Não, eu gosto mais da Rádio Universitária. Oh por exemplo, eu não gosto daquela Rádio Terra, eu acho muito barulho, assim as pessoas falam muito rápido. Você pode observar que a fala do pessoal da Rádio Universitária é uma fala mais pausada. Eu também gosto daquela é... Que tem informação 24h... Num tem uma rádio que fala só informação? CBN, essa eu também gosto. Quando eu quero ouvir notícias eu passo, eu ligo nela um pouco. Só que as notícias são repetidas, então eu posso ouvir, meia hora eu já ouvi as notícias do dia todo, porque eles repetem. Quando eu pego uma entrevista eu também acho ótimo.

## **3) Como são as notícias da Rádio Universitária?**

Como???

## **4) Comparada com a CBN?**

É a mesma coisa. Parece que vocês pegam de lá. Só que na Rádio Universitária eu vejo mais música do que notícia. Quando eu quero notícia eu passo pra outra. Mas, assim, não é sempre. Também a gente não tem tempo né, de ficar ouvindo só isso.

**5) Além daquela participação que você já falou. Você teve outro tipo de participação na Rádio. Você já ligou lá?**

Não, de ligar eu faço sempre que eu posso. Eu pego o telefone de lá e falo oh, não, eu não concordei com isso ou eu aceitei assim. Eu gosto de participar. De vez em quando eu gosto de participar.

**6) Quem mais ouve aqui na sua casa a Rádio Universitária?**

Meu esposo. Minha filha não.

**7) Por quê?**

Porque também não pára aqui.

**8) O que você conversa com seu esposo a respeito da Rádio?**

Ele gosta, outra coisa, mas ele gosta mais de televisão. Então, quando eu tenho que ouvir, eu ouço lá no quarto e não atrapalho ele. Ou se tem um programa que ele gosta, eu falo: “oh, bem vem cá, tá falando um negócio sertanejo aqui, do jeito que você gosta”. Daqueles programas mais sertanejos que ele gosta, aí ele senta lá fica ouvindo e fala: nossa, ai que saudade do meu tempo quando eu era criança. Mas é um público. Aí você fala assim: o seu marido é roceiro? Não, meu marido é advogado, mas viveu numa roça quando era criança, isso faz uma volta à lembrança né.

**9) Como você imagina um público da Rádio Universitária?**

Eu acho assim, o público ainda tá, eu acho que o público tá diminuindo porque a televisão ela vem com mais força. Mas tem um público, eu acho que tem muito público. Porque que tem? Você pode observar que você passa nas casas, presta atenção quando você estiver andando na rua, ouve se as pessoas todas estão ouvindo só televisão. Num tá não, tem uma faixa de idade, essas idades nossa de 50 anos, 40, 50 anos, a pessoa tá dentro de casa e precisa de sentir um barulho, uma música, um barulho de gente, parecendo que tem companhia, eles ligam o

rádio. Às vezes eu acho que a televisão tá substituindo isso, mas eu acho que muita gente ainda é o rádio. Entendeu? No serviço, o pessoal, por exemplo, tá trabalhando num serviço mais rotineiro, que ai põe o rádio baixinho; eu presto muito atenção disso. Você fala, mas olha, a pessoa tá ouvindo rádio. Consultório, aquela musiquinha, aquele barulhinho, nhanha, e a pessoa tá ligada né. Então o rádio não é uma coisa que tá esquecido não, ainda é presente. Só que eu acho que tem que ser mais melhorado.

#### **10) Melhorado em que?**

A programação.

#### **11) Como seria uma programação boa pra você?**

Olha. Essa programação fixa de vocês fez o nome da Rádio Universitária. Qual a programação fixa. Por exemplo, o erudito. Ai você fala assim, ah mais nem todo mundo gosta do erudito. Mas tem o público que gosta. Entendeu? Tem criança que gosta, tem adulto que gosta. Essa é uma característica da sua Rádio, então nunca pode ser mudado, ele pode ser melhorado. Melhorado em que. Oh eu tava ouvindo uma programação à noite, de orquestra, depois das 22h tem uma de orquestração. Só que, o que acontece, tá chegando pra gente ela muito falha, muito, a audiência dela tá muito ruim. Eu falo, nossa, essa peça parece que é uma peça tão bonita, mas tá dando interferência. Parece que o aparelho já está tão cansado, já tá desgastado e não tá passando. Antigamente eu lembro que a sonoridade da Rádio era melhor. Isso acaba perdendo público.

#### **12) O que tá perdendo sonoridade, assim?**

Os aparelhos de vocês estão desgastados, eu acho que tá desatualizado. É como se você pegasse um celular tijolão e eu pegasse uma nova geração. Eu acho que ta faltando investir alguma coisa nisso. Eu preciso também saber pelo meu trabalho, eu tenho que fazer as perguntas ainda, quem é a mantenedora da Rádio? Por que a Universidade Federal não ajuda fazer programação lá?

### **13) Por quê? O que você acha disso?**

Não sei. Eu não sei o histórico de vocês. Eu sei que no passado já teve. O pessoal nosso trabalhava lá. A Federal antigamente fazia muito trabalho lá e depois eu não sei por que cargas d'água teve problema, algum problema e ficou mais fechado, e não participou; o pessoal nosso não ta participando, eu acho que tinha que abrir pro pessoal de música. Fazer entrevista com pessoal da Musicoterapia, você sabia que tem um seminário que acontecem todas as quintas-feiras no horário das 16h pra frente, 16 -18h, na Praça Universitária? Pois é, é da Musicoterapia. Entendeu. Tem ali na Faculdade de Medicina, direto tá tendo concerto do pessoal da Música, então são tudo coisa que a gente, aproveita que a Rádio já chama Universitária e não divulga isso. Tem eventos no Cine Ouro, que eu sou uma, eu era né, agora não sou mais, agora eu sou assídua na Faculdade. Eu assistia os filmes do Cine Ouro, aquele programa que falava do Cine Ouro, muito oportuno. Só que eu acho assim, porque não propagar as apresentações que acontecem no domingo, as apresentações de teatro, nem de teatro eu não vou, mas eu falo, porque que não? Tem tanta peça lá, que a gente não vê falar. A gente não vê falar que os corais ou mesmo os solistas, que estão apresentando na terça-feira, na quarta-feira, tem uma apresentação lá rica e isso é nosso. E outra coisa, a cidade só sai ganhando com isso. Porque é de baixo custo, de pessoal nosso aqui, que tá tendo, e falta o que, divulgação. E divulgação de quem é? Vocês. Passa muita coisa que eu fico sabendo pelos músicos me avisar, que tem a programação no Teatro Goiânia e a gente não vê essa divulgação. Eu falo, gente cadê essa divulgação, tinha que tá divulgando.

### **14) Porque você acha que não tem essa divulgação na Rádio Universitária?**

Eu acho que ta faltando é ligação entre vocês e a fonte que tá sabendo. Ou vocês se disponibilizam a fazer: olha Cine Ouro, aquele como é o nome eu não sei o nome dele, o presidente lá, que é uma pessoa fantástica, o cara trabalha a bessa, um magrinho. O Brandão: "o Brandão, tem alguma programação especial nessa semana, vocês estão fazendo mostra, tá acontecendo". Um telefonema, gente, um telefonema você fica sabendo da programação e você divulga. E divulga, não é assim, vou divulgar só 22h da noite. Não, é divulgar durante a programação todinha, desde manhã. Olha tá acontecendo isso, isso, isso na cidade, Oh tá tendo o teatro

não sei que; oh tá acontecendo isso no Teatro Goiânia vai aparecer, o coro da Pós vai estar apresentando, é nosso. Eu tenho maior orgulho desse pessoal que trabalha nessa área. Se eu sei que tá acontecendo eu não vou me organizar pra ir; todo evento que eu vou eu sempre levo amigos ou mesmo que eu vá sozinho, porque eu moro aqui no centro, é só atravessar ali eu tô chegando. Mas se eu não ficar sabendo como é que eu vou. Aí chega lá tem pouca gente, porque não foi divulgado. Então eu acho que a divulgação é importante e o papel da divulgação é da Rádio Universitária.

**15) Falando no papel da divulgação, como você imagina os jornalistas lá, as pessoas que apresentam?**

Quando eu ouço, eu acho que o pessoal é muito esforçado. Esforçados no sentido de eles vão até a informação. Eles pegam e vai pelo telefone ou, às vezes, vai pessoalmente assim, pessoalmente onde aconteceu. Eu acho o pessoal muito esforçado. Então, quando das poucas entrevistas que eu vi, eu achei o pessoal esforçado.

**16) Como é quando você está ouvindo eles falando no rádio?**

Por isso que eu to falando, eu achei eles esforçados. Porque eu me coloco no lugar do jornalista, igual você, você vir na minha casa fazer uma entrevista, você não está se esforçando, não está gastando sola de sapato, ônibus pra chegar aqui, o seu tempo. Por isso que eu valorizo isso. E nós estamos formando jornalistas hoje que têm essa eventualidade porque é isso que eles precisa. A gente precisa disso, onde está a notícia.